ISSN 3085-6868
V.3 N.1 Jan./Abr. 2026

JOIS

Journal Of Orofacial Innovation and Science

J86 Journal Of Orofacial Innovation and Science [recurso eletrônico] / Faculdade ILAPEO – v. 3 n.1 (Jan./Abr. 2026) Curitiba: Faculdade ILAPEO, 2024-

Quadrimestral, 2024-

ISSN 3085-6868

Disponível em: <https://jois.ilapeo.com.br/index.php/ojs>

1. Odontologia. I. Faculdade ILAPEO.

CDD 617.6

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Andrea Mattos CRB/9-1898

Corpo Editorial

Editora Chefe:

Dra. Tatiana Miranda Deliberador- Faculdade Ilapeo

Editor Honorário:

Dr. Geninho Tomé – Faculdade Ilapeo

Editoras Associadas:

Dra. Ivete Aparecida de Mattias Sartori- Faculdade ILAPEO

Dra. Elisa Mattias Sartori - Faculdade ILAPEO

Dra. Ana Cláudia Moreira Melo Toyofuku- Faculdade ILAPEO

Revisores Científicos:

Adriana Corseti - UFRGS

Alexandre Moro - UFPR / UP

Aline Sebastiani - UFPR

Amanda Fischborn - UEPG

Ana Cláudia Moreira Melo - Faculdade ILAPEO

Carla Castiglia Gonzaga - UP

Carlos Reis Araujo - USP

Cícero Dinato -Clínica Dinato

Cristian Higashi - Faculdade ILAPEO

Dalton Marques - Faculdade ILAPEO

Daniel Bonotto - UFPR

Élcio Marcantonio Júnior - FOAr / UNESP

Elisa Mattias Sartori - Faculdade ILAPEO

Esteban Alexis Arroyo Ormeno - Faculdade ILAPEO

Fábio Roberto de Souza Batista - FOA / UNESP

Fernanda Faot - FO / UFPEL

Fernando Luis Esteban Florez - OU Health Sciences / USA

Flares Baratto Filho - TUIUTI

Flavia Furlaneto - FORP /USP

Flávio Domingues das Neves - UFU

Gisele Maria Correr Nolasco - UFPR

Guenther S. Filho - SEU / USA

Gustavo Seabra - UFRN

Hamdan Alghamdi - KSU / SA

Isabela Almeida Shimizu - Faculdade ILAPEO

Ivete Aparecida M. Sartori - Faculdade ILAPEO

João César Zielak - UP

João Paulo Steffens - UFPR

José Mauro Granjeiro -Faculdade ILAPEO

Juliana Saab Rahal - UFPR

Karla Zancopé - UFU

Leonardo Perez Faverani - FOA / UNESP

Letícia Maira Wambier - UEPG

Marcela Claudino - UEPG

Marcela Claudino - UEPG

Marcelo Fontes Teixeira - UNIFOA / UNIG

Maristela Maia Lobo - SLMANDIC

Natanael Henrique Ribeiro Mattos - TUIUTI

Patricia dos Santos Cé - UFSC

Rafael Amorim Cavalcante Siqueira - Universidade Virgínia,USA

Rafaela Scariot - UFPR

Reila Tainá - UFPR

Ricardo Faria Ribeiro - FORP/ USP

Ricardo Moresca - UFPR

Rodrigo Neiva - Penn Dental Medicine Philadelphia

Rodrigo Tiossi - UEL

Ronaldo Hirata - NYU Dentistry / USA

Rubens Moreno de Freitas - Faculdade ILAPEO

Sergio Rocha Bernardes - Faculdade ILAPEO

Suyany Gabrielly Weiss - CAIF

Thiago Revillion Dinato - Clínica Dinato

Valdir Gouveia Garcia - Faculdade ILAPEO

Bibliotecária

Andrea Mattos

Secretária

Caroline de Souza Mendes

Sumário

Oral soft tissue wound healing following the application of an oxygen-releasing gel: a case series..........1-9

Tratamento da mordida aberta anterior com intrusão de molares utilizando ancoragem esquelética: relato de caso..........10-28

Effects of osseodensification on implant primary stability in sites with reduced bone density: a five-year multicenter retrospective clinical study..........29-41

The role of the dental surgeon in the diagnosis and treatment of pemphigus vulgaris: case report..........42-49

Tratamento da maxila atrófica usando ancoragem remota com implantes zigomáticos e curtos: relato de caso de acompanhamento de 4 anos..........50-60

ISSN 3085-6868

CASE SERIES

Oral soft tissue wound healing following the application of an oxygen-releasing gel: a case series

SÉRIE DE CASOS

Cicatrização de feridas em tecidos moles orais após a aplicação de um gel liberador de oxigênio: uma série de casos

Yao Zu Sia[1]
Yet Ching Goh[2]
Renukanth Raman[3]
Chuey Chuan Tan[4]
Wei Cheong Ngeow[5]
Chia Wei Cheah[6]

Autor de correspondência:
chiawei@um.edu.my

[1] BDS, Klinik Pergigian Dr Gabriel Sia, 1-1 Dagang Cahaya, Jalan Dagang 5, Taman Dagang, 68000, Ampang, Selangor, Malaysia,
[2]Yet Ching Goh, BDS, MClinDent, Department of Oral & Maxillofacial Clinical Sciences, Faculty of Dentistry, Universiti Malaya, 50603 Kuala Lumpur, Malaysia
[3]BDS, MClinDent, Ministry of Health Malaysia, Oral Health Division, Ministry of Health Malaysia, 62590 Putrajaya, Malaysia
[4]BDS, MClinDent, Department of Oral & Maxillofacial Clinical Sciences, Faculty of Dentistry, Universiti Malaya, 50603 Kuala Lumpur, Malaysia
[5]BDS, MSc, PhD, Department of Oral & Maxillofacial Clinical Sciences, Faculty of Dentistry, Universiti Malaya, 50603 Kuala Lumpur, Malaysia
[6] BDS, MClinDent, PhD, Department of Restorative Dentistry, Faculty of Dentistry, Universiti Malaya, 50603 Kuala Lumpur, Malaysia

Keywords: Wound Healing; Oral Mucosa; Hydrogels; Oxygen; Bacterial Load; Soft Tissue Injuries.

Abstract

Oral soft tissue healing represents a clinical challenge due to continuous exposure to saliva, mechanical stress, and a complex microbial environment that may impair tissue repair. Novel therapeutic approaches aimed at optimizing local oxygen availability have emerged as promising adjuncts in wound management. This manuscript aims to evaluate the clinical outcomes of oral soft tissue wound healing following the topical application of an oxygen-releasing gel in different clinical scenarios involving oral mucosal injury. Patients presenting with oral soft tissue wounds of distinct etiologies were treated with a topical oxygen-releasing gel as an adjunctive therapy. The gel releases active oxygen upon contact with saliva, promoting angiogenesis and creating a favorable microenvironment for tissue regeneration while limiting anaerobic bacterial proliferation. Clinical healing outcomes were assessed based on tissue repair progression and postoperative recovery. Favorable healing responses were observed across all cases, with accelerated epithelialization, reduced inflammatory signs, and uneventful healing patterns. Based on the findings of this case series, we can conclude that the topical application of an oxygen-releasing gel showed promising clinical outcomes as an adjunctive approach for oral soft tissue wound management. Oxygen-delivering hydrogels may represent a biologically compatible and effective strategy to enhance tissue repair in oral clinical practice.

Palavras-chave: Cicatrização de Feridas; Mucosa Oral; Hidrogéis; Oxigênio; Carga Bacteriana; Lesões de Tecidos Moles.

Resumo

A cicatrização de tecidos moles orais representa um desafio clínico devido à exposição contínua à saliva, ao estresse mecânico e a um ambiente microbiano complexo que pode prejudicar o reparo tecidual. Novas abordagens terapêuticas voltadas para a otimização da disponibilidade local de oxigênio têm surgido como adjuvantes promissores no manejo de feridas. Este manuscrito tem como objetivo avaliar os desfechos clínicos da cicatrização de feridas em tecidos moles orais após a aplicação tópica de um gel liberador de oxigênio em diferentes cenários clínicos envolvendo lesões da mucosa oral. Pacientes que apresentavam feridas em tecidos moles orais de diferentes etiologias foram tratados com um gel tópico liberador de oxigênio como terapia adjuvante. O gel libera oxigênio ativo ao entrar em contato com a saliva, promovendo angiogênese e criando um microambiente favorável à regeneração tecidual, além de limitar a proliferação de bactérias anaeróbias. Os resultados clínicos da cicatrização foram avaliados com base na progressão do reparo tecidual e na recuperação pós-operatória. Respostas favoráveis de cicatrização foram observadas em todos os casos, com epitelização acelerada, redução dos sinais inflamatórios e padrões de cicatrização sem intercorrências. Com base nos achados desta série de casos, podemos concluir que a aplicação tópica de um gel liberador de oxigênio apresentou resultados clínicos promissores como abordagem adjuvante no manejo de feridas em tecidos moles orais. Hidrogéis liberadores de oxigênio podem representar uma estratégia biologicamente compatível e eficaz para potencializar o reparo tecidual na prática clínica odontológica.

Introducion

The oral mucosa serves as a critical protective barrier against mechanical stress, physical trauma, and microbial invasion. Following injury, oral tissues undergo a complex and dynamic sequence of biological events aimed at restoring structural integrity and functional homeostasis. Unlike cutaneous tissues, the oral mucosa exists within a constantly moist and warm environment exposed to saliva and a diverse microbial ecosystem, factors that may significantly influence wound healing outcomes[1,2]. Both local and systemic conditions play an essential role in determining the quality and predictability of tissue repair. Impaired healing may compromise the architectural integrity of oral tissues, potentially resulting in functional limitations and morphological alterations[3].

In clinical practice, haemostasis represents the initial and fundamental phase of wound healing, providing a stable environment for clot formation and subsequent tissue regeneration. Conventional approaches to postoperative bleeding control commonly involve the use of gauze or cotton compression to promote clot stabilization[4]. However, advances in biomaterial science have led to the development of modern wound dressings designed not only to achieve haemostasis but also to enhance tissue protection, improve patient comfort, prolong adhesion, and support biologically favorable healing conditions[4,5].

Currently, several intraoral wound management materials derived from synthetic and biological sources are available. Synthetic agents include hyaluronic acid formulations, chlorhexidine gels, cyanoacrylates, lipophilic polymer complexes, and oxygen-releasing topical gels, whereas biological materials are commonly obtained from plant or animal origins (Table 1).

Among these therapeutic approaches, hydrogels have attracted considerable attention due to their high-water content and structural similarity to the natural extracellular matrix. These hydrophilic polymer networks are capable of absorbing and retaining large amounts of water while maintaining structural stability, thereby recreating a hydrated microenvironment conducive to cellular migration, proliferation, and tissue regeneration [6, 7] additionally, hydrogels function as effective drug-delivery systems, enabling the controlled release of bioactive compounds that may enhance the wound healing process[3].

The application of functional hydrogels is particularly advantageous in the oral cavity, where constant saliva flow and functional movements often limit the retention of conventional topical agents. Oxygen-releasing hydrogels represent an emerging therapeutic strategy by improving local oxygen availability, supporting angiogenesis and cellular metabolism, while contributing to the control of anaerobic microbial proliferation[5].

Therefore, the present manuscript reports a case series describing the clinical application of a topical oxygen-releasing hydrogel (blue®m) in the management of oral and maxillofacial soft tissue wounds, aiming to illustrate its potential to enhance tissue healing while maintaining oral microbiome balance.

Table 1. Different gel formulations from various sources for intra-oral wound applications

Product	Properties/ mechanism	Type of wound	Remarks
Topical oxygen gel	Production of oxygen	Medication-related osteonecrosis of the jaw[5]	Recovery of the long standing osteonecrosis lesion
Hyaluronic acid (film or gel)	Linear polymer of glucuronic acid and N-acetylglucosamine disaccharide	Rat's tongue[6]	
		Extraction socket of patients with Uncontrolled Type II diabetes[7]	Better wound closure rate and wound healing scale
Chlorhexidine	0.2% concentration	Extraction socket[8]	Better wound closure and higher Landry wound healing index
Periacryl	n-butyl cyanoacrylate (fast setting) and 2-octyl cyanoacrylate (flexible)	Coronally advanced flap[9]	Better wound stability
		Palatal wound[10]	Faster epithelization
Adhesive - oral aid	An outer layer composed of lipophilic polymer complex; an inner layer, hydrophilic polymer complex; mucoadhesive layer, reacts with	Palatal graft donor site[11]	Reduce post-operative bleeding in the first 24 hours, reduce operative time

Case Series

Case 1

A 34-year-old Malay male patient was referred to the Periodontal Clinic with a chief complaint of gingival recession affecting the mandibular anterior teeth, primarily associated with aesthetic concerns and dentin hypersensitivity to dietary stimuli. The patient reported that the gingival recession became noticeable following orthodontic treatment performed to correct dental malalignment. Clinical examination revealed multiple facial gingival recession defects in the lower anterior region. Recession depth of approximately 3 mm was observed on teeth 33, 32, and 31, classified as RT2 defects, while tooth 41 presented 1.5 mm of recession (RT1). Teeth 42 and 43 demonstrated approximately 1 mm of recession, also classified as RT1 (Figure 1a). Root coverage surgery was performed using a tunnelling technique combined with a donor human dermal matrix graft to promote soft tissue augmentation and improve gingival thickness. Following flap stabilization and suturing, a topical oxygen-releasing gel (Blue®m) was applied immediately over the surgical site (Figure 1b). The patient was instructed to continue topical application twice daily for five days during the postoperative healing period. At the 5-day postoperative evaluation, sutures were removed, revealing favorable early wound healing characterized by adequate tissue adaptation, absence of inflammatory signs, and satisfactory soft tissue integration (Figure 1c). The surgical outcome resulted in improvement of gingival coverage, with resolution of hypersensitivity symptoms and satisfactory aesthetic enhancement.

Figure 1 - A 34-year-old male with multiple recession on lower anterior teeth (a). There is a combination of RT1 and RT2 recession defects on teeth 33 to 43. Recession coverage was done using donor dermal graft and the tunnelling technique (b). Blue®m gel was applied immediately post-op and the patient was instructed to apply the gel twice daily for 5 days. Sutures were removed at day 5 with very satisfactory healing (c).

Case 2

A 56-year-old female patient previously diagnosed with Generalized Periodontitis Stage IV, Grade B underwent successful Initial Cause-Related Therapy. Following periodontal stabilization, a localized residual deep periodontal pocket persisted at the mesial aspect of tooth 23, associated with an intrabony defect (Figure 2a). Periodontal regenerative surgery was indicated and performed using a Modified Minimally Invasive Surgical Technique (M-MIST) to preserve soft tissue integrity and enhance regenerative outcomes. The intrabony defect was treated with an alloplastic graft material (EthOss® biphasic synthetic graft), selected due to its complete resorption profile and handling characteristics. Primary wound closure was achieved using a single modified Laurell suture, followed by immediate application of a topical oxygen-releasing gel (Blue®m) over the surgical site (Figure 2b). The patient was instructed to apply the gel twice daily for five days during the early postoperative healing phase. At the 5-day postoperative visit, sutures were removed, demonstrating complete approximation of the surgical wound margins with favorable early healing and absence of inflammatory signs (Figure 2c). Clinical reassessment performed three months postoperatively revealed complete resolution of the periodontal pocket without additional gingival recession compared with baseline conditions. Radiographic evaluation demonstrated evident hard tissue fill consistent with regeneration of the intrabony defect.

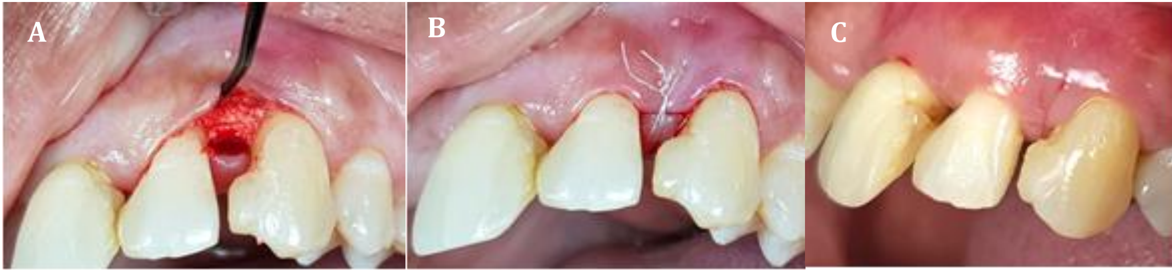


Figure 2 - In this second case, a 56-year-old female has periodontal intrabony defect on mesial of tooth 23 (a). Periodontal regenerative surgery was done with an alloplastic graft. Primary closure was achieved with a single modified Laurel suture and Blue®m gel applied immediately post-op (b). Patient was subsequently instructed to apply the gel twice daily for 5 days. Sutures were removed at day-5 and the surgical wound margins had completely approximated and healed (c).

Case 3

A 45-year-old male patient presented with an edentulous area at tooth site 46 indicated for dental implant placement (Figure 3a). Implant surgery was performed following standard surgical protocols. After implant insertion, primary wound closure was achieved using nylon sutures to ensure adequate soft tissue adaptation. Immediately after suturing, a topical oxygen-releasing gel (Blue®m) was applied to the surgical site (Figure 3b). The patient was instructed to apply the gel topically during the postoperative healing period according to the recommended protocol. At the 7-day postoperative evaluation, complete wound closure was observed with satisfactory soft tissue healing. Sutures were subsequently removed, demonstrating favorable tissue response without signs of inflammation or postoperative complications (Figure 3c).

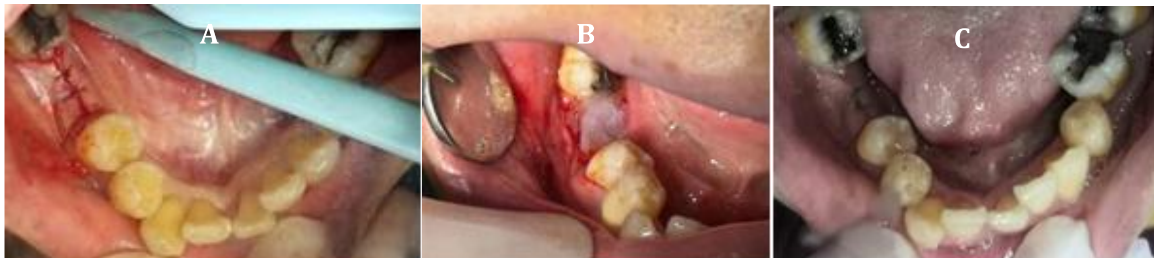


Figure 3 - This third case is a 45-year-old male with edentulous tooth 46 for implant placement (a). After implant surgery, the wound was closed primarily with nylon suture and the application of Blue®m gel (b). On post operative day 7, wound showed full closure and sutures removal was performed (c).

Case 4

A 43-year-old female patient presented with an edentulous area at tooth site 37 indicated for dental implant placement. Implant surgery was performed following conventional surgical protocols, and primary wound closure was achieved after implant installation. A topical oxygen-releasing gel (Blue®m) was applied directly over the sutured surgical site immediately after wound closure (Figure 4a). Approximately 10 minutes following application, a visible oxygen-releasing reaction was observed at the surgical area, indicating active oxygen delivery at the wound interface (Figure 4b). At the first postoperative day evaluation, the surgical site demonstrated favorable early healing characteristics, with adequate tissue adaptation and absence of inflammatory signs. At the first postoperative day evaluation, sutures were removed, and the surgical site demonstrated favorable early healing with satisfactory tissue adaptation and absence of inflammatory signs or postoperative complications (Figure 4c).

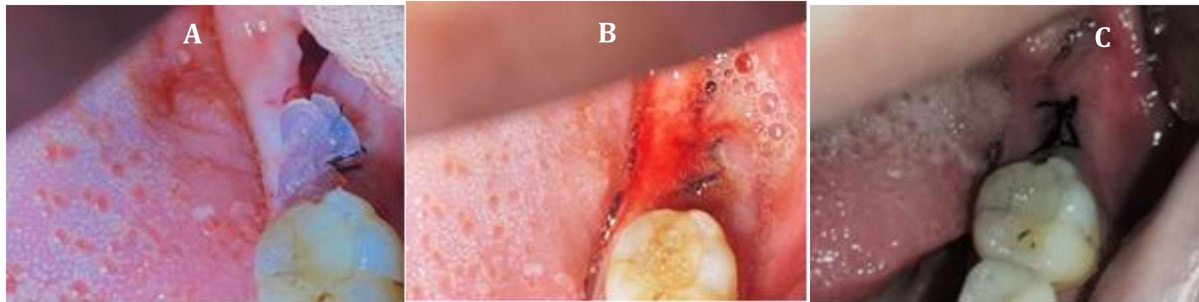


Figure 4 - Fourth case is a 43-year-old female with missing tooth 37 for implant placement. Application of Blue®m gel on the primary closure wound (a). The wound showed oxygen releasing effect after 10 minutes of Blue®m gel (b). On post operative day one, sutures removal was performed and wound appear good (c).

Case 5

A 26-year-old female patient presented with an edentulous area at tooth site 36 indicated for dental implant placement (Figure 5a). Implant surgery was performed according to conventional clinical protocols, followed by primary wound closure to ensure adequate soft tissue adaptation. After suturing, a topical oxygen-releasing gel (Blue®m) was applied over the surgical site and maintained in contact with the wound for approximately 10 minutes (Figure 5b). A visible oxygen-releasing reaction was observed, indicating active oxygen delivery at the wound surface. At the first postoperative day evaluation, the surgical site demonstrated satisfactory early healing, with proper tissue approximation and absence of clinical signs of inflammation or complications. Sutures were removed, and the wound exhibited favorable clinical appearance and stability (Figure 5c).

Figure 5 - This fifth case involves a 26-year-old female with missing tooth 36 for implant placement (a). Blue®m gel was placed on the primarily closed wound. The wound showed oxygen releasing effect after 10 minutes of Blue®m gel (b). On post operative day one, sutures removal performed and wound appeared good (c).

Case 6

A 27-year-old female patient, a breast cancer survivor with a previous history of chemotherapy, presented with hypodontia characterized by congenitally missing teeth 24, 25, and 35. Implant rehabilitation was planned, and the patient opted for implant placement. Implant surgery was performed at tooth site 35 following conventional surgical protocols. After implant placement, primary wound closure was achieved, and a topical oxygen-releasing gel (Blue®m) was applied over the sutured surgical site and maintained in contact with the wound for approximately 10 minutes to support early healing (Figure 6a). At the first postoperative day evaluation, the surgical wound demonstrated satisfactory tissue adaptation and favorable early healing characteristics (Figure 6b). During the same surgical session, autogenous bone grafting was performed for future implant rehabilitation at sites 24 and 25. Bone was harvested from the torus palatinus using a rotary bone harvester following a T-shaped incision, yielding approximately 0.5 cc of autogenous bone. The palatal donor site was treated with topical application of Blue®m gel (Figure 6c) and protected with a BloodSTOP® IX dressing to assist hemostasis and soft tissue stabilization (Figure

6d). At postoperative day one, the palatal donor site exhibited satisfactory granulation tissue formation, while the implant site at tooth 35 showed adequate wound stability and absence of inflammatory signs. Sutures were removed, demonstrating uneventful healing at both surgical areas (Figure 6e).

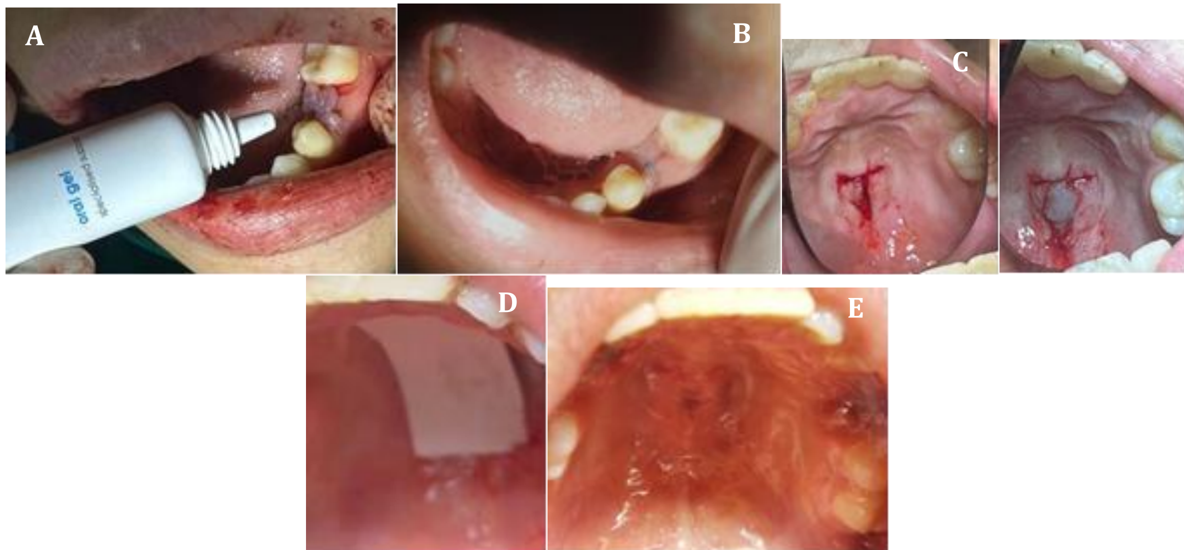


Figure 6 - This sixth case is a 27-year-old female breast cancer survivor with a history of chemotherapy. She presented with missing tooth 35 for implant placement (a,b). Implant surgery was performed with autograft harvested from torus palatinus. Application of Blue®m gel and Bloodstop IX was done over the palatal donor site (c,d). Blue®m gel also applied on the surgical site of 35. On postoperative day one, palatal wound was well granulated and the wound over tooth 35 showed good healing (e).

Discussion

Oxygen-delivering hydrogels have recently emerged as a promising adjunctive approach for wound management in oral and maxillofacial surgery. The oral cavity represents a challenging healing environment due to continuous microbial exposure, saliva contamination, and mechanical stress, factors known to influence wound stability and tissue repair outcomes[1,2]. Enhancement of local oxygen availability has therefore been proposed as a biologically driven strategy to improve healing conditions in oral tissues[5,8].

The present case series demonstrated favorable clinical healing outcomes following adjunctive application of a topical oxygen-releasing hydrogel across different surgical indications, including mucogingival surgery, periodontal regeneration, implant placement, and procedures involving autogenous graft harvesting. Early wound stability and satisfactory tissue adaptation were consistently observed in all presented cases, allowing early suture removal without clinical signs of inflammation or wound dehiscence. Similar clinical benefits associated with topical oxygen therapy have been previously described in periodontal and implant-related surgical procedures[11].

The positive healing responses observed may be explained by the essential role of oxygen in the physiological stages of wound healing. Adequate oxygen tension is required for oxidative phosphorylation and ATP production, which directly support fibroblast proliferation, epithelial migration, and tissue repair.[8] Oxygen also plays a critical role in collagen synthesis through hydroxylation of proline and lysine residues, a process necessary for stabilization of the collagen triple helix and extracellular matrix formation[8].

Additionally, sustained oxygen delivery has been shown to stimulate angiogenesis via upregulation of vascular endothelial growth factor (VEGF), promoting neovascularization and improving nutrient diffusion within regenerating tissues[9]. Improved oxygenation may accelerate transition from the inflammatory phase toward proliferative and remodeling stages of healing, contributing to faster clinical recovery.

Beyond its regenerative effects, oxygen availability influences microbial homeostasis. Increased oxygen tension inhibits the proliferation of anaerobic periodontal pathogens such as Porphyromonas gingivalis and Tannerella forsythia, microorganisms strongly associated with periodontal and peri-implant disease progression[10]. Furthermore, oxygen enhances

neutrophil and macrophage oxidative killing mechanisms, improving host immune response during early wound healing.

The oxygen-releasing hydrogel used in this case series contains sodium perborate, glucose oxidase, xylitol, and lactoferrin. Upon contact with tissue fluids, these components generate controlled low concentrations of hydrogen peroxide, enabling gradual oxygen release while maintaining biocompatibility. Previous investigations have demonstrated that lactoferrin contributes to angiogenesis modulation and collagen fiber formation while exerting antimicrobial activity, supporting favorable healing conditions[8].

Recent clinical observations reported by Leventis et al.(2024)[11] described successful use of topical oxygen gel therapy in periodontal defects, peri-implant diseases, guided bone regeneration complications, and surgical wound management following cyst removal[11]. Likewise, active oxygen therapy has been reported in the treatment of medication-related osteonecrosis of the jaw (MRONJ), achieving complete epithelialization after failure of conventional treatment modalities[5]. These findings support the growing evidence that oxygen-based topical therapies and controlled oxygen-delivery biomaterials may enhance healing outcomes in complex oral surgical scenarios[11–14]. In addition, hydrogen peroxide–based adjunctive antimicrobial approaches and oxygen-carrier hydrogels have also demonstrated beneficial effects in periodontal therapy and tissue engineering[12,13].

Despite the encouraging clinical observations, the inherent limitations of a case series design, including lack of control groups and quantitative outcome measurements, must be acknowledged. Future randomized controlled clinical trials are necessary to validate the clinical effectiveness of oxygen-releasing hydrogels and to establish standardized protocols for their application in oral and periodontal surgery.

Conclusion

Based on the clinical observations presented in this case series, the adjunctive use of a topical oxygen-releasing hydrogel demonstrated favorable outcomes in oral soft tissue wound management across different surgical indications, including mucogingival surgery, periodontal regeneration, implant placement, and procedures involving autogenous graft harvesting. Consistent early wound stability, satisfactory tissue approximation, and uneventful postoperative healing were observed in all cases, including in a medically compromised patient. The sustained release of oxygen may contribute to enhanced angiogenesis, collagen synthesis, microbial control, and improved local tissue metabolism, thereby supporting physiological wound healing processes within the challenging oral environment.

References

1. Ngeow WC, Tan CC, Goh YC, Deliberador TM, Cheah CW. A Narrative Review on Means to Promote Oxygenation and Angiogenesis in Oral Wound Healing. Bioengineering (Basel). 2022;9(11):636.

2. Hao M, Wang D, Duan M, et al. Functional drug-delivery hydrogels for oral and maxillofacial wound healing. Front Bioeng Biotechnol. 2023; 11:1241660.

3. Zhou X, Cai Y, Zhao J. The hemostatic and comforting effects of oral adhesive bandages in tooth extraction. Clin Oral Investig. 2024; 28:244.

4. Varaprasad K, Raghavendra GM, Jayaramudu T, et al. A mini review on hydrogels classification and recent developments. Mater Sci Eng C. 2017; 79:958–971.

5. Deliberador TM, Stutz C, Sartori E, et al. Treatment of MRONJ with topical active oxygen gel. Clin Cosmet Investig Dent. 2024; 16:249–254.

6. Lee JH, Lee KE, Nam OH, et al. Orodispersible hyaluronic acid film delivery for oral wound healing. J Dent Sci. 2022;17(4):1595–1603.

7. Thang NH, Chien TB, Cuong DX. Polymer-Based Hydrogels Applied in Drug Delivery. Gels. 2023;9(7):523.

8. Shoulders MD, Raines RT. Collagen structure and stability. Annu Rev Biochem. 2009; 78:929–958.

9. Guan Y, Niu H, Liu Z, et al. Sustained oxygenation accelerates wound healing. Sci Adv. 2021;7: eabj0153.

10. Müller-Heupt LK, Eckelt A, et al. Local oxygen therapy as antimicrobial option for periodontitis. Antibiotics. 2023; 12:990.

11. Leventis M, Deliberador T, Alshehri F, Alghamdi H. Topical oxygen therapy in implantology and periodontology. Saudi Dent J. 2024;36(6):841–854.

12. Kanno T, Nakamura K, et al. Hydrogen peroxide adjunctive antimicrobial therapy. Sci Rep. 2017; 7:12247.

13. Özçelik H, Batool F, et al. Hyaluronic acid hydrogel containing extracellular oxygen carrier. Int J Pharm. 2021; 605:120810.

14. Müller-Heupt LK, Wiesmann-Imilowski N, et al. Oxygen-releasing hyaluronic acid dispersion for periodontal tissue engineering. Int J Mol Sci. 2023; 24:5936.

Como citar este artigo: Sia YZ, Goh YC, Raman R,Tan CC, Ngeow WC, Cheah CW. Oral soft tissue wound healing following the application of an oxygen-releasing gel: a case series J Orofac Innov Sci. 2026;3(1):1-9.

ISSN 3085-6868

RELATO DE CASO

Tratamento da mordida aberta anterior com intrusão de molares utilizando ancoragem esquelética: relato de caso

CASE REPORT

Treatment of anterior open bite with molar intrusion using skeletal anchorage: a case report

Maria Cecília Miranda[1]
Dhyeissinara Gomes da Silva[2]
Ricardo Cesar Moresca[3]

Autor de correspondência:
mariaceciliamiranda.cd@gmail.com

[1]Mestranda em Reabilitação Oral, Departamento de Prótese e Periodontia, Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo, Bauru/SP, Brasil.
[2]Graduada Cirurgiã-Dentista pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba/PR, Brasil.
[3]Especialista em Ortodontia e Ortopedia Facial pela Universidade Federal do Paraná, Mestre em Ortodontia pela Universidade Metodista de São Paulo e Doutor em Ortodontia pela Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo. Professor Titular do Departamento de Odontologia Restauradora da Universidade Federal do Paraná, Ortodontia, Curitiba/PR, Brasil.

Resumo

A mordida aberta anterior (MAA) é uma má oclusão caracterizada pela sobremordida negativa. O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de tratamento de MAA por meio da intrusão de molares superiores utilizando ancoragem esquelética. A paciente do sexo feminino, 25 anos, foi encaminhada para tratamento ortodôntico devido à queixa principal de recidiva da MAA. No exame extraoral, foram observados retrognatismo mandibular com selamento labial passivo. No exame intraoral, constatou-se apinhamento dos incisivos superiores, ausência dos primeiros pré-molares superiores, molares em relação Classe II de Angle bilateralmente, enquanto os caninos apresentaram relação Classe I no lado esquerdo e Classe II no lado direito e interposição lingual. Para o alinhamento e nivelamento dos arcos dentários foram utilizados bráquetes autoligados passivos estéticos. Para a intrusão dos molares superiores foram inicialmente instalados mini-implantes palatinos e miniplacas vestibulares, que foram substituídas por mini-implantes vestibulares após 6 meses de tratamento. Na fase final do tratamento foram empregados elásticos intermaxilares nos caninos superiores e nos caninos e primeiros pré-molares inferiores para o assentamento da oclusão. O tratamento foi concluído após 23 meses alcançando o fechamento da MAA, com uma sobremordida de 2mm, e correção de alinhamento dentário. Os molares permaneceram em Classe II e foi obtida a relação de Classe I nos caninos. Casos de MAA representam grande desafio para a Ortodontia, dependendo de um diagnóstico preciso e manejo adequado da biomecânica. Concluiu-se, portanto, que o tratamento foi finalizado com êxito devido ao correto diagnóstico, aplicação adequada dos princípios biomecânicos e colaboração do paciente.

Palavras-chave: Mordida Aberta; Má Oclusão; Técnicas de Movimentação Dentária; Ortodontia

Abstract

Anterior open bite (AOB) is a malocclusion characterized by a negative overbite. The present study aims to report a case of AOB treatment through maxillary molar intrusion using skeletal anchorage. A 25-year-old female patient was referred for orthodontic treatment due to the chief complaint of AOB relapse. Extraoral examination revealed mandibular retrognathism with passive lip seal. Intraoral examination showed crowding of the maxillary incisors, absence of the maxillary first premolars, bilateral Angle Class II molar relationship, while the canines presented a Class I relationship on the left side and Class II on the right side, along with tongue interposition. Passive self-ligating esthetic brackets were used for dental alignment and leveling of the arches. For maxillary molar intrusion, palatal mini-implants and buccal miniplates were initially installed, which were replaced by buccal mini-implants after 6 months of treatment. In the final phase of treatment, intermaxillary elastics were used on the maxillary canines and on the mandibular canines and first premolars to achieve occlusal settling. Treatment was completed after 23 months, resulting in closure of the AOB, a 2 mm overbite, and correction of dental alignment. The molars remained in Class II relationship, and a Class I canine relationship was achieved. AOB cases represent a major challenge in Orthodontics, depending on accurate diagnosis and proper biomechanical management. It was therefore concluded that the treatment was successfully completed due to correct diagnosis, appropriate application of biomechanical principles, and patient compliance.

Keywords: Open Bite; Malocclusion; Tooth Movement Techniques; Orthodontics

Introdução

A mordida aberta anterior (MAA) possui várias definições na literatura, entretanto, a que melhor explica a condição descreve como uma má oclusão caracterizada pela falta de contato entre dentes superiores e inferiores[1,2] em relação cêntrica[3,4,5], podendo ocorrer na Classe I, II ou III de Angle[6,7]. Outra definição encontrada retrata a MAA como a ausência de sobremordida[8].

A etiologia da mordida aberta pode ser classificada em causas esqueléticas e dentárias. Essas características anatômicas são parcialmente determinadas pela genética e influenciadas pelo ambiente, ou seja, por fatores comportamentais[9,2]. Entretanto, embora a genética pareça estar correlacionada com as dimensões craniofaciais, o ambiente se mostra mais influente nas variações das arcadas, principalmente quando há presença de hábitos com grande magnitude ou grande duração de força[10].

Em relação aos fatores comportamentais, durante a dentição decídua vários hábitos podem influenciar a mordida aberta, entretanto, as evidências sugerem que esses hábitos não tenham poder negativo no crescimento até os três anos de idade[11,12,13,14, 15]. Após a erupção dos dentes permanentes, com a perpetuação desses hábitos, as chances do desenvolvimento da mordida aberta anterior aumentam[10,16,17], chegando a dobrar a prevalência quando envolve a sucção[6].

Segundo alguns autores, outro fator relacionado à mordida aberta anterior é a posição da língua[18]. Desde bebê, o ser humano possui o hábito de empurrar a língua para frente ao deglutir a fim de criar um selamento fisiológico[10]. Ao realizar esse movimento repetidas vezes durante um longo período, acredita-se que pode causar a abertura da mordida[11,13,14,19]. Em contrapartida, outros autores afirmam que não é possível definir essa situação como causa ou resultado, pois, apenas uma parcela das crianças que realizam o movimento desenvolve a má oclusão[18,20,21]. Além das alterações posturais da língua, a posição da cabeça e da mandíbula também podem influenciar a situação. A postura de cabeça mais posterior com a maxila girando em sentido anti-horário prejudica sua a relação com a mandíbula, permitindo a supra erupção dos molares[10].

Outra situação que pode estar ligada ao desenvolvimento da MAA é a respiração bucal decorrente da obstrução das vias nasais[6,20], inchaço alérgico e outros bloqueios anatômicos[22] que podem levar a um padrão de crescimento hiper divergente e desenvolvimento da mordida aberta[16], entretanto, a minoria dos respiradores bucais apresenta esta condição[10].

Para a correção da mordida aberta anterior existem diversas intervenções terapêuticas, sendo essencial um diagnóstico preciso para a definição da opção de tratamento mais adequada. As terapias disponíveis incluem abordagens cirúrgicas e não cirúrgicas, combinadas com mioterapia e controle de hábitos deletérios, bem como correção ortodôntica[22,24,25]. As intervenções ortodônticas podem envolver a extrusão de incisivos e/ou a intrusão de molares, com ou sem ancoragem esquelética temporária, utilizando miniplacas e mini-implantes[23,24,26].

A ancoragem esquelética com miniplacas e mini-implantes revolucionou o tratamento de diversos problemas esqueléticos, anteriormente corrigidos principalmente com cirurgia ortognática. Os efeitos benéficos desse procedimento são atribuídos à autorrotação da mandíbula no sentido anti-horário, que contribui para a redução das alturas faciais do esqueleto e dos tecidos moles, aumento da projeção do mento, redução da sobressalência e incremento da sobre mordida, além de alterar a posição do lábio inferior[23, 25].

A intrusão de molares é recomendada para pacientes com mordida aberta, que, entre ouras características, apresentam altura molar aumentada. A intrusão dos dentes posteriores ou anteriores é frequentemente difícil de ser alcançada sem causar a extrusão dos dentes de ancoragem. A utilização da ancoragem esquelética oferece uma solução eficaz para este problema. Por exemplo, a intrusão dos dentes posteriores é crucial na correção da mordida aberta, e relatos de casos demonstram que o uso de miniplacas pode resultar na intrusão dos molares superiores e inferiores em 3 a 5 mm, enquanto promove a rotação mandibular no sentido anti-horário[27,28].

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo relatar um caso clínico de tratamento da mordida aberta anterior através da intrusão de molares com ancoragem esquelética. A paciente em questão autorizou a utilização das imagens e das informações do caso por meio da assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para este fim.

Relato de caso

Diagnóstico

A paciente APK, gênero feminino, 25 anos e 10 meses de idade, buscou tratamento ortodôntico com a queixa principal de mordida aberta anterior. A paciente foi encaminhada para o tratamento ortodôntico por um especialista em desordem temporomandibular e dor orofacial para estabilização oclusal, após o tratamento dos sinais e sintomas de disfunção temporomandibular.

Foi relatado histórico de tratamento ortodôntico prévio com aparelhos fixos, incluindo as extrações dos primeiros pré-molares superiores. De

acordo com o relato da paciente, a mordida aberta anterior surgiu após o término do tratamento.

No plano frontal, a análise facial revelou uma boa proporção entre os terços superior, médio e inferior, além de relação simétrica entre os lados direito e esquerdo e mento centralizado na face. A proporção entre o comprimento do lábio superior e inferior era de 1:2, com selamento labial passivo. No plano lateral, foi observado retrognatismo mandibular, característico de pacientes Classe II de Angle (Figura 1).

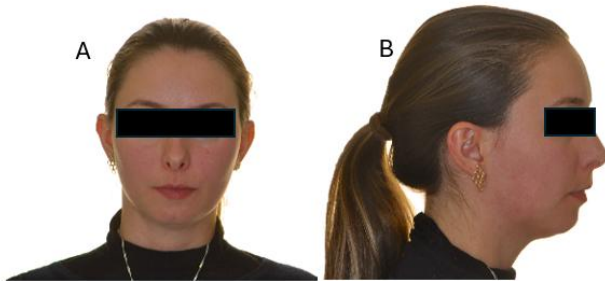


Figura 1 - A: Fotografia inicial frontal demonstrando boa proporção entre os terços da face e simetria entre lados esquerdo e direito. B: Fotografia inicial lateral demonstrando retrognatismo mandibular.

Na análise do sorriso, observou-se a exposição de apenas aproximadamente metade das coroas dos incisivos centrais superiores, caracterizando um sorriso baixo. As coroas dos incisivos inferiores também estavam parcialmente visíveis. A linha do sorriso era consoante em relação à curvatura do lábio inferior e era possível observar interposição da língua lingual entre os arcos dentários na região anterior (Figura 2).

Figura 2: Fotografia do sorriso inicial demonstrando sorriso baixo e interposição lingual entre os arcos na região anterior.

A análise da dentição mostrou que o arco dentário inferior apresentava uma boa forma e que os dentes inferiores estavam bem alinhados. Havia contenção fixa nas faces linguais de caninos e incisivos inferiores. O arco dentário superior apresentava um bom alinhamento, porém, com leve apinhamento nos incisivos centrais e laterais, além das ausências dos primeiros pré-molares.

Na relação interarcos foi observada relação molar de Classe II bilateral, devido às extrações de pré-molares realizadas no tratamento ortodôntico prévio. Os caninos apresentavam relação de Classe I no lado esquerdo e de Classe II de 3mm no lado direito. As linhas médias superiores e inferiores estavam coincidentes. A mordida aberta anterior caracterizada pela ausência de contato entre os dentes superiores e inferiores, estava presente desde o segundo pré-molar superior direito até o segundo pré-molar superior esquerdo, com uma distância de 3mm entre as bordas incisais dos incisivos centrais superiores e inferiores. O nível de higiene bucal era muito bom e a paciente apresentava recessões gengivais no canino superior direito e nos pré-molares inferiores (Figura 3).

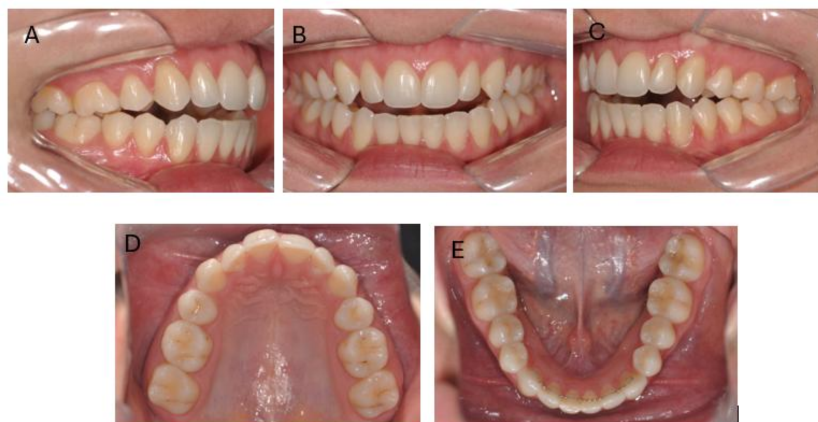


Figura 3: Fotografias intrabucais iniciais evidenciando mordida aberta anterior, relação molar de Classe II bilateral e caninos em relação de Classe I no lado esquerdo e de Classe II no lado direito. A: Vista lateral direita B: Vista frontal C: Vista lateral esquerda D: Vista oclusal arcada superior E: Vista oclusal arcada inferior.

A radiografia panorâmica mostrou que os primeiros molares superiores e o canino inferior direito apresentavam angulação distal e os incisivos centrais inferiores apresentavam inclinação mesial das raízes. Os terceiros molares e os primeiros pré-molares superiores estavam ausentes (Figura 4).

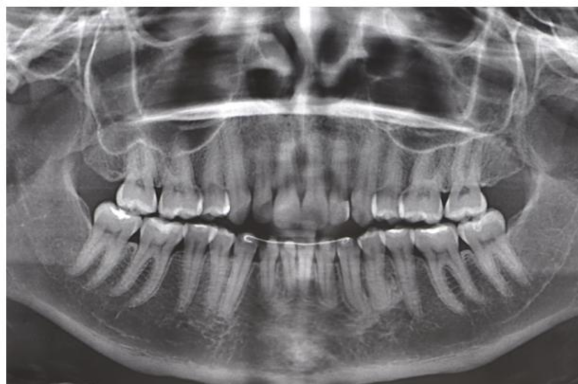


Figura 4: Radiografia panorâmica inicial indicando que os primeiros molares superiores e o canino inferior direito apresentavam angulação distal e os incisivos centrais inferiores apresentavam inclinação mesial das raízes.

Na análise cefalométrica inicial foi observado que a maxila apresentava uma pequena retrusão e que a mandíbula estava acentuadamente repruída em relação à base anterior do crânio (SNA=78º; SNA=71,5º). Os incisivos superiores estavam inclinados para lingual e os inferiores para vestibular (1.NA=18,7º; IMPA= 103º; 1.NA=37º). O padrão facial apresentava uma tendência de crescimento vertical (FMA= 33,5º; SN-GoMe=41,8º; Eixo Y=74,8º) com perfil facial convexo (H. NB=13,7º) – (Figura 5 e Tabela 1).

Tabela 1: Análise cefalométrica inicial.

Variável	Norma	Início
SNA (º)	82	78
SNB (º)	80	71,5
ANB (º)	2	6,5
FMA (º)	25	33,5
SN-GoMe (º)	32	41,8
Eixo Y (º)	67	74,8
1.NA (º)	22	18,7
1-NA (mm)	4	2,0
1.NB (º)	25	37,0
1-NB (mm)	4	8,0
IMPA (º)	90	103,8
Âng. Interincisal (º)	131	117,8
H. NB (º)	10,5	13,7

Fonte: Autores

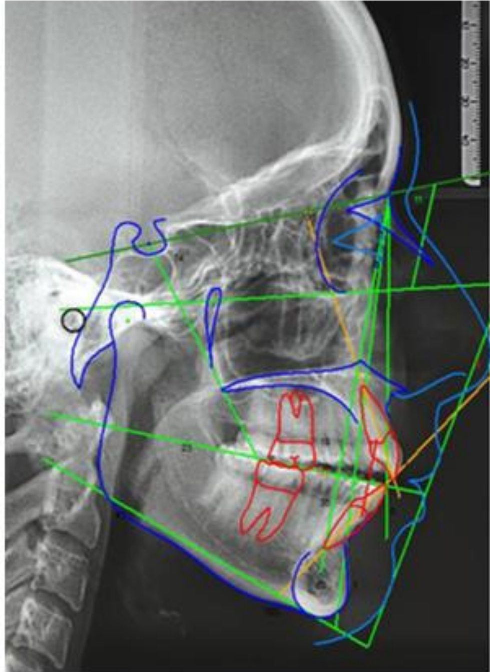


Figura 5: Telerradiografia de perfil com traçado cefalométrico inicial, onde pode ser observado que, sagitalmente, a maxila apresentava uma pequena retrusão e que a mandíbula estava acentuadamente retruída em relação à base anterior do crânio.

Antes do tratamento ortodôntico a paciente apresentava dor temporomandibular associada a quadro e osteoartrite das ATM, com alterações degenerativas moderadas a avançadas para a idade. A estabilização prévia do quadro de dor e o controle da progressão da osteoartrite foi importante para estabilização mandibular e consequente aumento da previsibilidade do tratamento ortodôntico, uma vez que a degeneração progressiva dos côndilos pode causar recidiva da má oclusão (Figura 6).

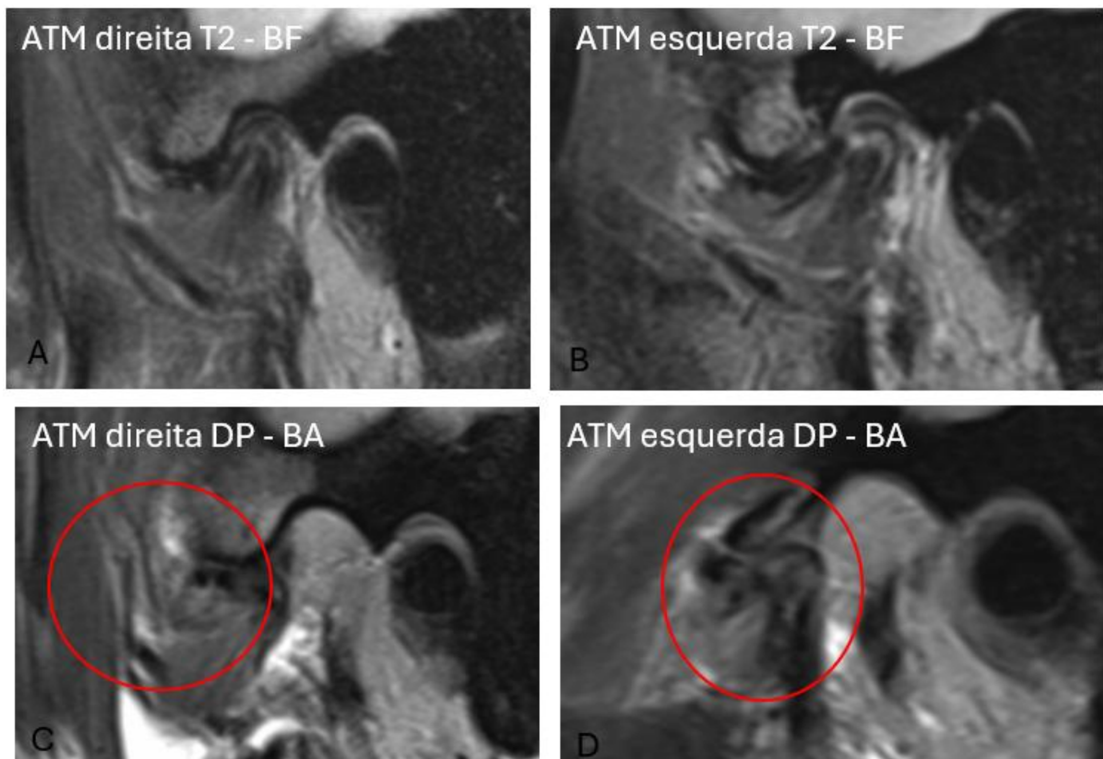


Figura 6: Osteoartrite das ATM com alterações degenerativas moderadas a avançadas. A/B: Ressonância magnética de ATM direita e esquerda com boca fechada C/D: Ressonância magnética de ATM direita e esquerda com boca aberta.

O diagnóstico final foi definido como má oclusão de Classe II por deficiência mandibular com mordida aberta anterior e rotação horária da mandíbula.

Plano de Tratamento

Após o diagnóstico foram propostas as seguintes metas para o tratamento ortodôntico: 1 – alinhamento e nivelamento dos arcos dentários; 2 – Intrusão dos molares superiores com mini - implantes e miniplacas para produzir a rotação anti-horária da mandíbula com o objetivo de fechar a mordida; 3 – Estabilização da oclusão; 4 – Adequação da forma dos arcos dentários e 5 – Obtenção das guias funcionais.

Alternativas de Tratamento

Como alternativa de tratamento, foi proposto o tratamento ortodôntico associado à cirurgia ortognática. A opção de tratamento eleita pela paciente foi a apresentada no plano de tratamento.

Biomecânica

Para o alinhamento e nivelamento dos arcos dentários foram utilizados bráquetes autoligados passivos estéticos com prescrição MBT 0.022” (TrueKlear, Forestandent).

A intrusão dos molares superiores foi iniciada instalando-se mini-implantes no palato nos lados direito e esquerdo, na direção dos pontos de contato entre os primeiros e segundos molares. O movimento de intrusão foi iniciado pelo lado palatino pois havia contatos oclusais mais fortes nas cúspides palatinas dos molares superiores (Figura 7).

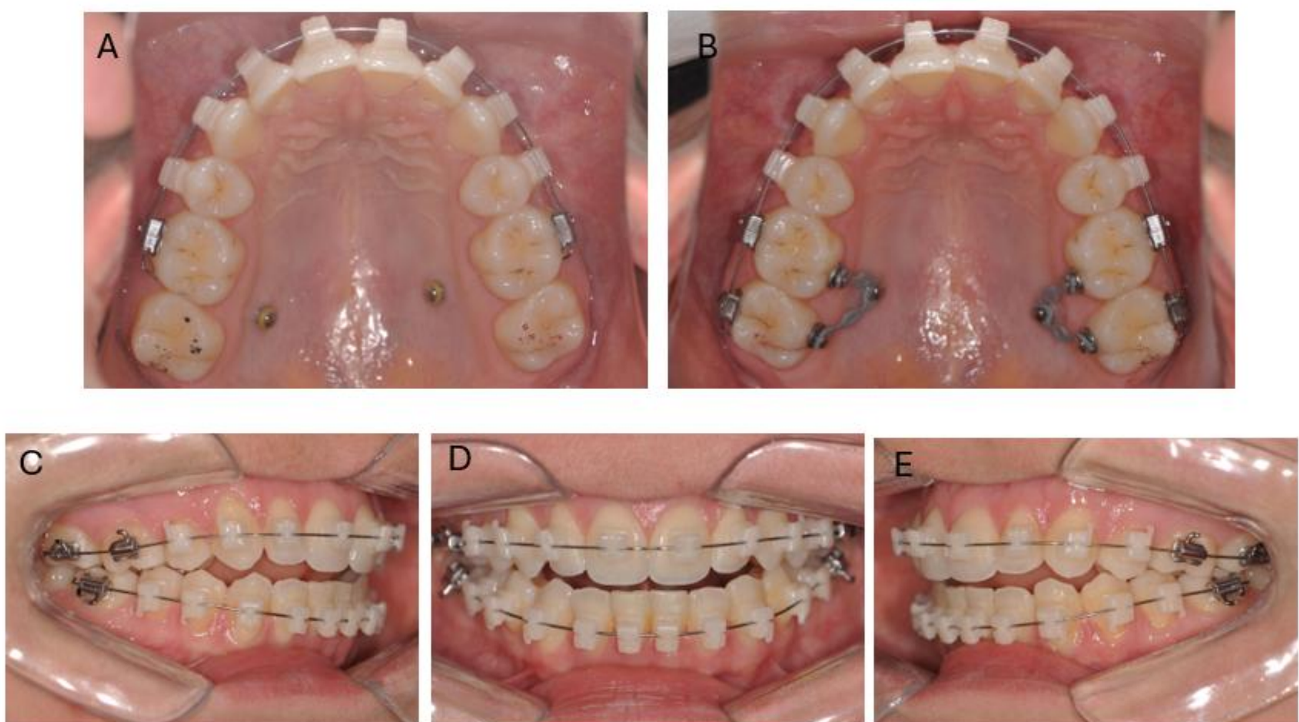


Figura 7: - A intrusão dos molares superiores foi iniciada. A: Instalação dos mini-implantes no palato B: Aplicação de força sobre os mini-implantes C: Aparelho ortodôntico fixo instalados vista lateral direita D: Aparelho ortodôntico fixo instalados vista frontal. E: Aparelho ortodôntico fixo instalado,vista lateral esquerda.

Posteriormente, após o ajuste inicial da inclinação vestibulolingual dos molares superiores foram instaladas miniplacas vestibulares para aplicação de força por vestibular e lingual, para produzir uma resultante passando pelo centro de resistência dos molares superiores, e produzir intrusão absoluta, sem inclinação (Figuras 8, 9 e 10).

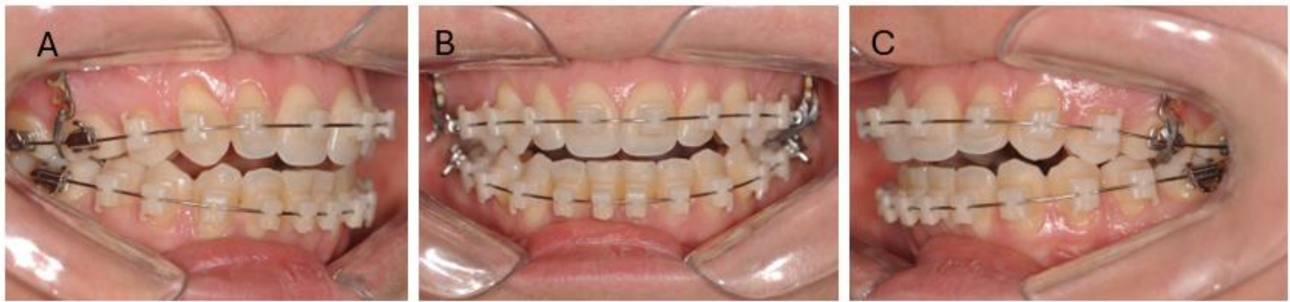


Figura 8 - A: Miniplacas instaladas na região vestibular lado direito B: Vista frontal C: Miniplacas instaladas na região vestibular lado esquerdo.

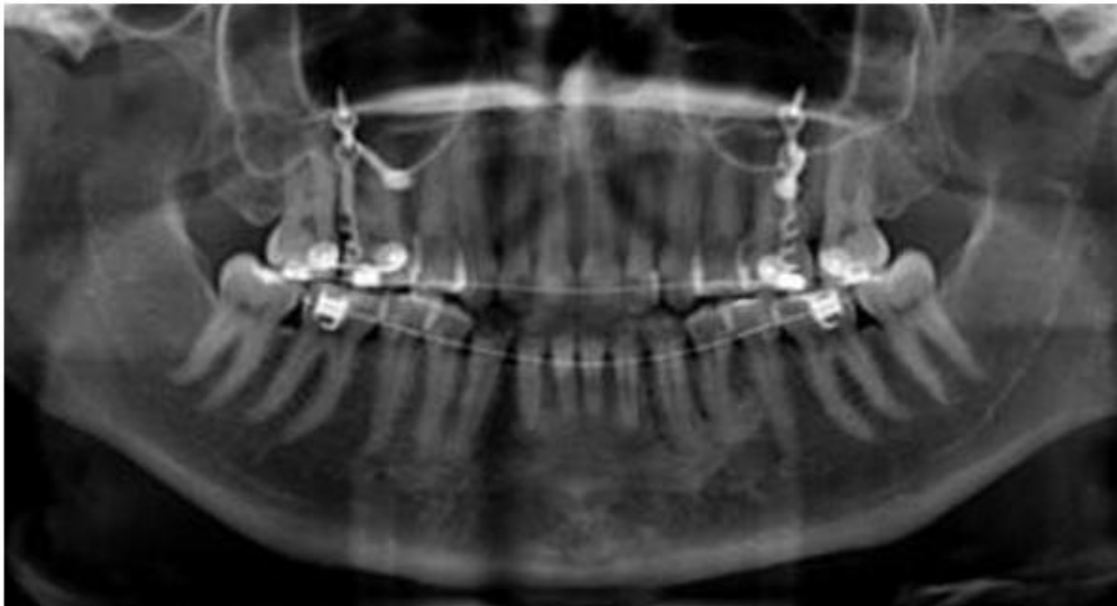


Figura 9: Radiografia panorâmica após instalação de miniplacas vestibulares e mini- implantes palatinos.

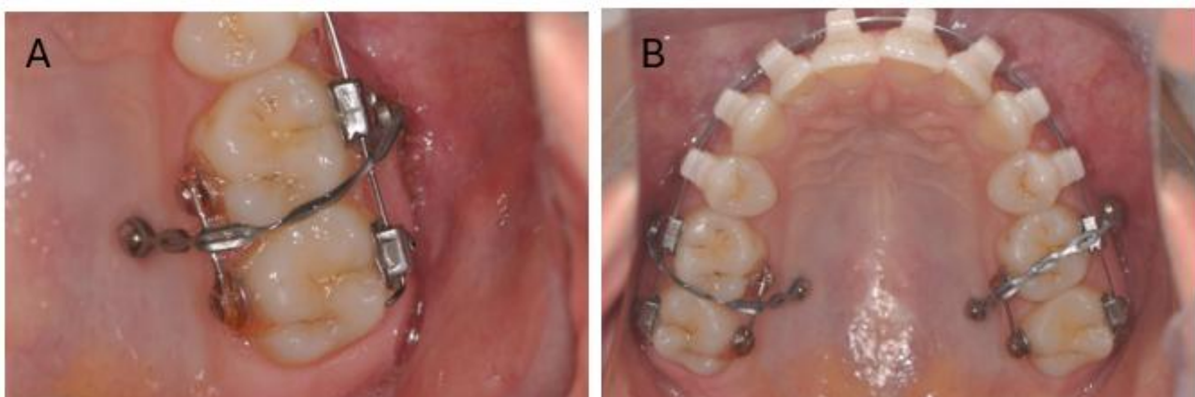


Figura 10: A/B Aplicação de força no sentido vestibulolingual.

Foram utilizados botões linguais conectados com segmentos de fio de aço 0,8mm para estabilizar as correntes elásticas sobre as faces oclusais dos molares superiores.

Progresso do caso

A paciente permaneceu com esse sistema por 6 meses alcançando uma rotação mandibular anti-horária que proporcionou o fechamento inicial da mordida, obtendo-se o trespasse vertical de 1mm (Figura 11).

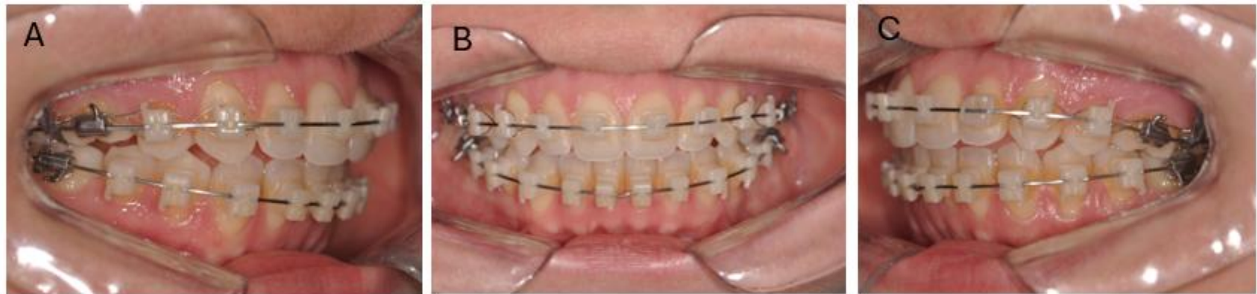


Figura 11: Evolução após 6 meses de tratamento alcançando uma rotação mandibular anti-horária que proporcionou o fechamento inicial da mordida, obtendo-se o trespasse vertical de 1mm. A: Vista lateral direita B: Vista frontal C: Vista lateral esquerda.

Entretanto, durante o tratamento ocorreu a inflamação na região das miniplacas vestibulares e estas foram substituídas por mini- implantes (Figura 12).

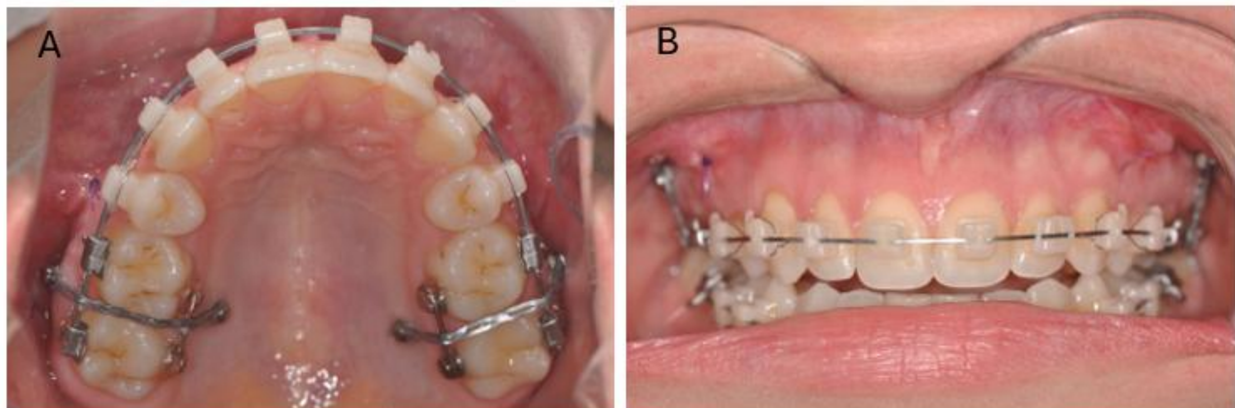


Figura 12: A: Vista oclusal após substituição de miniplacas vestibulares por mini-implantes devido à inflamação B: Vista frontal após substituição de miniplacas por mini-implantes.

Na fase final do tratamento foram utilizados elásticos intermaxilares 3/16” médios triangulares em caninos superiores e caninos e primeiros pré-molares inferiores para assentamento da oclusão (Figura 13).

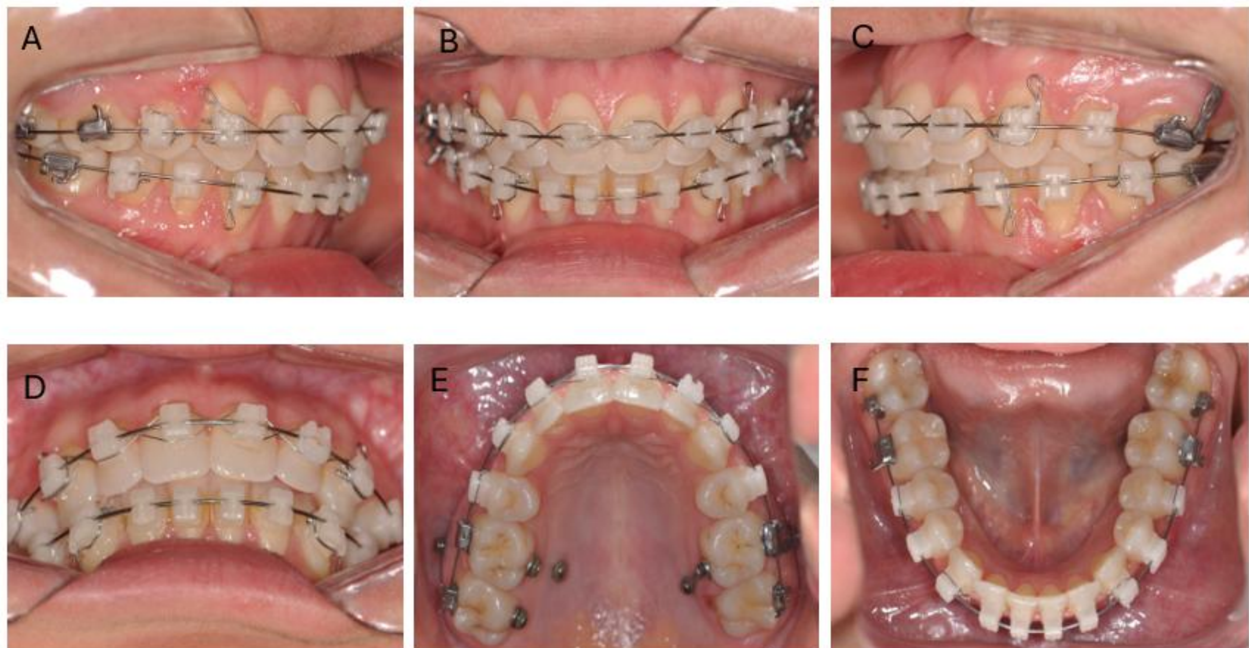


Figura 13: Fase de finalização do tratamento ortodôntico com elásticos intermaxilares para assentamento da oclusão. A: Vista lateral direita B: Vista frontal C: Vista lateral esquerda D: Dentes em oclusão E: Vista oclusal arcada superior F: Vista oclusal arcada inferior.

Resultados do Tratamento

A paciente completou o tratamento de forma satisfatória, concluindo-o ao longo de um período de 23 meses. Em relação aos resultados do tratamento, não existiram alterações faciais significativas, como era esperado (Figura 14). No sorriso, ocorreu o fechamento da mordida aberta anterior com uma melhora significativa da exposição dos incisivos superiores e manutenção da linha do sorriso consoante (Figura 15).

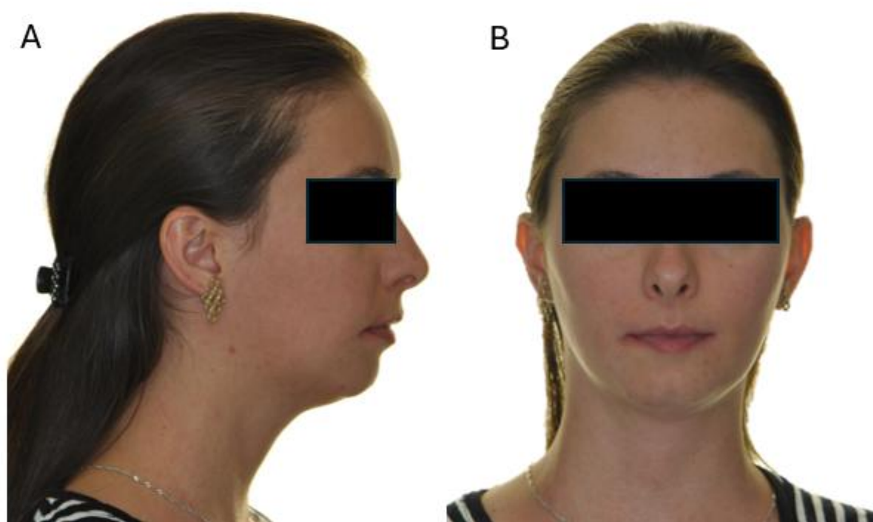


Figura 14: Sem alterações faciais significativas ao final do tratamento. A: Fotografia facial lateral B: Fotografia facial frontal.

Figura 15: Fotografia de sorriso final evidenciando o fechamento da mordida aberta anterior com uma melhora significativa da exposição dos incisivos superiores e manutenção da linha do sorriso consoante.

O caso foi finalizado com os molares em Classe II e os caninos em Classe I, devido às ausências dos primeiros pré-molares que foram extraídos no tratamento ortodôntico prévio ao presente tratamento. As irregularidades do alinhamento dentário e a mordida aberta anterior foram eliminadas. As guias dos incisivos e dos caninos foram restabelecidas, garantindo os princípios de uma oclusão mutuamente protegida. A sobressalência e a sobre mordida finais foram de 2 mm (Figura 16).

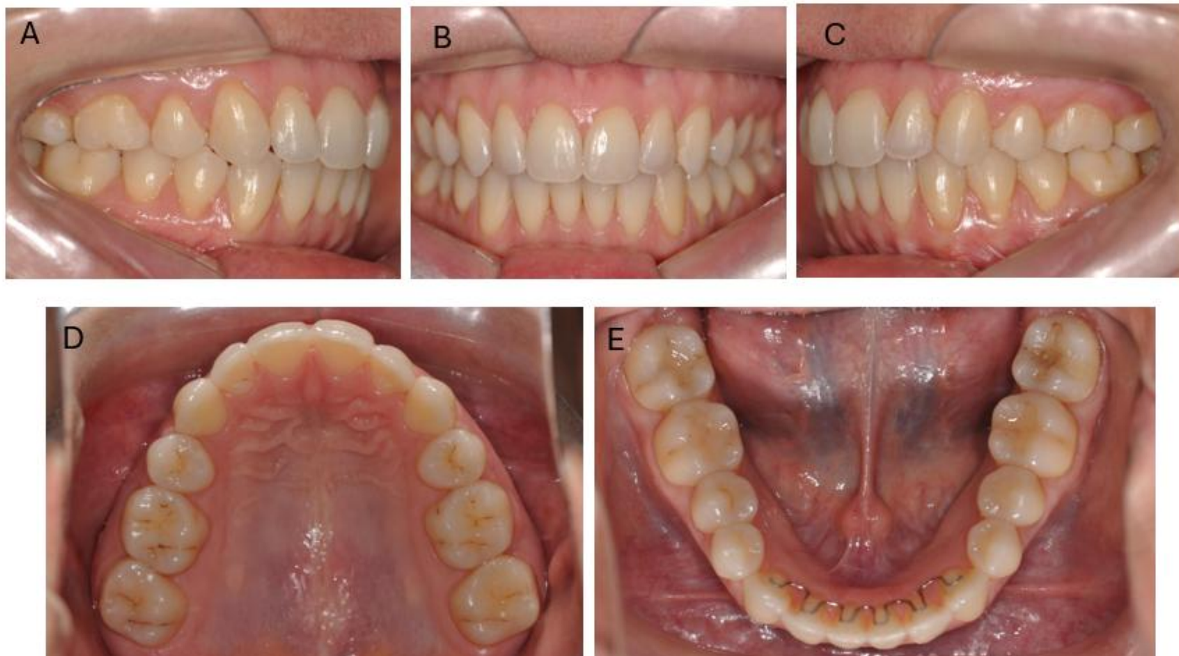


Figura 16: As irregularidades do alinhamento dentário e a mordida aberta anterior foram eliminadas. A sobre mordida final foi de 2mm. A: Vista lateral direita em oclusão B: Vista frontal em oclusão C: Vista lateral esquerda em oclusão D: Vista oclusal arcada superior E: Vista oclusal arcada inferior.

A análise cefalométrica final demonstrou que a principal alteração produzida foi a rotação anti-horária da mandíbula, contribuindo para o fechamento da mordida aberta anterior e diminuição da convexidade facial. Os incisivos superiores sofreram uma inclinação vestibular, enquanto os incisivos inferiores foram inclinados para lingual (Figura 17 e Tabela 2).

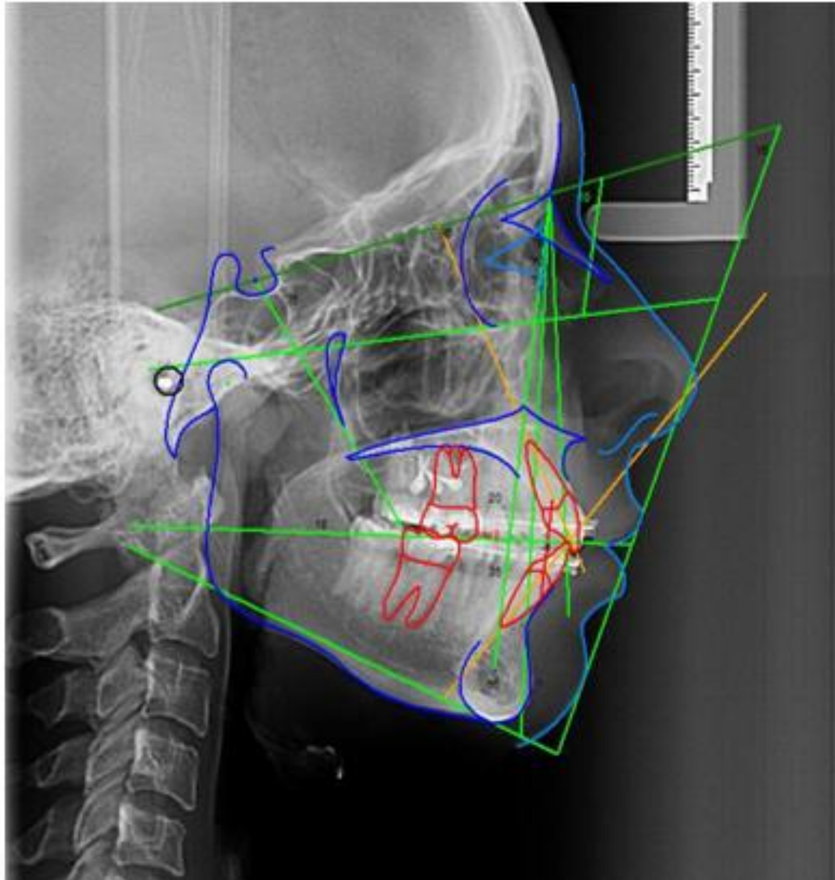


Figura 17: Telerradiografia de perfil com traçado cefalométrico final demonstrando que a principal alteração foi a rotação anti-horária da mandíbula, contribuindo para o fechamento da mordida aberta anterior.

‘

Tabela 2: Análise cefalométrica final.

Variável	Norma	Início	Final	Diferença Início-Final
SNA (º)	82	78	78	0
SNB (º)	80	71,5	74	-2,5
ANB (º)	2	6,5	4	-2,5
FMA (º)	25	33,5	33	0,5
SN-GoMe (º)	32	41,8	40	1,8
Eixo Y (º)	67	74,8	74	0,8
1.NA (º)	22	18,7	20	-1,3
1-NA (mm)	4	2,0	2,0	0
1.NB (º)	25	37,0	35,3	1,7
1-NB (mm)	4	8,0	7,0	1
IMPA (º)	90	103,8	100,0	3,8
Âng. Interincisal (º)	131	117,8	120,0	-2,2
H. NB (º)	10,5	13,7	10,0	3,7

Fonte: Autores

A sobreposição total dos traçados cefalométricos confirma a rotação anti-horária da mandíbula e mostra uma posição mais anterior do mento ao final do tratamento. A sobreposição da maxila indica o movimento distal e intrusão dos primeiros molares e uma discreta inclinação vestibular das coroas dos incisivos centrais, enquanto a sobreposição da mandíbula mostra que ocorreu a inclinação lingual dos incisivos inferiores (Figura 18).

JOIS 2026 Jan-Abr;3(1):10-28

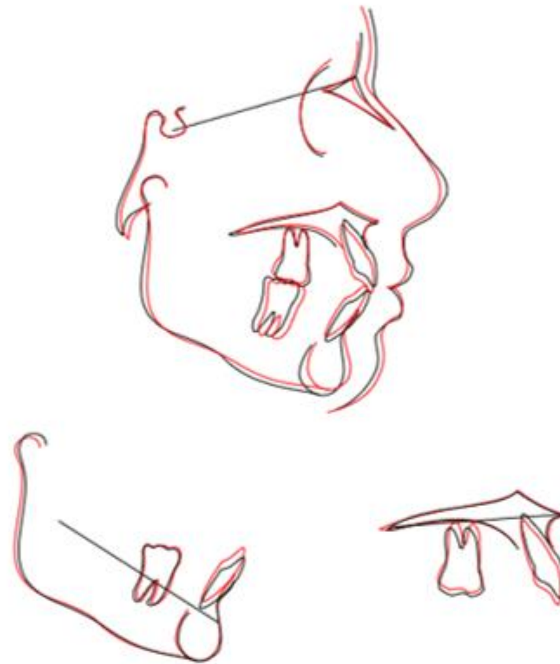


Figura 18: Sobreposições cefalométricas: linha preta – inicial; linha vermelha – final. A sobreposição total dos traçados cefalométricos confirma a rotação anti-horária da mandíbula e mostra uma posição mais anterior do mento ao final do tratamento.

Foi utilizada contenção fixa dos molares superiores aos mini-implantes vestibulares, confeccionadas com fio de aço inoxidável 0,5mm, bilateralmente, para evitar a recidiva da intrusão.

Ainda no arco dentário superior foi utilizada uma placa de acetato de 0,8mm de espessura associada a *attchments* vestibulares nos incisivos e caninos para evitar a intrusão destes.

No arco dentário inferior foi utilizada contenção fixa colada na face lingual dos incisivos e caninos inferiores. O tempo recomendado de uso das contenções foi de 12 meses (Figuras 19 e 20).

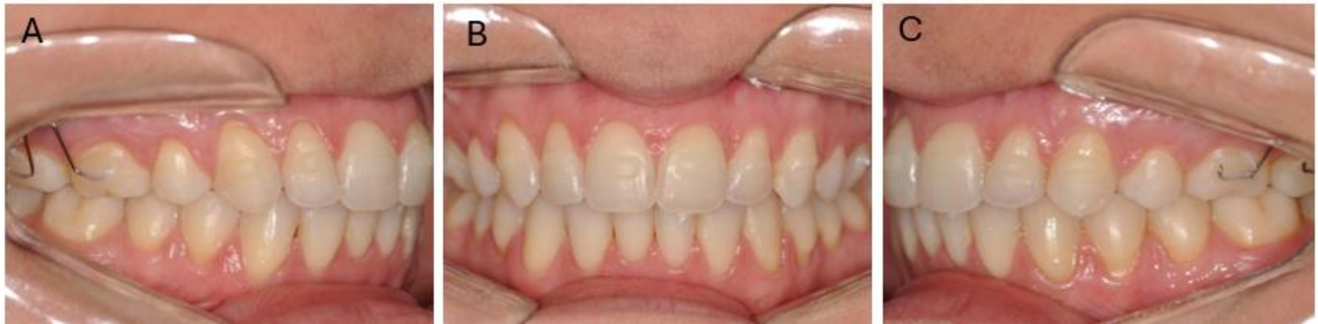
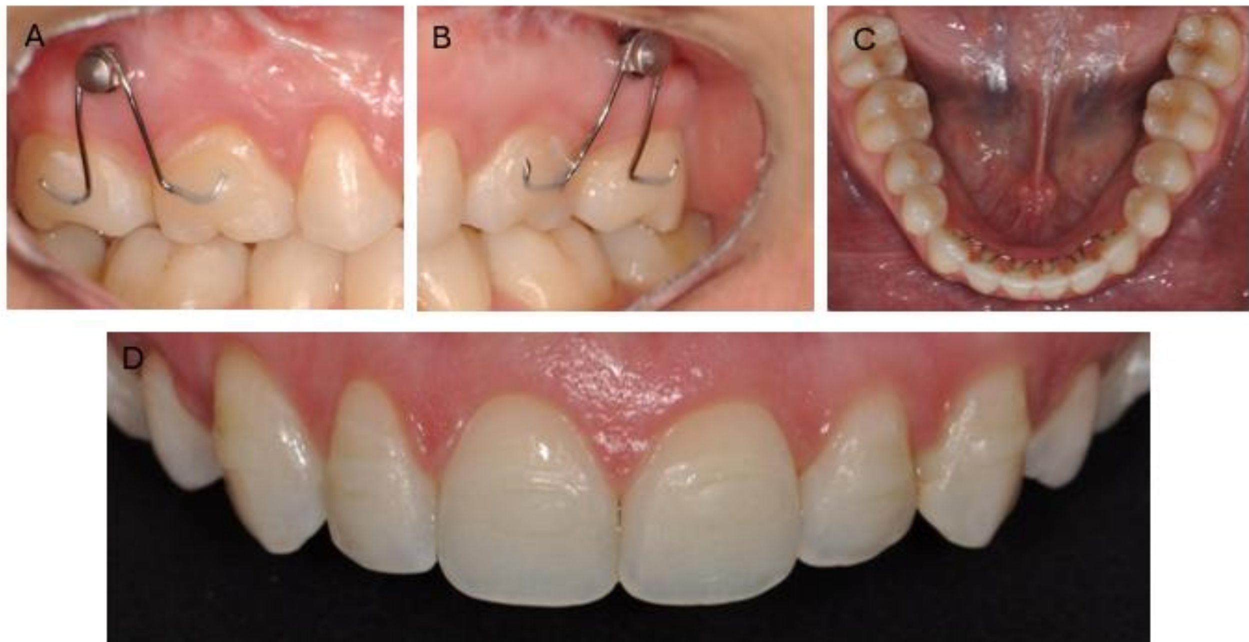


Figura 19: Fotografias intrabucais finais após a instalação das contenções fixas superiores A: Vista lateral direita B: Vista frontal C: Vista lateral esquerda.



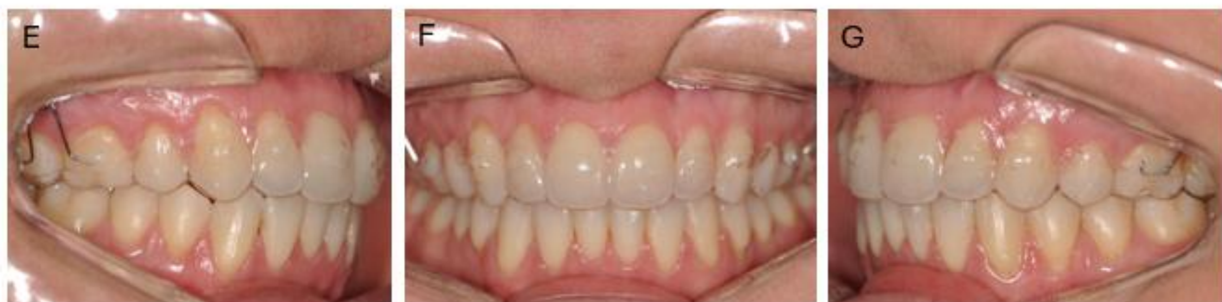


Figura 20: Contenção ortodôntica após finalização do tratamento A: Contenção em mini-implante direito B: Contenção em mini-implante esquerdo C: Contenção palatina inferior D: *Attchments* em dentes superiores E: Vista lateral direita com contenções fixa e removível superior F: Vista frontal com contenções fixa e removível inferior G: Vista lateral esquerda de contenções fixa e removível superior.

.

Discussão

A mordida aberta anterior (MAA) é uma má oclusão desafiadora para os ortodontistas, considerando que apresenta etiologia diversa e multifatorial, produzindo alterações esqueléticas, oclusais, funcionais e estéticas. Além das

dificuldades que podem ser observadas durante o tratamento, principalmente em pacientes adultos, a MAA apresenta ainda alta tendência de recidiva.

No caso relatado no presente artigo a MAA foi classificada como sendo de natureza esquelética uma vez que a paciente apresentava um padrão de crescimento vertical (excesso maxilar vertical, rotação anti-horária do plano palatino, rotação horária da mandíbula, ângulo do plano mandibular aumentado, ângulo goníaco aberto, altura facial anteroinferior aumentada e altura facial posterior diminuída), alterações dentárias, como aumento da altura dento alveolar posterior e divergência dos planos oclusais superior e inferior, além de atividade muscular desfavorável, afetando lábios, língua e músculos mastigatórios.

Com base em um minucioso diagnóstico foi definido que a intrusão dos molares superiores seria necessária para corrigir a mordida aberta e promover a rotação mandibular anti-horária, como alternativa à cirurgia ortognática. A literatura apresenta diferentes métodos para a intrusão de molares superiores e inferiores. Estudos mostram que a ancoragem esquelética, utilizando mini-implantes e miniplacas, é uma excelente opção para evitar movimentos dentários indesejados e fornecer maior controle biomecânico[29].

A mecânica de intrusão de molares superiores com ancoragem esquelética pode ser realizada com a aplicação de forças por vestibular e/ou lingual. A aplicação de força apenas por vestibular promove a inclinação vestibular dos dentes associados à mecânica. De igual modo, quando a força é aplicada apenas por lingual ocorre a inclinação dos dentes na mesma direção. Estes modelos de aplicação de força podem ser utilizados quando os dentes apresentam inclinações vestibular ou lingual acentuadas ao início do tratamento. Quando a intrusão absoluta é necessária, a força resultante deve passar pelo centro de resistência dos dentes a serem movimentados. Para estes casos, deve ocorrer a associação de forças isoladas (vestibular ou lingual) com dispositivos de estabilização, como um arco transplatino, por exemplo, ou devem ser aplicadas forças por vestibular e lingual. Para viabilizar a aplicação de força por vestibular podem ser usados mini-implantes e miniplacas. Por palatino apenas a utilização de mini-implantes é viável[30].

No presente caso clínico, a intrusão de molares superiores foi iniciada utilizando a biomecânica por palatino com mini-implantes porque os molares superiores estavam inclinados para vestibular com contatos mais pesados nas pontas das cúspides palatina. Após a correção inicial foram instaladas miniplacas por vestibular para produzir a intrusão absoluta destes dentes. Como é relatado na literatura, as miniplacas podem causar inflamação gengival e desconforto para o paciente, limitando o seu uso. Foi o que ocorreu no tratamento em discussão, o que levou a substituição das minis placas por mini-implantes também por vestibular[8].

A utilização da ancoragem esquelética permitiu uma movimentação controlada e precisa, o que resultou em uma correção eficaz da mordida aberta anterior. Os resultados foram bastante significativos após 23 meses de tratamento. Os caninos foram finalizados em Classe I e os molares permaneceram em Classe II (devido às extrações prévias dos pré-molares superiores) após a correção da mordida aberta anterior. A sobre mordida de 2 mm obtida foi considerada clinicamente aceitável e está dentro dos parâmetros normais[31,32].

A sobreposição cefalométrica demonstrou que a biomecânica empregada foi efetiva na intrusão dos molares superiores produzindo a rotação anti-horária da mandíbula, o que favoreceu o fechamento da mordida, a projeção do tecido mole do mento e a redução da altura facial anteroinferior. A associação com elásticos verticais nos caninos superiores e nos caninos e primeiro pré-molares inferiores contribuiu no fechamento da mordida, produzindo uma pequena extrusão dos incisivos. Embora o perfil facial tenha permanecido inalterado, a melhora na exposição dos incisivos superiores contribuiu para a melhora estética do sorriso e aumentou a satisfação da paciente[33].

Antes do tratamento ortodôntico atual, a paciente recebeu atenção relacionada à DTM para o controle dos sinais e sintomas. A oclusão inadequada pode agravar os sintomas de DTM e a correção ortodôntica pode melhorar significativamente as funções articulares[33]. O reposicionamento mandibular causado pela intrusão molar e a correção da relação oclusal pode ter contribuído para estabilizar a DTM. Estudos indicam que a correção da mordida aberta e o realinhamento adequado dos arcos dentários frequentemente aliviam a sobrecarga na articulação temporomandibular[34]. Mesmo após a conclusão do tratamento ortodôntico, há a necessidade de monitorar a evolução do quadro articular, por se tratar de uma condição crônica. Além do bem-estar da paciente (ausência de dor temporomandibular e de queixas funcionais), é necessário avaliar periodicamente a estabilidade

morfológica das ATM.

Um dos maiores desafios no tratamento da mordida aberta anterior é a recidiva, principalmente em pacientes adultos e com má oclusão Classe II. As taxas de recidiva podem chegar a 50% após tratamentos convencionais e são mais prováveis em pacientes com padrões de crescimento desfavoráveis[35], como a rotação mandibular horária observada na paciente deste caso.

Considerando o risco de recidiva, é importante estabelecer um protocolo eficiente para a manutenção dos resultados obtidos no tratamento da MAA com a intrusão de molares. No presente caso clínico os molares superiores foram conectados aos mini-implantes para evitar a extrusão e foram utilizados *attchments* nos dentes anteriores associados a placa de acetato para evitar a intrusão e a consequente recidiva da sobremordida por 12 meses. Também foram indicados exercícios de reeducação e fortalecimento muscular. O acompanhamento contínuo é essencial para garantir que as correções permaneçam estáveis a longo prazo, conforme indicado na literatura sobre estabilidade pós-tratamento[36].

Conclusão

A correção da mordida aberta anterior (MAA) esquelética foi realizada de forma eficaz por meio da intrusão dos molares com o uso de ancoragem esquelética. Além de atuar na correção da MAA, a intrusão dos molares contribuiu para a melhoria de condições associadas, como o perfil retrognático comumente observado em pacientes Classe II de Angle, conforme o caso discutido. O êxito desse tipo de abordagem terapêutica esteve intimamente ligado a um diagnóstico preciso e a um planejamento baseado em princípios biomecânicos adequados e colaboração do paciente. Esse método de tratamento ofereceu vantagens, como menor grau de invasividade e maior conforto ao paciente. A utilização de estratégias adequadas para a contenção dos resultados obtidos foi essencial para a estabilidade do caso durante o período de observação. Sugere-se que estudos longitudinais sejam conduzidos para se conhecer melhor os efeitos e a estabilidade em longo prazo da correção da mordida aberta com a intrusão de molares.

Referências

1. Wanjau J, Sethusa MPS. Etiology and pathogenesis of anterior open bite: a
review. East Afr Med J. 2010 Nov;87(11).

2. Kravitz ND, Kusnoto B, Tsay TP, Hohlt WF. The use of temporary anchorage devices for molar intrusion. J Am Dent Assoc. 2007 Jan;138(1):56-64

3. Cozza P, Mucedero M, Baccetti T, et al. Tratamento ortodôntico precoce da má oclusão esquelética de mordida aberta: uma revisão sistemática. Ângulo Orthod. 2005; 75:707–713.

4. Smithpeter J, Covell DJ. Recidiva de mordida aberta anterior tratada com
aparelhos ortodônticos com e sem terapia miofuncional orofacial. Am J Orthod
Dentofac Orthop. 2010; 137:605–614.

5. Worms FW, Meskin LH, Isaacson RJ. Open-bite. Am J Orthod. 1971 Jun;59(6):589-95. doi: 10.1016/0002-9416(71)90005-4.

6. Lentini-Oliveira DA, Carvalho FR, Ye Q, et al. Tratamento ortodôntico e
ortopédico da mordida aberta anterior em crianças. Livros Cochrane. 2007; 2:1–
24.

7. Subtelny JD, Sakuda M. Open-bite: Diagnosis and treatment. Am J Orthod. 1964 May;50(5):337-57.

8. Leung MT, Lee TC, Rabie AB, Wong RW. Use of miniscrews and miniplates in orthodontics. J Oral Maxillofac Surg. 2008 Jul;66(7):1461-6. doi: 10.1016/j.joms.2007.12.029. PMID: 18571031.

9. Rijpstra C, Lisson JA. Etiology of anterior open bite: a review. J Orofac Orthop. 2016 Jul;77(4):281-6. doi: 10.1007/s00056-016-0029-1. PMID: 27098640.

10. Proffit WR, Fields HW, Sarver DMS. Ortodontia Contemporânea. 4th ed. St. Louis: Mosby Elsevier; 2007. p. 751.

11. Beane RAJ. Tratamento não cirúrgico da mordida aberta anterior: uma revisão das opções. Semin Orthod. 1999;5:275–283.

12. Lentini-Oliveira DA, Carvalho FR, Ye Q, et al. Tratamento ortodôntico e ortopédico da mordida aberta anterior em crianças. Livros Cochrane.

2007;2:1–24.

13. Ribeiro GLU, Regis S, de Morais Alves da Cunha T, et al. Arco multiloop edgewise no tratamento de paciente com mordida aberta anterior e face longa. Am J Orthod Dentofac Orthop. 2010;138:89–95.

14. Werres A. Craniomandibular dysgnathia: classificação ortodôntica, avaliação e tratamento. In: von Piekartz HJM, editor. Dor craniofacial. Filadélfia: Elsevier: Butterworth Heinemann; 2007. p. 285–294.

15. Hsu JY, Cheng JH, Feng SW, Lai PC, Yoshida N, Chiang PC. Strategic treatment planning for anterior open bite: a comprehensive approach. J Dent Sci. 2024;19(3):1328-1337. doi:10.1016/j.jds.2024.04.001.

16. Ng CST, Wong WKR, Hagg U. Tratamento ortodôntico da mordida aberta anterior. Int J Paediatr Dent. 2008; 18:78–83.

17. Uribe FA, Nanda R. Manejo da má oclusão da mordida aberta. In: Nanda R, editor. Biomecânica e estratégias estéticas em ortodontia clínica. St. Louis:
Elsevier Saunders; 2005. p. 156–176.

18. Erverdi N, Keles A, Nanda R. O Uso da Ancoragem Esquelética no Tratamento da Mordida Aberta: Uma Avaliação Cefalométrica. Angle Orthod. 2004 Jun 1;74(3):381–390.

19. Uribe FA, Nanda R. Mecânica e aparelhos eficientes para corrigir o excesso vertical e a mordida aberta. In: Nanda R, Kapila S, editors. Terapia atual em
ortodontia. St. Louis: Elsevier Mosby; 2010. p. 171–185.

20. Matsumoto MAN, Romano FL, Ferreira JTL. Mordida aberta: diagnóstico, tratamento e estabilidade. Braz Dent J. 2012; 23:768–778.

21. Piancino MG, Isola G, Merlo A, et al. Padrão de mastigação e ativação muscular em pacientes com mordida aberta. J Electromyogr Kinesiol. 2012; 22:273–279.

22. Joondeph DR. Estabilidade, retenção e recaída. In: Graber LW, Vanarsdall RL, Vig KWL, editors. Orthodontics. Princípios e técnicas atuais. Filadélfia: Elsevier Mosby; 2012. p. 991–1017.

23. Alsafadi AS, Alabdullah MM, Saltaji H, et al. Efeito da intrusão de molares com dispositivos de ancoragem temporária em pacientes com mordida aberta anterior: uma revisão sistemática. Prog Orthod. 2016; 17:9.

24. Paik CH, McComb R, Hong C. Differential Molar Intrusion with Skeletal Anchorage in Open-Bite Treatment. J Clin Orthod. 2016;50(5):276-289.

25. Kassem HE, Marzouk ES. Prediction of changes due to mandibular autorotation following miniplate-anchored intrusion of maxillary posterior teeth in open bite cases. Prog Orthod. 2018 May 14;19(1):13.

26. Andrade CA, et al. Intrusão posterior com ancoragem esquelética para o tratamento da mordida aberta anterior. 2019. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/3dca624e-b0e5-48c8-8a5b-6901db2c035b/3 132105.pdf. Acesso em: 01 jun. 2024.

27. Jones JP, Elnagar MH, Perez DE. Temporary Skeletal Anchorage Techniques. Oral Maxillofac Surg Clin North Am. 2020 Feb;32(1):27-37. doi: 10.1016/j.coms.2019.08.003. Epub 2019 Nov 1. PMID: 31685345.

28. Palone M, Pavan F, Carlucci A, Lombardo L. Massive intrusion of maxillary
second molar for prosthodontic purposes through miniscrew-supported biomechanics and fixed partial appliances: A case report. Int Orthod. 2022 Sep;20(3):100662.

29. Kuroda S, Sugawara Y, Takano-Yamamoto T. An orthodontic correction of skeletal Class III open bite using implant anchorage. Eur J Orthod. 2007;29(6):622-33.

30. Moresca R. Tratamento da mordida aberta anterior com intrusão de molares
utilizando ancoragem esquelética. In: 13o congresso internacional ABOR. 2022.

31. Graber TM, Vanarsdall RL, Vig KW. Orthodontics: Current Principles and
Techniques. 5th ed. Elsevier; 2011.

32. Omidkhoda M, Bardideh E, Jahanbin A, Zarei M. Effects of posterior intrusion using skeletal anchorage on treating anterior open bite: a systematic review and meta-analysis. J Dent Res Dent Clin Dent Prospects. 2023;17(4):196-210. doi:10.34172/joddd.2023.40754.

33. Motoyoshi M, Hirabayashi M, Uemura M, Shimizu N. Recommended placement torque when tightening an orthodontic mini-implant. Clin Oral Implants Res. 2007;17(1):109-14.

34. Okeson JP. Management of Temporomandibular Disorders and Occlusion. 7th ed. Elsevier; 2013.33. Pullinger AG, Seligman DA, Solberg WK. Temporomandibular disorders. Part II: Occlusal factors associated with temporomandibular joint tenderness and dysfunction. J Prosthet Dent. 1993;49(3):391-7.

35. Janson G, Valarelli FP, Henriques JF, de Freitas MR, Pinzan A. Stability of
anterior open-bite extraction and nonextraction treatment in the permanent
dentition. Am J Orthod Dentofacial Orthop. 2006;129(6):768-74.

36. Proffit WR, Fields HW, Sarver DM. Contemporary Orthodontics. 4th ed. Elsevier; 2007.

Como citar este artigo: Miranda MC, Silva DG, Moresca RC. Tratamento da mordida aberta anterior com intrusão de molares utilizando ancoragem esquelética: relato de caso. J Orofac Innov Sci. 2026;3(1):10-28.

ISSN 3085-6868

JOIS

CLINICAL STUDY

Effects of osseodensification on implant primary stability in sites with reduced bone density: a five-year multicenter retrospective clinical study

ESTUDO CLÍNICO

Efeitos da osseodensificação na estabilidade primária de implantes em sítios com densidade óssea reduzida: um estudo clínico retrospectivo multicêntrico de cinco anos.

Bruna T. Neiva[1]
João Gaspar[2]
Isaac Tawil[3]
Paul S.Rosen[4]
Salah Huwais[5]
Rodrigo Neiva[1]

Autor de correspondência:
rodrigo.neiva@temple.edu

[1]Department of Periodontology and Oral Implantology, Temple University, Maurice H. Kornberg School of Dentistry, Philadelphia, PA, USA
[2]Department of Oral Surgery, Egas Moniz Center for Interdisciplinary Research, Egas Moniz School of Health and Science, Caparica, Portugal
[3]Private Practice, Brooklyn, NY, USA
[4]Private Practice, Yardley, PA, USA
[5]Department of Periodontics, University of Illinois at Chicago, School of Dentistry, Chicago, Il, USA

Keywords:
Osseodensification; dental implants; bone density; osseointegration.

Abstract

Objectives: This retrospective study aimed to evaluate primary stability of dental implants with different macro designs placed in sites with low bone density using osseodensification (OD) instrumentation.

Material and methods: A total of 254 implants with 6 different macro designs were placed in 184 subjects (Females: 93, Males: 91) in 4 different treatment centers. Follow-up assessments ranged between 13 and 65 months. Implant primary stability measured by insertion torque value (ITV), was the primary outcome variable measured. Secondary outcome measures included implant stability quotient (ISQ) at different implant locations (maxilla vs. mandible), and implant success rate post definitive loading over the duration of the study. ISQ was measured at implant insertion and on a weekly basis at 1, 2, 3, 4, 5, and 6 weeks.

Results: All osteotomies were performed in low density bone (D3-D4) using OD instrumentation. ITV obtained for all implant systems, regardless of its geometry, demonstrated ITV greater than 40Ncm in sites with reduced bone density (D3, D4). ISQ values measured from weeks 0-6 revealed that all implant systems demonstrated high stability values followed by a slight reduction by week 3. ISQ values at week 6 were comparable to baseline for all implants placed. The overall success rate observed was 97.7%.

Conclusions: This multicenter retrospective study demonstrated that OD instrumentation is a safe method to achieve optimal primary stability in areas with low bone density, irrespective of implant macro design and surface characteristics. OD instrumentation resulted in high implant success rate.

Palavras-chave:
Osseodensificação; Implantes dentários; Densidade óssea; Osseointegração.

Resumo

Objetivos: Esse estudo retrospectivo visou avaliar a estabilidade primária de implantes dentários com diferentes macros geometrias instaladas em sítios de baixa densidade óssea usando os princípios da osseodensificação (OD).

Material e métodos: Um total de 254 implantes com 6 diferentes macros geometrias foram instalados em 184 pacientes (93 mulheres e 91 homens) em 4 diferentes centros de tratamento. As avaliações de acompanhamento variaram entre 13 e 65 meses. A estabilidade primária do implante, medida pelo valor do torque de inserção (ITV), foi a principal variável de desfecho avaliada. As medidas secundárias de desfecho incluíram o quociente de estabilidade do implante (ISQ) em diferentes localizações (maxila vs. mandíbula) e a taxa de sucesso dos implantes após a carga definitiva ao longo da duração do estudo. O ISQ foi medido no momento da inserção do implante e semanalmente nas semanas 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

Resultados: Todas as osteotomias foram realizadas em osso de baixa densidade (D3–D4) utilizando instrumentação de OD. Os valores de ITV obtidos para todos os sistemas de implantes, independentemente de sua geometria, demonstraram valores superiores a 40 Ncm em sítios com densidade óssea reduzida (D3, D4). Os valores de ISQ medidos entre as semanas 0 e 6 revelaram que todos os sistemas de implantes apresentaram altos valores de estabilidade, seguidos por uma leve redução até a semana 3. Na semana 6, os valores de ISQ foram comparáveis aos valores basais para todos os implantes instalados. A taxa geral de sucesso observada foi de 97,7%.

Conclusões: Este estudo retrospectivo multicêntrico demonstrou que a instrumentação de OD é um método seguro para alcançar estabilidade primária ideal em áreas com baixa densidade óssea, independentemente da macro geometria e das características de superfície do implante. A instrumentação de OD resultou em uma elevada taxa de sucesso dos implantes.

Introducion

Dental implants have been considered as a viable and predictable treatment option for the replacement of missing teeth[1-4]. Implant macro design, bone-biomechanical interface, implant connection, and bone density are well reported factors in the literature to influence healing, adequate bone-to-implant contact (BIC), and osseointegration after implant insertion [5,6]. Osseointegration is a histological term defined as a direct structural and functional connection between living bone and the surface of a load-bearing implant at light microscopy[6]. The clinical manifestation of osseointegration is the absence of implant mobility, and is known as functional ankylosis[5,6]

Implant primary stability results from the mechanical engagement of an implant with the surrounding bone[7], whereas timely post-surgical bone deposition and remodeling determine the secondary (biological) stability of the implant[8]. The primary stability, which is essential for osseointegration, depends mainly on bone-to-implant adaptation and mechanical engagement[9]. It is clinically determined by insertion torque, which is an indicator that measures the axial friction resistance between the implant body and the osteotomy walls. Three main factors are known to affect primary stability: bone quantity and quality, the mechanical shape (macro design) of the fixture placed in the bone, and the surgical instrumentation[10-13]. Secondary stability involves uneventful initial healing process around the dental implant that leads to intramembranous bone deposition around the implant body[14]. It clinically assesses the implant micro deflection. It is measured by implant stability quotient (ISQ), which is a parameter related to time with a scale of 0-100, and is used to clinically assess implant stability over time during the early weeks of healing post implant placement[10]. The biological stability subsequently reaches its lowest parameter at three weeks post implant placement[15], then progressively increases with time to reach its initial level as the surrounding bone heals and remodels[16]. This transition of biological stability occurs as bone apposition to the implant progresses, which securely stabilizes the implant in place[17].

Studies investigating drilling methods for endosteal implant placement have relied mainly on subtractive drilling methods. A novel, non-subtractive universal bone drilling protocol known as Osseodensification (OD) has been developed[18]. It is defined as a dynamic non-subtractive bone instrumentation method that relies on bone plasticity to expand a pilot osteotomy and subsequently enhance bone density through compaction auto-grafting[18,19]. It has been shown to cause a controlled plastic deformation of bone due to rolling and sliding contact with specially designed densifying burs[20,21]. These burs operate in both clockwise (CW) and counterclockwise (CCW) directions and have been compared to standard drills during osteotomy preparation[18]. When run in CCW directions, the densifying burs demonstrated significant bone compaction into the walls of the osteotomy sites when compared to the standard drills[18,19]. Bone compaction has been reported as a method to improve early fixation stiffness and strength of implants[18,19]. Compaction auto-grafting achieved with the densifying burs supplements the basic bone compression effect to further densify the osteotomy inner walls creating this density crust along the entire depth of the osteotomy, resulting in a well-adapted bone-to-implant surface[22]. The improvement of the early fixation strength is a result of both larger bone volume in the proximity of the implant and the gentle reversed compressive forces of the compacted bone towards the implant, also known as the “spring-back effect”. It has been shown that bone compaction resulted in higher BIC and higher bone morphogenetic protein (BMP) expression, which accelerates bone formation by 50x (Regional accelerated phenomenon – RAP)[23]. Perfect three-dimensional congruity will not exist between a surgically prepared bone site and the surface of a dental implant[24], since micro and macro-gaps or spaces at the interface will remain, as alluded by Brånemark[5,6]. Gaps between the osteotomy and the body of the implant will be filled with a blood clot soon after surgery. If the implant remains stable, bone heals in these gaps by a process known as intramembranous bone formation[25]. Intramembranous bone formation proceeds through a well-defined sequence of steps, including blood clot formation, angiogenesis, osteoprogenitor cell migration, woven bone formation, compaction of woven bone by deposition of parallel-fibered and lamellar bone, and eventually secondary remodeling of the woven bone[17]. Bone compaction through osseodensification not only improves implant primary stability but also reduces the level of implant micromotion and subsequently accelerate the process of the intramembranous bone formation around the implant body[18,19]. In terms of healing time, it has been reported that bone goes through significant biological changes from the implant insertion day through the first six weeks of wound healing[26], it starts by the formation of new bone until bone remodeling at six weeks and continues until week 18[27]. With osseodensification, the compaction autografting of autogenous bone provides spring back effect that leads to higher implants stability without the need to undersizing the osteotomies[28].

Furthermore, this compaction autografting also allows for faster formation of woven bone and subsequent deposition of bone, which enhances the implant healing process[18].

Osseodensification has been clinically documented as a universal bone instrumentation method that enhances alveolar bone vertical and lateral quantity as well as its quality for optimal implant primary and secondary stability in both the mandible and maxilla. The aim of this study was to retrospectively evaluate OD protocols on implants primary stability, in sites with reduced bone density, and examine the long-term survival rate of implants with different macro designs.

Materials and Methods

This retrospective analysis was carried out in accordance with the Ethical standard according to 1964 Declaration of Helsinki and the directives given by IntegReview Institutional Review Board, which has determined retrospective this retrospective clinical study is considered exempt. An informed consent form was signed by all patients included in the study, both for the clinical procedure and follow-up appointments. All treatment steps and data collection were part of the routine procedures at the centers, and no extra measures were taken for the purpose of the study. All examiners were blind, since a random case number was allocated to the extracted data, ensuring patient anonymity and data protection. The study was structured following the STROBE statement.

A total of 254 implants were placed in 184 patients treated between May 2012 and December 2017 in four centers, by four early adopters of osseodensification (OD) protocols. These early adopters were calibrated on clinical bone density assessment according to Misch's classification as well as extensive calibration and training in OD protocols. No prior sample size calculation was performed due to the retrospective nature of the study. Inclusion criteria included ASA I and II patients, including subjects with controlled systemic conditions (well-controlled diabetes mellitus, hypertension) and light smokers (< 10 cigarettes/day) to have a realistic representation of the average dental implant patient population. Patients not systemically stable to undergo surgical procedures as assessed by primary care provider, heavy smokers (> 20 cigarettes/day), and without adequate bone volume for implant placement (< 8mm vertical, <5mm horizontal) were excluded from this study.

When low bone density was suspected through CBCT examination (D3 or D4 bone density), osseodensification (OD) protocols for implant site preparation were implemented following the use of a standard pilot drill, according to manufacturer Densifying Reference Guide[1]. Implants were placed in native bone or in sites that had been previously grafted (at least 3 months before implant placement for hard tissue augmentation and at least 2 months for soft tissue augmentation), in the maxilla and mandible. After a crestal incision, mucoperiosteal flaps were elevated to access the osteotomy site. If soft bone (D3-D4) was confirmed clinically with the pilot drill and according to Misch's bone density classification, osteotomy preparation progressed with specific OD protocols for each implant macro design was followed according to manufacturer[1]. Six different implant macro designs were used: Tapered body with triple-lead cutting threads (TSV)[2], Tapered body with non-cutting 0.6mm thread depth (MA)[3] Tapered body with buttress threads (ID), Tapered body with V-shaped threads (NR), Straight body with double threads (NO)[4], and Straight body with V-shaped threads (EV)[5]. All patients received post-operative instructions to maintain a cold and soft diet for forty-eight hours and not to brush the surgical site for two weeks. Post-op medications were as follows: Amoxicillin 875mg 2x/day for 5 days and Tylenol 500mg PRN for pain control. Penicillin-allergic patients were prescribed Clindamycin 300mg 6h for 5 days. Implants were evaluated weekly for ISQ[6] values. Restorative treatment was initiated when ISQ reached ≥ 70.

Insertion torque value (ITV) was the primary outcome variable in this study and was measured utilizing standard insertion torque indicators. Implant stability quotient (ISQ) at 0, 1, 2, 3, 4, 5, and 6 weeks after implant placement in maxilla and mandible, and implant success rate were the secondary outcome variables. Implant success was defined as absence of mobility, pain, radiolucency, marginal bone loss > 1.5 mm, and suppuration.

Data was analyzed with specific software for statistical analyzes[9]. Unpaired two-tailed T-test was used at the implant level; also repeated measure ANOVA and Dunnett's multiple comparison test for intragroup analysis among the different time points within the same implant system; and one-way ANOVA and Tukey's multiple comparison test for inter-group analysis within the same point in time. Failed implants were excluded from the stability analysis but were including as part of the implant success rate reporting.

Results

Subject age ranged from 19 to 94 years-old and patient population included both males and females. Subject demographics is summarized in **(Table 1)**. All osteotomies were performed in low density bone (D3-D4) in both mandibular and maxillary sites, using OD protocols. No postoperative complications at the surgical sites were observed, except for six implants that failed to integrate during early healing (3 in the maxilla and 3 in the mandible) and were surgically removed **(Table 2).** Failed implants did not have weekly ISQ readings. Two other implants could not have weekly ISQ readings since they were placed according to a 2-stage protocol since bone augmentation procedures were performed at the time of implant placement. Overall implant success rate observed was 97.7%.

Table 1: Demographics

	TSV	MA	ID	NO	NR	EV
Males	20	10	15	10	15	22
Females	16	15	29	10	4	16
ASA I	14	14	27	12	12	29
ASA II	22	11	17	8	7	9
Non-smoker	27	19	35	13	16	27
Light Smoker	7	6	9	7	3	11
Mean Age	57.5 (23-79)	61.2 (43-94)	61 (19-82)	58.5 (31-73)	61.5 (47-78)	57.4 (23-79)

Table 2. Distribution of Implants Placed

Groups	Implants	Maxilla	Failed	Mandible	Failed
TSV	62	28	1	34	2
MA	57	26		31	1
ID	45	35	1	10	
NO	26	29		16	
NR	26	17	1	9	
EV	38	21		17	

TSV: ZimVie Taper Screw Vent; MA: Megagen Anyridge; ID: Implant Direct; NO: NeOss; NR: Nobel Replace; EV: AstraTech EV

When comparing ITV at the time of implant placement between maxilla and mandible for each implant system, TSV and ID achieved the highest ITV in both mandible and maxilla (Figure 1). However, all implant systems revealed ITV greater than 40Ncm at the time of placement in sites where soft bone (D3-D4) had been detected. When comparing ISQ values at the time of implant placement between maxilla and mandible for each implant system, TSV and MA achieved the highest ISQ values in the maxilla (Figure 2). In the mandible, the highest values were achieved by ID and EV (Figure 3). However, all implant systems revealed mean ISQ values equal or greater than 70 at the time of placement in sites where low density bone had been detected. All implant systems revealed high ISQ values at the time of placement, with the most significant reduction at week 3, and an increase in secondary (biological) stability after that. Values at week 6 were comparable or greater to baseline for the 6 implant systems, confirming clinical functional ankylosis or osseointegration.

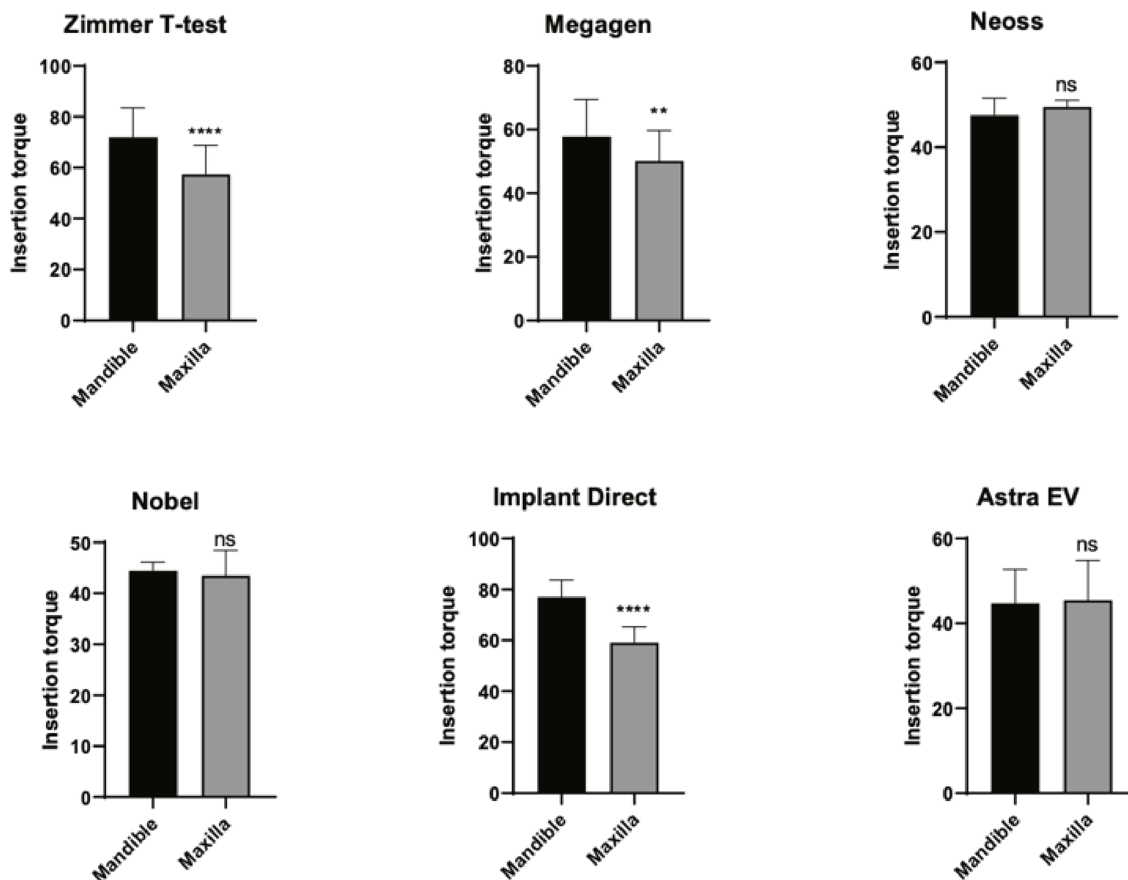


Figure 1 – ITV among the different implants systems in maxilla vs. mandible
Unpaired two-tailed T-test for measurements at the implant level. Significance is compared to mandible. Failed implants were excluded from analysis. **p<0.01; ****p<0.0001; ns – not significant.

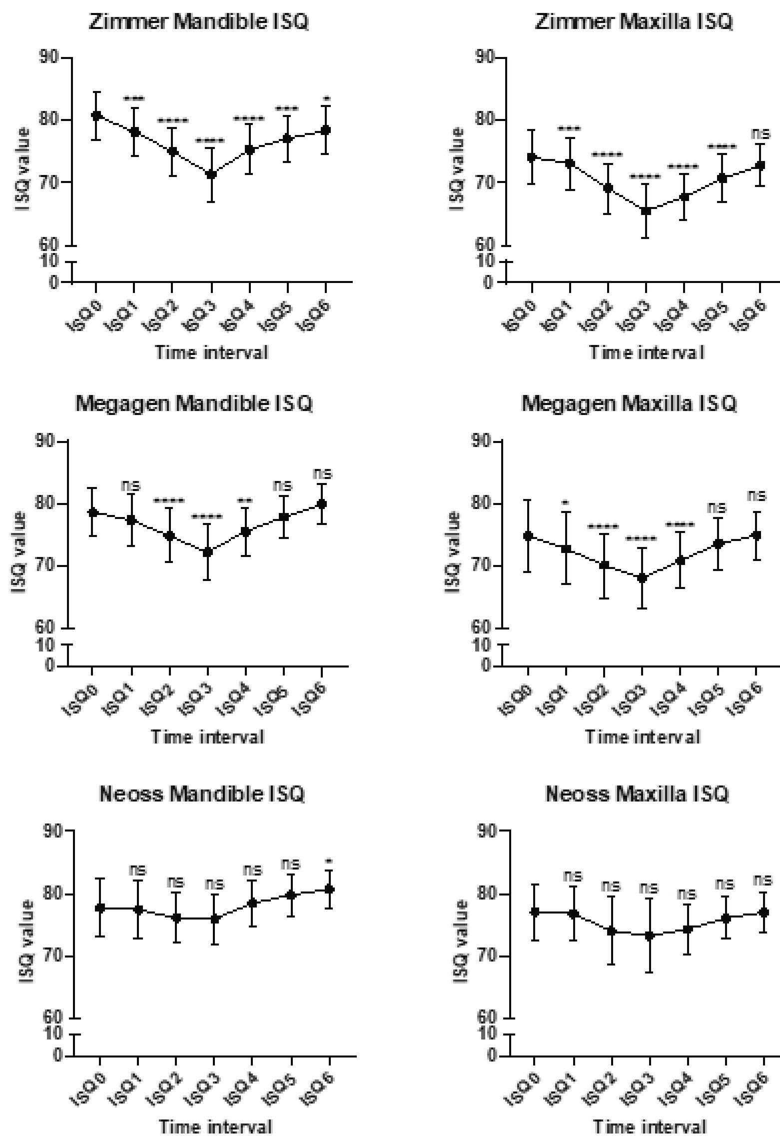


Figure 2 – ISQ values in the mandible from 0-6 weeks after implant placement

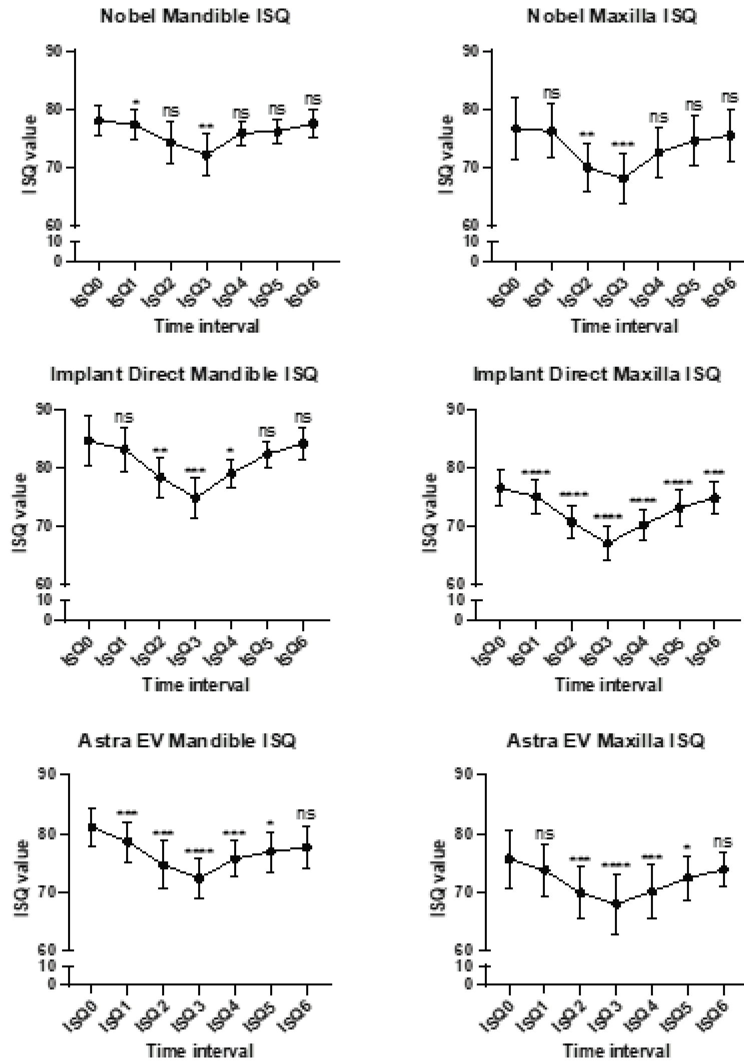


Figure 3 - ISQ in the Maxilla from week 0-6 weeks after implant placement. Repeated measure ANOVA and Dunnett's multiple comparison test; significance is compared to ISQ0 values. Failed implants were excluded from analysis. *p<0.05; **p<0.01; ***p<0.001; ****p<0.0001; ns – not significant.

Inter-group analysis revealed statistically significant higher ITV at the time of placement for TSV and ID in the mandible and for ID in the maxilla (Figure 4). Inter-group analysis of ISQ after 6 weeks revealed statistically significant superior ISQ values for ID in the mandible and for NO in the maxilla (Figure 5). The ISQ values among the other implant systems were not statistically significant.

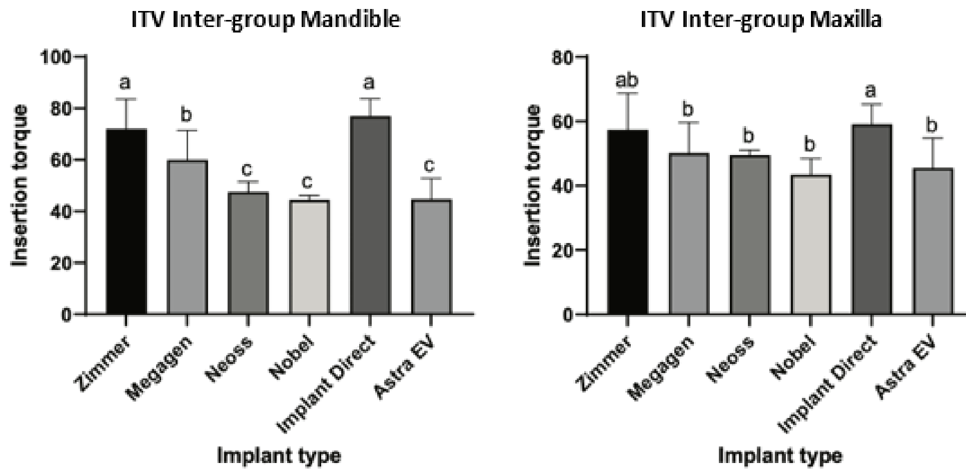


Figure 4 - ITV inter-group analysis in maxilla and mandible according to the implant type. One-way ANOVA and Tukey's multiple comparison test; significant grouping is denoted by (a, b, c). Failed implants were excluded from analysis. Groups with same letter (a and a) are statistically insignificant. Groups with different letters (a vs. b) are different implant systems with statistical significance. Groups with two letters (eg. ab) are statistically insignificant from group a and b. In the mandible, a > b > c, and each group is statistically significant from one another. In the maxilla, ab shares characteristics from both a and b, but it is not statistically significant from either group. There is no single P value since this is a multi-group comparison (eg. some comparison gives p<0.05, some p<0.001).

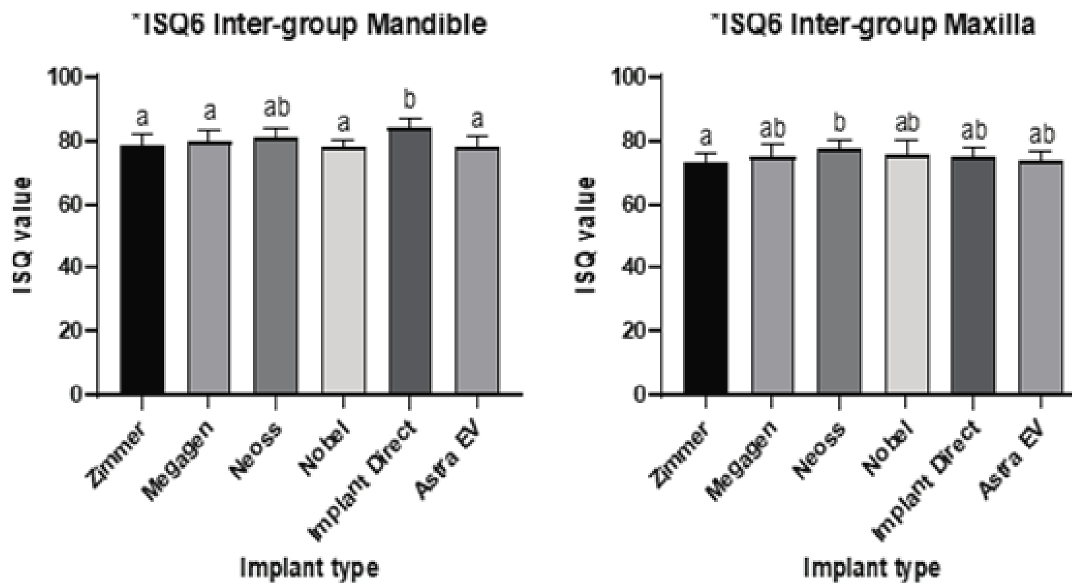


Figure 5 - ISQ inter-group analysis at 6 weeks after implant placement in Maxilla and Mandible according to the implant type. One-way ANOVA and Tukey's multiple comparison test; significant grouping is denoted by (a, b, c). Failed implants were excluded from analysis. Groups with same letter (a and a) are statistically insignificant. Groups with different letters (a vs. b) are different implant systems with statistical significance. Groups with two letters (eg. ab) are statistically insignificant from group a and b.

Discussion

The purpose of this study was to retrospectively evaluate the effects of OD protocols on implant primary and secondary stability of dental implants with different macro thread designs, placed in sites with low bone density.

Higher insertion torque and higher ISQ values are positive indications for diminished implant micromotion, which is critical for enhanced osseointegration and implant immediate loading [29, 30]. Contrary to the historical theory, which has not been proven in either large animal or clinical studies that high ITV above 30 Ncm may create bone compression beyond its physiological limits and may lead to pressure necrosis[31], numerous large animal histological and human clinical studies have confirmed that optimal primary stability measured by high ITV does not prompt or cause implant failure or negatively affect osseointegration[32-34]. Furthermore, implants placed in large patient populations with ITV< 30 Ncm are 14 times more likely to have an early failure than implants placed with ITV > 30 Ncm[35]. Previous studies have found that compaction of autogenous bone with osseodensification preparation provides enhanced implant stability in areas of reduced bone density and leads to optimized implant osseointegration[18,19,36]. The densifying burs, when used in the counterclockwise (CCW) direction, autograft bone particles into open trabecular spaces within the osteotomy walls to increase overall bone density, creating an intimate contact between bone and the implant surface[18,19,36]. It has been demonstrated that if the osteotomy is left empty post OD, a 91% reduction in its diameter was observed due to the viscoelastic nature of the bone and the occurred spring-back effect[18,37].

In the present study, osteotomies created with OD protocols in low density bone, where optimal ITV and high ISQ values are not expected to be obtained, resulted in ITV above 40 Ncm and optimal ISQ ≥ 70 up to 6 weeks after implants placement with different macro designs[38-40]. Hence, it can be concluded that OD protocols increased bone density and implant total stability in these sites, in accordance with previous reports[18,36]. This study also observed that secondary stability, devoted by continuous optimal ISQ values, was achieved for all implant systems during the initial critical 6 weeks of healing, in areas where reduced bone density was previously detected. OD protocols optimized implant primary and secondary stability in low bone density sites. These results are in agreement with previous comparative studies in which OD increased the insertion torque from 25Ncm for implants placed using conventional osteotomy to ≥ 50 Ncm in sites with low density bone[35].

Potential limitations of this study include the absence of a control group for each implant macro design with implants placed following traditional drilling protocols. However, comparisons of conventional to OD protocols have previously reported superior ITV and ISQ values with OD protocols[36] in low bone density sites. Since OD densifying burs used are not implant system-specific and are considered universal, the main goal of this multicenter retrospective study was to determine if similar results would be obtained when placing implants with different macro designs. This study confirmed this hypothesis since implants with different body designs (tapered/ straight) and thread patterns achieved similar results. Hence, within the limitations of this multicenter retrospective study, it can be concluded that the application of OD protocols in sites with low bone density is a safe, viable, and reproducible method of achieving optimal primary and predictable secondary implant stability using implants of different macro designs, leading to high success rates and predictable treatment outcomes. Future controlled longitudinal clinical trials are encouraged to confirm these findings.

Conclusion

This multicenter retrospective study demonstrated that OD instrumentation is a safe method to achieve optimal primary stability in areas with low bone density, irrespective of implant macro design and surface characteristics. OD instrumentation resulted in high implant success rate.

References

1. Beschnidt SM, Cacaci C, Dedeoglu K, Hildebrand D, Hulla H, Iglhaut G, et al. Implant success and survival rates in daily dental practice: 5-year results of a non-interventional study using CAMLOG SCREW-LINE implants with or without platform-switching abutments. Int J Implant Dent 2018; 4:33.

2. May MC, Andrews PN, Daher S, Reebye UN. Prospective cohort study of dental implant success rate in patients with AIDS. Int J Implant Dent 2016; 2:20.

3. Estafanous EW. Dental implant success in challenging situations? Int J Oral Maxillofac Implants 2013; 28:1455-1459.

4. Simonis P, Dufour T, Tenenbaum H. Long-term implant survival and success: a 10-16-year follow-up of non-submerged dental implants. Clin Oral Implants Res 2010; 21:772-777.

5. Albrektsson T, Branemark PI, Hansson HA, Lindstrom J. Osseointegrated titanium implants. Requirements for ensuring a long-lasting, direct bone-to-implant anchorage in man. Acta Orthop Scand 1981; 52:155-170.

6. Branemark PI. Osseointegration and its experimental background. J Prosthet Dent 1983; 50:399-410.

7. Tanello B, Huwais S, Tawil I, Rosen P., Neiva R. Osseodensification protocols for enhancement of primary and secondary implant stability – A retrospective 5-year follow-up multi-center study. Clinical Oral Implants Research, 2019; 30, (S19), 414–414. doi.org/10.1111/clr.370_13509.

8. Raghavendra S, Wood MC, Taylor TD. Early wound healing around endosseous implants: a review of the literature. Int J Oral Maxillofac Implants. 2005 May-Jun;20(3):425-31. PMID: 15973954.

9. Campos FE, Gomes JB, Marin C, Teixeira HS, Suzuki M, Witek L, Zanetta-Barbosa D, Coelho PG. Effect of drilling dimension on implant placement torque and early osseointegration stages: an experimental study in dogs. J Oral Maxillofac Surg. 2012 Jan;70(1): e43-50. doi: 10.1016/j.joms.2011.08.006. PMID: 22182660.

10. Nedir R, Bischof M, Szmukler-Moncler S, Bernard JP, Samson J.Predicting osseointegration by means of implant primary stability: a resonance-frequency analysis study with delayed and immediately loaded ITI SLA implants. Clin Oral Implants Res. 2004;15(5):520-528.

11. Yoon HG, Heo SJ, Koak JY, Kim SK, Lee SY. Effect of bone quality and implant surgical technique on implant stability quotient (ISQ) value. J Adv Prosthodont 2011; 3:10-15.

12. Misch CE. Density of bone: effect on treatment plans, surgical approach, healing, and progressive boen loading. Int J Oral Implantol 1990;6:23-31.

13. Misch CE. Divisions of available bone in implant dentistry. Int J Oral Implantol 1990; 7:9-

14. Misch CE, Qu Z, Bidez MW. Mechanical properties of trabecular bone in the human mandible: implications for dental implant treatment planning and surgical placement. J Oral Maxillofac Surg 1999;57:700-706; discussion 706-708.

15. Monje A, Ravida A, Wang HL, Helms JA, Brunski JB. Relationship Between Primary/Mechanical and Secondary/Biological Implant Stability. Int J Oral Maxillofac Implants 2019;34:s7-s23.

16. O'Sullivan D, Sennerby L, Meredith N. Influence of implant taper on the primary and secondary stability of osseointegrated titanium implants. Clin Oral Implants Res 2004; 15:474-480.

17. Brunski JB. In vivo bone response to biomechanical loading at the bone/dental-implant interface. Adv Dent Res 1999;13:99-119.

18. Huwais S, Meyer EG. A Novel Osseous Densification Approach in Implant Osteotomy Preparation to Increase Biomechanical Primary Stability, Bone Mineral Density, and Bone-to-Implant Contact. Int J Oral Maxillofac Implants 2017; 32:27-36.

19. Trisi P, Berardini M, Falco A, Vulpiani MP. New osseodensification implant site preparation method to increase bone density in low-density bone: In vivo evaluation in sheep. Implant Dent 2016; 25:24–31

20. Huwais S, Mazor Z, Ioannou AL, Gluckman H, Neiva R. A Multicenter Retrospective Clinical Study with Up-to-5-Year Follow-up Utilizing a Method that Enhances Bone Density and Allows for Transcrestal Sinus Augmentation Through Compaction Grafting. Int J Oral Maxillofac Implants 2018;33:1305-1311.

21. Koutouzis T, Huwais S, Hasan F, Trahan W, Waldrop T, Neiva R. Alveolar Ridge Expansion by Osseodensification-Mediated Plastic Deformation and Compaction Autografting: A Multicenter Retrospective Study. Implant Dent 2019;28:349-355.

22. Tian JH, Neiva R, Coelho PG, Witek L, Tovar NM, Lo IC, et al. Alveolar Ridge Expansion: Comparison of Osseodensification and Conventional Osteotome Techniques. J Craniofac Surg 2019; 30:607-610.

23. Frost HM. The regional acceleratory phenomenon: a review. Henry Ford Hosp Med J 1983; 31:3-9.

24. Romanos GE. Bone quality and the immediate loading of implants-critical aspects based on literature, research, and clinical experience. Implant Dent 2009; 18:203-209.

25. Schenk RK, Buser D, Hardwick WR, Dahlin C. Healing pattern of bone regeneration in membrane-protected defects: a histologic study in the canine mandible. Int J Oral Maxillofac Implants 1994;9:13-29.

26. De Angelis F, Papi P, Mencio F, Rosella D, Di Carlo S, Pompa G. Implant survival and success rates in patients with risk factors: results from a long-term retrospective study with a 10 to 18 years follow-up. Eur Rev Med Pharmacol Sci 2017; 21:433-437.

27. Todisco M, Trisi P. Bone mineral density and bone histomorphometry are statistically related. Int J Oral Maxillofac Implants 2005;20:898-904.

28. Ostman PO, Hellman M, Sennerby L. Direct implant loading in the edentulous maxilla using a bone density-adapted surgical protocol and primary implant stability criteria for inclusion. Clin Implant Dent Relat Res 2005;7 Suppl 1: S60-69.

29. Trisi P, Perfetti G, Baldoni E, Berardi D, Colagiovanni M, Scogna G. Implant micromotion is related to peak insertion torque and bone density. Clin Oral Implants Res. 2009;20(5):467-471.

30. Trisi P, Berardini M, Falco A, Podaliri VM. Validation of value of actual micromotion as a direct measure of implant micromobility after healing (secondary implant stability). An in vivo histologic and biome- chanical study. Clin Oral Implants Res. 2016;27(11):1423-1430.

31. Bashutski JD, D'Silva NJ, Wang HL. Implant compression necrosis: current understanding and case report. J Periodontol. 2009;80(4):700-704.

32. Trisi P, Todisco M, Consolo U, Travaglini D. High versus low implant insertion torque: a histologic, histomorphometric, and biomechanical study in the sheep mandible. Int J Oral Maxillofac Implants. 2011;26(4):837-849.

33. Ottoni JM, Oliveira ZF, Mansini R, Cabral AM. Correlation between placement torque and survival of single-tooth implants. Int J Oral Maxillofac Implants. 2005;20(5):769-776.

34. Khayat PG, Arnal HM, Tourbah BI, Sennerby L.Clinical outcome of dental implants placed with high insertion torques (up to 176 Ncm). Clin Implant Dent Relat Res. 2013;15(2):227-233

35. Carr BR, Jeon-Slaughter H, Neal TW, Gulko JA, Kolar NC, Finn RA. Low Insertional Torque and Early Dental Implant Failure. J Oral Maxillofac Surg. 2022 Jun;80(6):1069-1077. doi: 10.1016/j.joms.2022.02.001.

36. Gaspar J, Proença L, Botelho J, Machado V, Chambrone L, Neiva R, Mendes JJ. Implant Stability of Osseodensification Drilling Versus Conventional Surgical Technique: A Systematic Review. Int J Oral Maxillofac Implants. 2021 Nov-Dec;36(6):1104-1110. doi: 10.11607/jomi.9132. PMID: 34919606.

37. Kold S, Bechtold JE, Ding M, Chareancholvanich K, Rahbek O,Søballe K. Compacted cancellous bone has a spring-back effect. Acta Orthop Scand 2003;74:591–595.

38. Cavallaro J, Jr., Greenstein B, Greenstein G. Clinical methodologies for achieving primary dental implant stability: the effects of alveolar bone density. J Am Dent Assoc 2009;140:1366-1372.

39. Turkyilmaz I, Aksoy U, McGlumphy EA. Two alternative surgical techniques for enhancing primary implant stability in the posterior maxilla: a clinical study including bone density, insertion torque, and resonance frequency analysis data. Clin Implant Dent Relat Res 2008; 10:231-237.

40. Molly L. Bone density and primary stability in implant therapy. Clin Oral Implants Res 2006;17 Suppl 2:124-135.

Como citar este artigo: Gaspar J; Tawi I; Gaspar J; Tawil; Rosen PS; Huwais S; Neiva R. Effects of osseodensification on implant primary stability in sites with reduced bone density: a five-year multicenter retrospective clinical study.J Orofac Innov Sci. 2026;3(1):29-41.

‘

ISSN 3085-6868

JOIS

CASE REPORT

The role of the dental surgeon in the diagnosis and treatment of pemphigus vulgaris: case report

RELATO DE CASO

O papel cirurgião dentista no diagnóstico e tratamento de Pênfigo vulgar: relato de caso

Marceli Dias Ferreira[1]
Maria Dolores Franco Raines[2]
Fernanda Pereira Politta[1]
Valeska Caroline Walchaki[2]
Eduardo Bauml Campagnoli[3]
Marcela Claudino[3]

Autor de correspondência:
marcelaclaudino@hotmail.com

[1] MsC, University Hospital of the State University of Ponta Grossa. Ponta Grossa/PR, Brazil.
[2] DDS, University Hospital of the State University of Ponta Grossa. Ponta Grossa/PR, Brazil.
[3] PhD, State University of Ponta Grossa. Ponta Grossa/PR, Brazil.

Keywords: Pemphigus; Hospital Dental Service; Autoimmune Diseases

Abstract

Pemphigus vulgaris is a low-prevalence autoimmune disorder characterized by vesiculobullous lesions affecting the skin and mucous membranes. Lesions in the oral mucosa can be the initial manifestations of the disease and highlight the importance of the dentist in early diagnosis. The objective of this study is to report a clinical case of pemphigus vulgaris with oral lesions in a 44-year-old female patient with no comorbidities. Intraoral physical examination revealed ulcerated lesions throughout the oral cavity, accompanied by bullous lesions, ulcerations, and crusts on the skin. The patient reported having had the lesions for four months, with no conclusive diagnosis. These lesions made eating difficult and resulted in marked weight loss and the need for hospitalization. During hospitalization, the diagnosis was established by the medical and dental team based on clinical characteristics and medical history, followed by histopathological confirmation. Oral lesions were treated with 0.12% chlorhexidine digluconate mouthwash and laser photobiomodulation, combined with systemic corticosteroid therapy, resulting in significant remission. Therefore, dentists' knowledge of the clinical and histopathological characteristics of pemphigus vulgaris is essential for early diagnosis and effective treatment, promoting patient health and quality of life. Further studies should be conducted to optimize management strategies for oral lesions in patients with pemphigus vulgaris.

Palavras- chave: Pênfigo; Unidade Hospitalar de Odontologia; Doenças Autoimunes.

Resumo

O pênfigo vulgar é uma desordem autoimune de baixa prevalência, caracterizada por lesões vesículo-bolhosas que acometem pele e membranas mucosas. Alterações na mucosa bucal podem ser as manifestações iniciais da doença, evidenciando a importância do cirurgião-dentista no diagnóstico precoce. O objetivo deste estudo é relatar um caso clínico de pênfigo vulgar com lesões bucais em uma paciente de 44 anos, sem comorbidades. Durante o exame físico intrabucal, foram observadas lesões ulceradas em toda a extensão da cavidade bucal, acompanhadas por lesões bolhosas, ulcerações e crostas na pele. As lesões apresentavam evolução de 4 meses, sem diagnóstico conclusivo. A presença de lesões bucais extensas dificultava a alimentação e culminaram em acentuada perda de peso e necessidade de internamento. Durante o período de internamento, o diagnóstico foi estabelecido em conjunto com a equipe de Odontologia, baseada nas características clínicas das lesões e na história médica, seguido pela confirmação histopatológicas. O tratamento das lesões bucais foi baseado em bochecho com digluconato de clorexidina 0,12% e fotobiomodulação com laser, associado a terapia sistêmica com corticosteroides, e resultou em remissão significativa das lesões. Portanto, o conhecimento dos cirurgiões-dentistas sobre as características clínicas e histopatológicas do pênfigo vulgar é essencial para o diagnóstico precoce e tratamento efetivo, promovendo a saúde e qualidade de vida dos pacientes. Outros estudos devem ser conduzidos visando otimizar as estratégias de manejo das lesões bucais de pacientes acometidos por pênfigo vulgar.

Introduction

Pemphigus vulgaris is an autoimmune disease with an estimated incidence of 14 cases per million individuals per year[1]. This condition is predominantly observed in adults between 40 and 60 years of age, with a slight predilection for females[2-7]. Despite its low prevalence, pemphigus vulgaris has historically been associated with high mortality rates, which have decreased significantly with the use of appropriate drug therapies[8].

The etiology of this autoimmune disorder is characterized by a type II hypersensitivity reaction, in which autoantibodies specific for desmogleins 1 and 3 (Dsg 1 and Dsg 3), adhesion proteins present in the skin epithelium (Dsg 1) and oral mucosa (Dsg 3), are involved. The interaction of autoantibodies with these molecules results in acantholysis and the formation of intraepithelial clefts. Clinically, acantholysis results in the formation of blisters that rupture and develop into painful erosions and ulcers. In addition to severe pain, the most common symptoms include fever, dysphagia, and weight loss.

The diagnosis of pemphigus vulgaris is carried out through clinical examination, associated with complementary exams such as histopathological analyses or direct immunofluorescence[1-4,9,10]. Another procedure that contributes to the diagnosis of pemphigus vulgaris is the positive Nikolsky sign, characterized by the application of sliding pressure on the affected mucosa. This pressure causes the rupture of intracellular adhesion, leading to the formation of blisters that can easily rupture and generate painful ulcerations[1,4,11,12]. Although not a pathognomonic sign, Nikolsky's sign can contribute to clinical diagnosis of this condition[13].

Treatment is based on corticosteroid therapy and is initiated with high doses, which are subsequently adjusted according to the clinical condition[9,10]. In addition to corticosteroids, treatment of pemphigus vulgaris may include immunosuppressive agents, which are often used in combination to improve therapeutic response[7]. These drugs help reduce immune system activity and control autoantibody production, contributing to effective disease management[4,8,12,14].

Lesions are observed on the skin and mucous membranes, with oral lesions commonly preceding skin lesions. Thus, the dentist plays an important role in early diagnosis and treatment. In the oral cavity, lesions can affect all regions of the mucosa. However, they are more common in the palate, buccal mucosa, labial mucosa, and tongue[11]. Therefore, the objective of this study is to report the case of a patient diagnosed with pemphigus vulgaris presenting manifestations in the oral mucosa and skin. In addition, this study aims to describe the clinical approach and emphasize the role of the dentist in diagnosis and treatment.

Case Report

A 44-year-old female patient with leukoderma was admitted to the hospital complaining of multiple skin lesions. The patient reported that the lesions had been present for four months and that the first lesions were located on the oral mucosa. These lesions then spread to the skin on her upper and lower limbs, chest, and back. The patient reported significant weight loss (20 kg) in recent months due to painful symptoms that made eating difficult. The patient had previously undergone dental and medical evaluation with a prescription for intravenous antibiotics, oral antifungals, and antiretroviral therapy, with no improvement in her condition. At this time, the patient reported using itraconazole to treat skin lesions due to suspected fungal infection.

The intraoral examination revealed the absence of all teeth. The patient reported using a full upper denture, but she was unable to use it due to the painful symptoms of the oral lesions. In fact, it was observed multiple and extensive ulcerated and erosive lesions on the bilateral jugal mucosa, dorsum and ventral surface of the tongue, and upper and lower labial mucosa, with bloody exudate and painful symptoms (Figure 1). The extraoral physical examination also revealed ulcerated lesions with overlapping blood crusts in the perioral region, labial commissures, and vesicles near the labial filter (Figure 1).

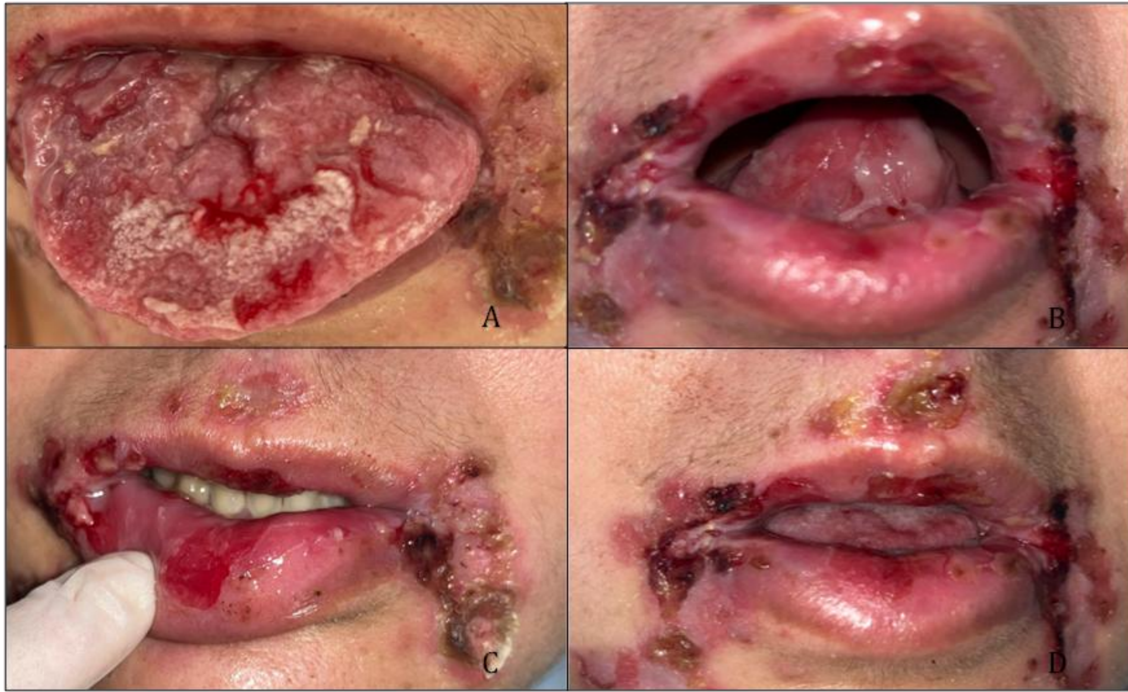


Figure 1. Multiple ulcerated lesions with exposed connective tissue on the dorsum of the tongue (A), ventral surface of the tongue (B), lips (C), and labial commissure (C). Lesions with hemorrhagic crusts in the perioral region (D).

The patient presented ulcerated and crusty lesions on the upper and lower limbs, chest, neck, and dorsal region. In addition, bullous lesions were also identified on the lower limbs (Figure 2). Like the oral lesions, these lesions began with the formation of blisters, which later ruptured, resulting in ulcers. Considering the clinical characteristics of the lesions, the possibility of fungal infections was excluded, and antifungal medication was discontinued. Subsequently, a positive Nikolsky sign was observed, suggesting pemphigus vulgaris as a diagnostic hypothesis.

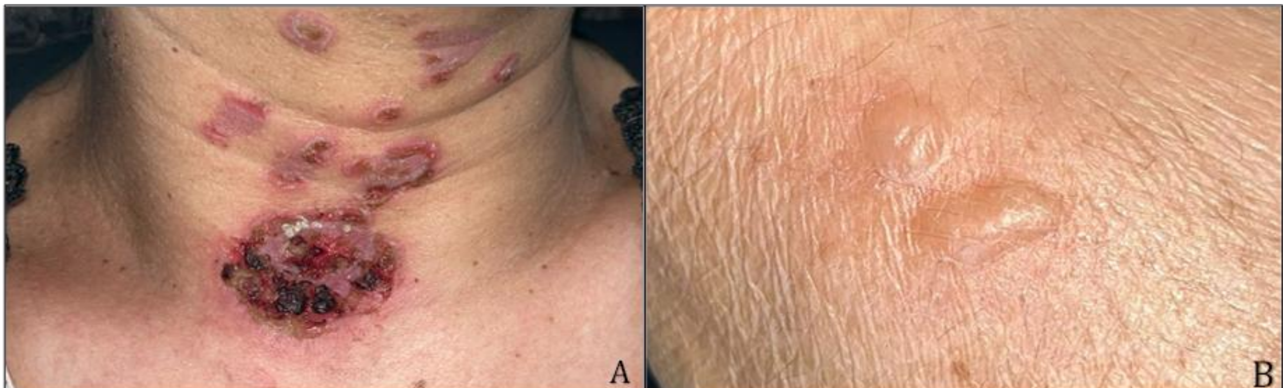


Figure 2. Clinical appearance of the ulcerated and crusted lesions in the chest and neck region (A). Clinical appearance of the vesiculobullous lesions in the lower limbs(B).

In this context, an exfoliative cytology evaluation of the oral lesions was performed to exclude the possibility of fungal lesions. Thus, superficial scraping of the oral lesions was performed with a swab, and the material obtained was rubbed onto a glass slide, stored in 95% alcohol solution, and subjected to histological analysis. In conjunction with this, an incisional biopsy of the skin lesions was performed, since the oral lesions presented more intense painful symptoms. Exfoliative cytology revealed negative results for fungal infection. Thus, Itraconazole (200mg) was suspended and empirical therapy with Prednisone 80mg every 24 hours was initiated, according to the diagnostic hypothesis of autoimmune disease. The histopathological report revealed suprabasal bullous dermatosis with the presence of acantholytic cells. Based on these data, the diagnosis of pemphigus vulgaris was confirmed.

Mouthwash with 0.12% chlorhexidine digluconate was also prescribed twice a day to control biofilm and prevent secondary infections. In addition, antimicrobial photodynamic therapy sessions were performed with the application of 0.01% methylene blue gel on the lesions for five minutes, followed by the application of a red laser (660 nm | 100 mW) with an energy of 9 J for 90 seconds (Laser DUO - MMO®) (Figure 3). Topical use of triamcinolone 1mg/g twice a day was also prescribed.

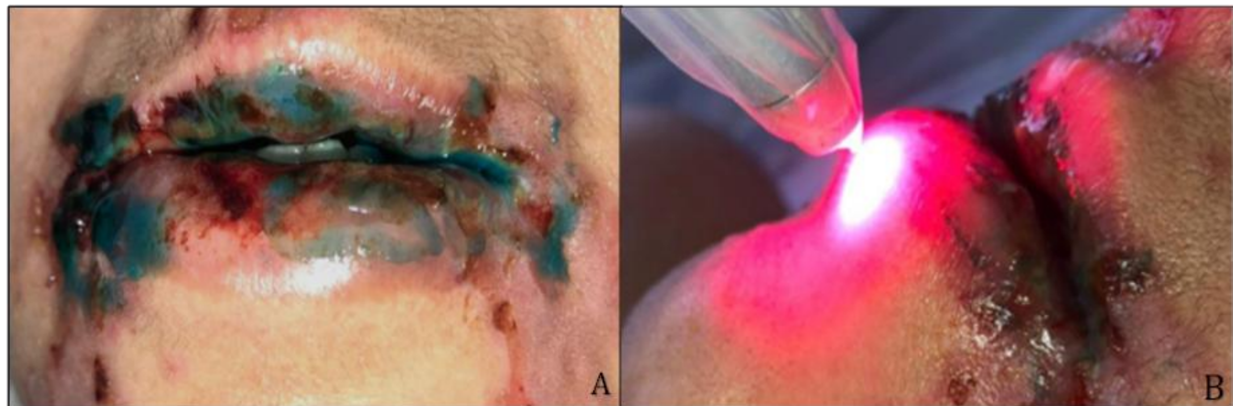


Figure 3. Antimicrobial photodynamic therapy with application of 0.01% methylene blue gel on the ulcerated lesions in the oral cavity and perioral region (A). Application of red laser (660nm | 100 mW) with a dose of 9J for 90 seconds (B).

Antimicrobial photodynamic therapy was alternated with photobiomodulation therapy (application of red laser – 660 nm, 100 mW, 2J, 20 seconds, spot technique), and the proposed treatment was performed daily throughout the entire period of hospitalization. After 10 days of treatment, the patient reported significant improvement in painful symptoms and remission of oral lesions (Figure 4).

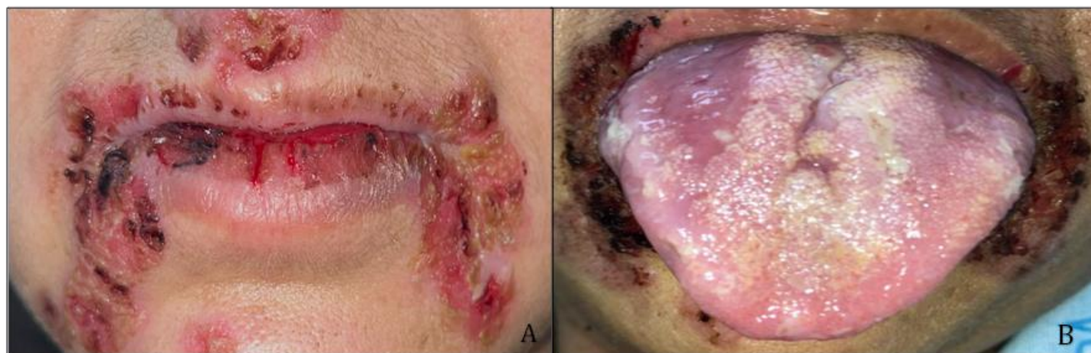


Figure 4. Clinical aspect of the lesions in the perioral region (A) and dorsum of the tongue (B) after 14 days of follow-up

After 10 days of hospitalization, the patient was discharged due to a significant reduction in symptoms and partial remission of the lesions. Treatment with systemic corticosteroids was maintained with a gradual reduction in doses until complete suspension. The patient was kept under weekly dental follow-up for laser photobiomodulation for 2 months until complete remission of the lesions. The patient then continued to be monitored for one year. No recurrence was observed during this period (Figure 5).

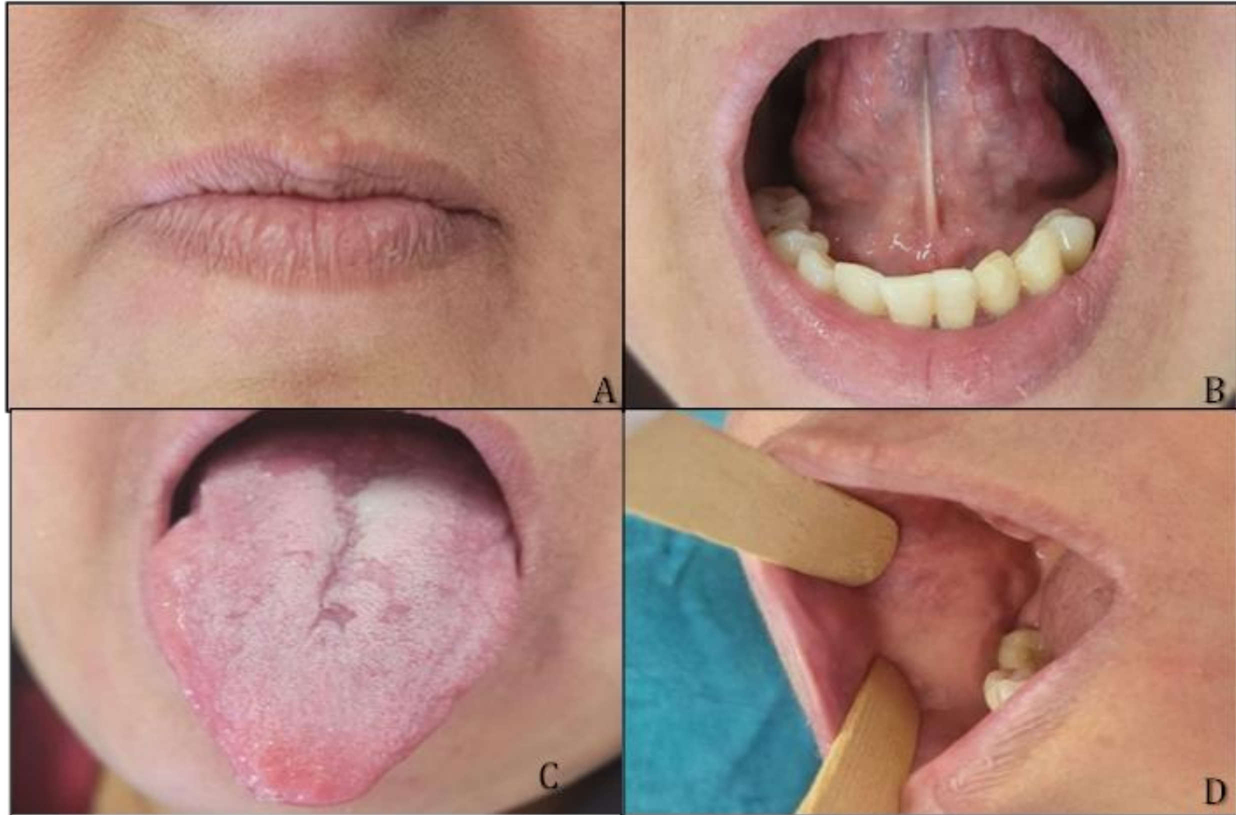


Figure 5. Clinical appearance of the perioral region (A), ventral (B) and dorsal (C) aspects of the tongue, and buccal mucosa (D) after one year of treatment.

Discussion

Pemphigus vulgaris is a mucocutaneous disease characterized by vesicular eruptions, blisters, erosions, and ulcerations affecting the mucous membranes and skin. In about 80% of cases, oral lesions precede skin lesions and are commonly located on the palate, buccal mucosa, lips, gums, and tongue. Ulcerated lesions spread rapidly, with intense painful symptoms intense[7,9,10,15]. The clinical manifestations detailed in the case mentioned correspond to these characteristics.

In addition to clinical features, histopathological evaluation is essential for accurate diagnosis, as pathological conditions such as epidermolysis bullosa and Stevens-Johnson syndrome may share some clinical characteristics[16].

The purpose of therapies for pemphigus vulgaris is to relieve painful symptoms by reducing serum autoantibody levels, either directly or through immunosuppression[8]. In the present case, treatment was based on empirical drug therapy with topical and systemic corticosteroids, in addition to photobiomodulation and antibacterial photodynamic therapy for oral lesions, even before confirmation of the diagnosis. This preliminary approach resulted in significant improvement in painful symptoms until confirmation of the diagnosis was obtained.

Among the therapeutic options, oral or intravenous corticosteroids are the first line of treatment[8,9]. In the clinical case mentioned, prednisone was chosen due to its clinical efficacy. The drug administration protocol varies according to the severity of the disease, usually starting with doses of 0.5 to 2.0 mg/kg/day, with

adjustments according to clinical response[6,15]. Treatment with systemic corticosteroids is often started with high doses, which are then gradually reduced[7,15,17].

In oral lesions of pemphigus vulgaris, topical corticosteroid therapy is often used to reduce inflammation and relieve symptoms[10]. Topical corticosteroids, such as triamcinolone, are used to treat these lesions locally [8,15,17]. In fact, this treatment strategy has supported tissue repair of oral lesions and minimized the inflammatory response[1,14,17].

Several therapeutic alternatives are described for the treatment of pemphigus vulgaris, such as anti-CD-20 agents, anti-CD-25 agents, TNF-α inhibition, FAS Ligand Inhibition, FcRn inhibition, BAFF inhibition, Bruton's tyrosine kinase (BTK) inhibition, CAAR T Cells, JAK inhibition, mTOR inhibition, abatacept, IL-4 inhibition, IL-17 inhibition, IL-6 inhibition, polyclonal Regulatory T Cells, and autologous hematopoietic stem cell transplantation[18].

Low-power laser photobiomodulation is also a promising strategy in the management of oral lesions associated with systemic disorders. This therapy promotes cell proliferation and favors the recovery of affected tissues, contributing to a significant reduction in symptoms[7,17]. In the case presented, the proposed treatment resulted in improved oral hygiene and eating ability in the patient due to pain control[19]. It is important to note that, although this approach is beneficial, it does not replace the use of systemic corticosteroids, which are essential for disease control[17].

Conclusion

The reported case shows that the dental surgeon's knowledge of the clinical characteristics of pemphigus vulgaris is essential for early diagnosis of the disease since oral manifestations may be the first evidence of the disease. In the case presented, the patient had had oral lesions for 4 months without a definitive diagnosis, requiring hospitalization to obtain a diagnosis and effective treatment. Thus, the intervention of the dental surgeon in a hospital setting is extremely important for the management of oral manifestations of systemic diseases. In this case, medical interventions associated with integrated dental treatment optimized the treatment.

References

1. Carvalho BR, Queiroz AFS, Martins ÉF, Dias MC da P, Silva MTB. Pênfigo vulgar e conceitos atuais para a prática odontológica: relato de caso. HU Revista. 2020;46(6):1–8.

2. Dos Reis BS, Leonel DBG, Pereira DG. Pênfigo vulgar: revisão de literatura. Humanidades e Tecnologia. 2021;30(1), 132–143.

3. Batista MIHM, Paulino MR, dos Santos CAO, Andrade SC, Lima CA, Gueiros LA, Leão JC, Carvalho AAT. Correlação entre anti-desmogleína e lesões mucocutâneas em pacientes com pênfigo vulgar ou foliáceo. Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social. 2019;7(1), 16-25.

4. Buonavoglia A, Leone P, Dammacco R, Di Lernia G, Petruzzi M, Bonamonte D, Vacca A, Racanelli V, Dammacco F. Pemphigus and mucous membrane pemphigoid: An update from diagnosis to therapy. 2019. Autoimmun Rev. 2019;18(4), 349–358.

5. Da Silva WR, Morais HG, Da Costa LM, Da Silva TMV, Melo TS. Assistência multidisciplinar no acompanhamento de pacientes com pênfigo vulgar. Arch Oral Investig. 2021;10(9), 1478–1481.

6. Cura MJ, Torre AC, Sarmiento KYC, Garlatti MLB, Riganti JMC, Puga MC, Mazzuoccolo LD. Pénfigo vulgar: estudio de cohorte retrospectivo de sus características clínicas, tratamientos empleados y evolución. Actas Dermo-Sifiliograf. 2020; 111(5), 398–407.

7. Guimarães Henriques JC, Oliveira JO, Guedes CCFV, Rocha MA. Pênfigo Vulgar Oral em idosa: Condutas de um caso desafiador. Rev Nav Odontol. 2021;48(1):16-23.

8. Castaneda-Gómez MR, Grajeda-Cruz J, López-Verdin S. Pemphigus vulgaris: a case report. KIRU. 2016;13(1):70-72.

9. Morais HGF, Costa CSO, Medeiros MRS, Carlan LM, Gonzaga AKG, Freitas RA, Silveira EJD, Oliveira PT. Pemphigus vulgaris and mucous membrane pemphigoid: A systematic review of clinical manifestations, diagnosis, and treatment. J Stomatol Oral Maxillofac Surg. 2024;125(12):101960.

10. Filho SRC, da Silva LAM, Maia CR, de Andrade Santos PR, Alves PM, de Andrade Santos PP. Oral

pemphigus vulgaris diagnostic characteristics and treatment: a system review. 2025;58(1):1-22.

11. Dahan CM, Souza LGS, Oliveira LD, Cividanes LS, Pereira AKG, Kitakawa D, Neder V, Carvalho CLFCS. A importância do reconhecimento precoce do pênfigo vulgar e tratamento adequado: relato de caso. Rev Odontol Braz Cubas. 2021;11(1):57-62.

12. Lima RR, Torres LGSBL, Dias BAS, Palhano JM, Vasconcelos MIB, Carvalho FGS, Rodrigues MA, Veríssimo MHG, Lacerda DT, Nascimento RCD. Pênfigo vulgar em condição avançada na atenção básica: relato de caso. 2021. Res Society Develop. 2021;10(2): e0810212270.

13. Carvalho NL, Calabria AC, Krieger D. Paciente com diagnóstico de pênfigo vulgar: relato de caso. 2023. Revista Saúde e Comportamento. 2023;2(1):27-34.

14. Eloy VS, Sousa ALT, Veloso CS, Turatti E. Pênfigo vulgar em cavidade oral: um relato de caso. Braz J Case Rep. 2023;3(7):28-35.

15. Freitas GB, Barreto JO, Junqueira JLC, Junior LRCM, Rocha JF, Bernardo P. Descrição de tratamento para pênfigo vulgar: relato de caso. Arch Health Invest. 2021; 10(5):696 - 699.

16. Olivia A Charlton, Victoria Harris, Kevin Phan , Erin Mewton , Chris Jackson, Alan Cooper . Toxic Epidermal Necrolysis and Steven-Johnson Syndrome: A Comprehensive Review. Adv Wound Care. 2020;9(7):426-439.

17. Rodrigues SPS, Bazzo CD, Pfau ME, Silva GKA, Araujo CSA, Pfau EA, Adamowski EV. Manifestations of pemphigus vulgar in the oral cavity -case report. Braz J Surg Clin Res. 2020;32(3): 2317–4404.

18. Vafaeian A, Mahmoudi H, Daneshpazhooh M. What is novel in the clinical management of pemphigus vulgaris? Expert Rev Clin Pharmacol. 2024;17(5-6):489-503.

19. Al-Harbawee A, Kassam K, Patel AN, Cottom H, Cheng L. Oral pemphigus vulgaris: dentists take-home message. Clin Case Rep. 2021; 9(7):e04494.

Como citar este artigo: Ferreira MD; Raines MDF; Politta FP; Walchaki VC; Campagnoli EB; Claudino M. The role of the dental surgeon in the diagnosis and treatment of pemphigus vulgaris: case report. J Orofac Innov Sci. 2026;3(1):42-49.

ISSN 3085-6868

JOIS

CASE REPORT

Management of the atrophic maxilla using remote anchorage with zygomatic and short Implants: a 4-year follow-up case report

RELATO DE CASO

Tratamento da maxila atrófica usando ancoragem remota com implantes zigomáticos e curtos: relato de caso de acompanhamento de 4 anos

Geninho Thomé[1]
Carolina Accorsi Cartelli[2]
Isadora Rotta[2]
Sergio Rocha Bernardes[1]

Autor de correspondência:
carolina.cartelli@neodent.com

[1] DDS, MSc, PhD, Department of Implantology of Latin American Institute of Dental Research and Education (ILAPEO) Curitiba, Brazil.
[2] DDS, MSc, Neodent – Curitiba, Brazil.

Keywords: : Bone Resorption; Immediate Dental Implant Loading; Zygoma; Case Report

Abstract

This case report presents a rehabilitation of atrophic maxilla employing remote anchorage with zygomatic and short implants in the premaxilla, including a nasopalatine approach. A 47-year-old female patient presented with advanced posterior bone resorption and bilateral sinus pneumatization. Two zygomatic implants were placed for posterior support, and three short implants were positioned in the premaxilla, achieving sufficient primary stability to allow immediate prosthetic loading. The patient was followed at 1, 6, and 12 months postoperatively, with annual monitoring. Satisfactory function and preservation of peri-implant mucosal health were observed throughout the observation period. Radiographic evaluation revealed stable bone levels. No mechanical or biological complications occurred during the 4-year follow-up period. Remote anchorage using zygomatic implants combined with short implants in the premaxilla represents a reliable and graftless approach for the rehabilitation of atrophic maxilla, optimizing anterior–posterior spread, reducing cantilever extension, and promoting biomechanical stability.

Palavras- chave: Reabsorção Óssea; Carga Imediata em Implante Dentário; Zigoma; Relato de Caso.

Resumo

Este relato de caso apresenta a reabilitação de uma maxila atrófica utilizando ancoragem remota com implantes zigomáticos e implantes curtos na região de pré-maxila, incluindo a abordagem do canal nasopalatino. A paciente de 47 anos apresentava reabsorção óssea posterior avançada e pneumatização sinusal bilateral. Dois implantes zigomáticos foram instalados para suporte posterior, e três implantes curtos foram posicionados na pré-maxila, obtendo estabilidade primária suficiente para permitir a carga protética imediata. A paciente foi reavaliada em 1, 6 e 12 meses após a cirurgia, com acompanhamento anual. Observou-se função satisfatória e preservação da saúde da mucosa peri-implantar durante todo o período de observação. Foi observado na avaliação radiográfica níveis ósseos peri-implantes estáveis. Não foram observadas complicações mecânicas ou biológicas durante o período de 4 anos de acompanhamento. A ancoragem remota com implantes zigomáticos, combinada ao uso de implantes curtos em região de pré-maxila, representa uma abordagem confiável e sem a necessidade de enxertos para a reabilitação de maxilas atróficas. A técnica otimiza a distância anteroposterior, reduzindo a extensão do cantiléver e promovendo estabilidade biomecânica.

Introduction

The rehabilitation of atrophic maxilla remains challenging in contemporary implantology. The loss of posterior maxillary alveolar bone often results in a significant reduction of the residual ridge, while the anterior maxillary region typically presents limited bone height and low bone density[1]. Although well-documented bone grafting procedures such as maxillary sinus floor elevation have a high treatment survival rate, they are associated with increased surgical morbidity, prolonged treatment time, and the need for multiple interventions[1-4]. Consequently, patients with moderate-to-severe maxillary atrophy frequently require alternative treatment approaches that optimize the use of the remaining bone or minimize the need for augmentation procedures[5].

Remote anchorage through pterygoid, zygomatic, and nasal implants has expanded treatment possibilities for patients with severe maxillary atrophy[6]. These approaches provide predictable solutions for the rehabilitation of both fully and partially edentulous atrophic maxilla. Among these options, zygomatic implants have gained relevance, offering stable posterior support when conventional implants cannot be placed[7,8]. Introduced by Brånemark, zygomatic implants were developed to enable fixed implant-supported prostheses in patients with advanced maxillary resorption [9,10]. Since then, the use of zygomatic implants has shown survival rates upper to 95% and favorable long-term outcomes [9,11-14].

Another viable alternative treatment for the atrophic maxilla is the use of short dental implants. The use of short implants provides benefits such as less invasive technique compared to bone augmentation procedures, reduced surgical morbidity, treatment cost, and patient discomfort[1,15,16]. Clinical studies have demonstrated high predictability of short implants, with survival rates exceeding 94% in mid- to long-term follow-ups [15,17,18]. Available clinical data indicate that short implants achieve comparable outcomes to standard-length implants placed with maxillary sinus floor elevation [2,19].

Particularly for patients with severe maxillary atrophy, the combination of zygomatic implants in the posterior region with conventional or short implants in the anterior region has been proposed as an alternative treatment [20,21]. This hybrid treatment simplifies surgical procedures, reduces treatment time and cost, and provides favorable functional outcomes in full-arch maxillary rehabilitation.

This case report describes the implant-supported rehabilitation of a patient with maxillary atrophy using zygomatic implants in combination with short implants in premaxilla, with a 4-year follow up period.

Case Report

This clinical case report follows the CARE guidelines (supporting information file 01) and was approved by the Institutional Review Board of ILAPEO College (7.583.973).

Case description

A 47-year-old female patient, classified as ASA I, presented to the ILAPEO College in 2021 with chief complaints of poor esthetics and difficulty in mastication due to discomfort caused by removable prosthesis. The patient also presented missing teeth in the posterior mandible (Figure 1).

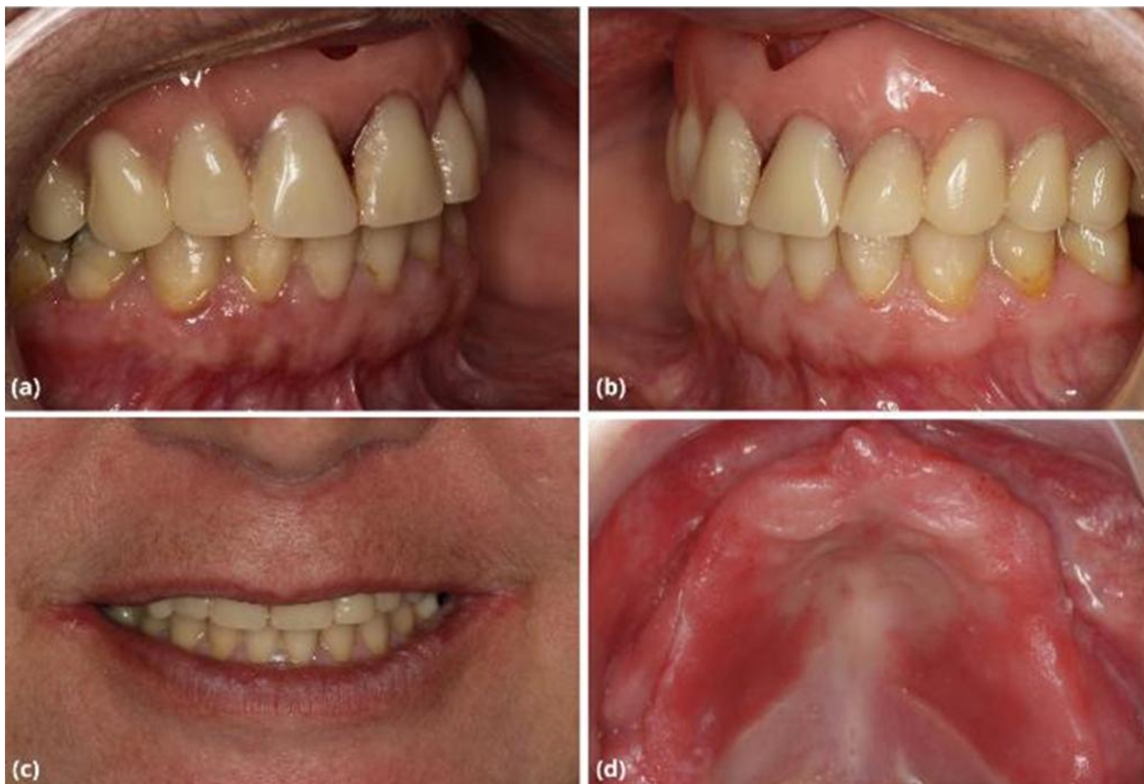


Figure 1 - Initial clinical condition (a-d)

Clinical and radiographic findings

Clinical and radiographic evaluation, including panoramic and cone-beam computed tomography (CBCT) imaging, revealed maxillary bone atrophy. The treatment plan for maxillary rehabilitation with dental implants consisted of the placement of two zygomatic implants and three anterior implants (Figure 2). For the posterior mandible, the proposed treatment included the placement of one implant on each side.

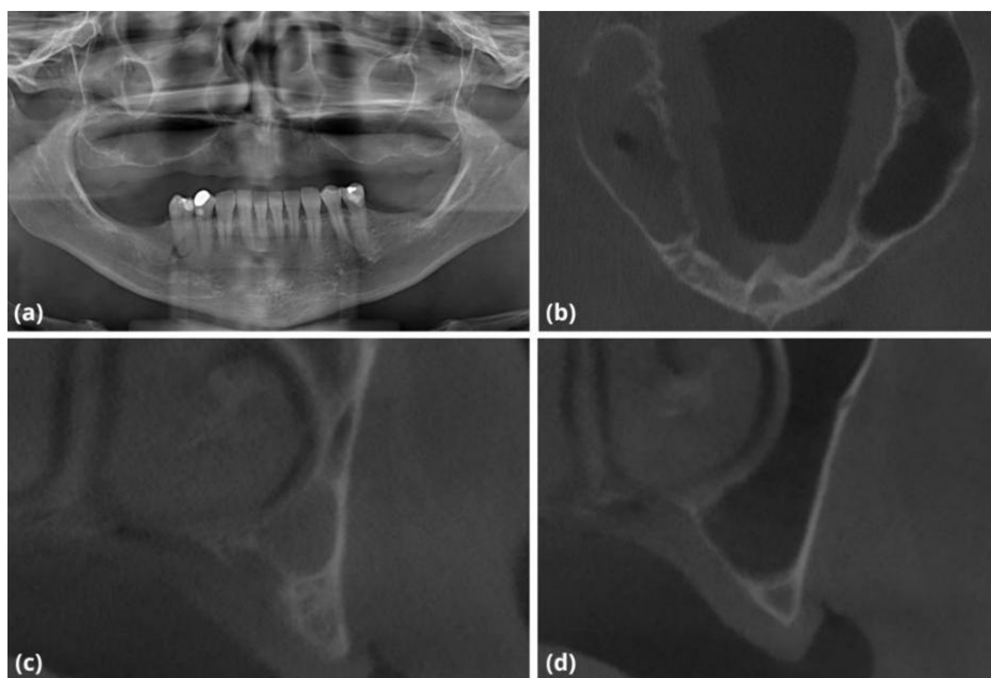


Figure 2. Radiographic findings from the initial situation. Panoramic radiograph (a). Axial and cross-section from the CBCT of maxilla (b-d).

Surgical Procedure

Before the surgical procedure, a multifunctional surgical guide was planned to allow ideal implant positioning and to enable immediate impression taking.

Preoperative medication included diazepam and 4 mg of betamethasone administered one hour before surgery. Local anesthesia with 4% articaine with epinephrine (1:100,000) was administered. After crestal incision and flap elevation, osteotomies were performed according to the manufacturer's recommendations. Two Zygoma-S GM implants (Neodent®, Curitiba, Brazil) measuring 3.75 × 37.5 mm were inserted in the zygomatic bone (Figure 3), and three Helix Short implants (Neodent®, Curitiba, Brazil) were placed in the anterior atrophic maxilla: two implants measuring 3.75 × 8.5 mm (regions #13 and #23), and one 5.0 × 8.5 mm implant placed in the nasopalatine foramen after resection of the nasopalatine canal (Figure 4). Osteotomies were carried out under continuous double irrigation, in accordance with the manufacturer's drilling protocol and recommended rotational speeds. The insertion torque for all implants was 60 N.cm. Bone quality was classified as type II.

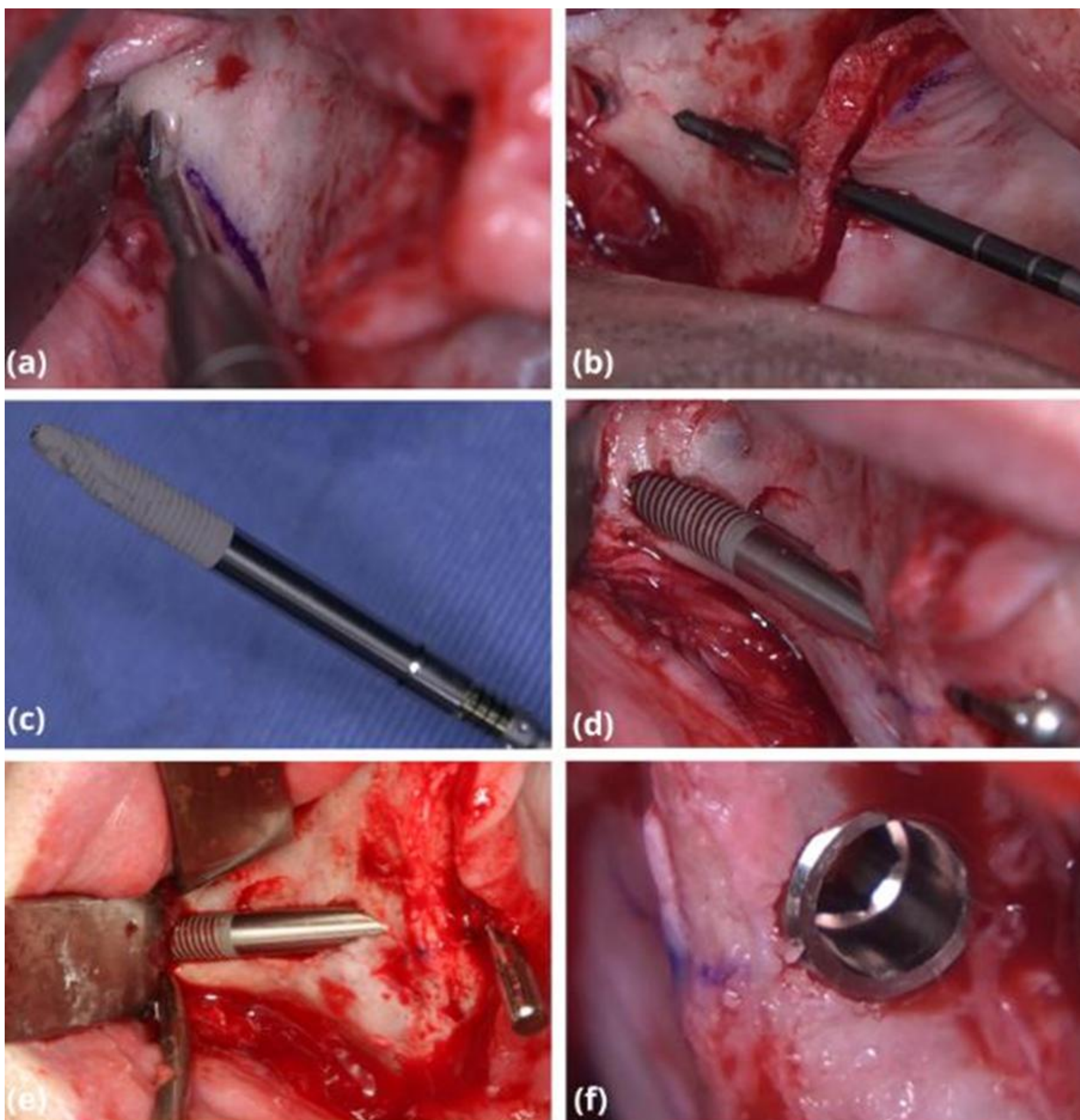


Figure 3 - Surgical procedure -Initial drilling of Zygoma-S implant (a-b). Macrogeometry of the Zygoma-S implant (c). Zygoma-S implant anchored in the zygomatic bone (d-f).

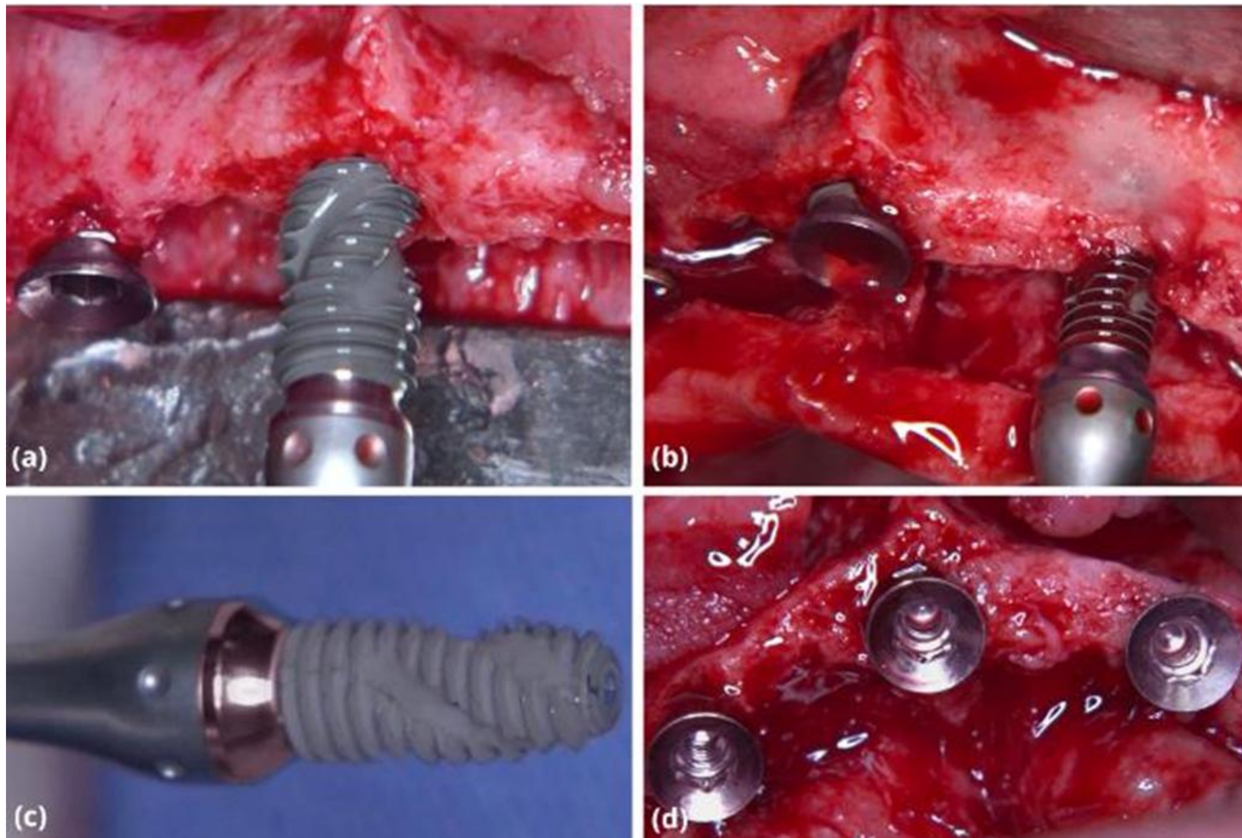


Figure 4 - Surgical procedure - Helix Short implants positioned (a–b). Macrogeometry of the Helix Short implant (c). Occlusal view of the short implants in place (d).

Following the achievement of primary stability for all implants, mini conical abutments were installed. For the zygomatic implants, GM Mini Conical Abutments 60° (Neodent®, Curitiba, Brazil) with 2.5 mm gingival height were used. For the Helix Short implants, HS Mini Conical Abutments (Neodent®, Curitiba, Brazil) with 2.5 mm (region #13), 2.5 mm (nasopalatine region), and 1.5 mm (region #23) gingival height were selected. All abutments were torqued according to the manufacturer's instructions.

Wound closure was achieved using simple sutures. The impression copings for the mini conical abutments were connected to the multifunctional guide using self-curing acrylic resin (Pattern Resin, GC America, IL, USA). The interocclusal record was refined using three reference points of self-curing acrylic resin. After confirming the vertical dimension of occlusion established by the multifunctional guide, the impression material was injected both the interocclusal record and the impression were sent to the dental laboratory to fabricate a full-arch, implant-supported fixed prosthesis. The definitive prosthesis was delivered 48 hours after surgery (Figure 5A-5B). Sutures were removed for seven days postoperatively.

Postoperative Care

Postoperative medication included amoxicillin 875 mg and Spidufem® 600mg. No adverse events were observed during or after surgery.

Follow-Up

The patient was followed up at 1, 6 and 12 months postoperatively, with annual monitoring. Satisfactory function and preservation of peri-implant mucosal health were observed throughout the observation period. Also, radiographic evaluation revealed satisfactory bone stability (Figure 5C-5I).

No mechanical or biological complications were observed during the 4-year follow-up period. All implants and the implant-supported prosthesis remained in function.

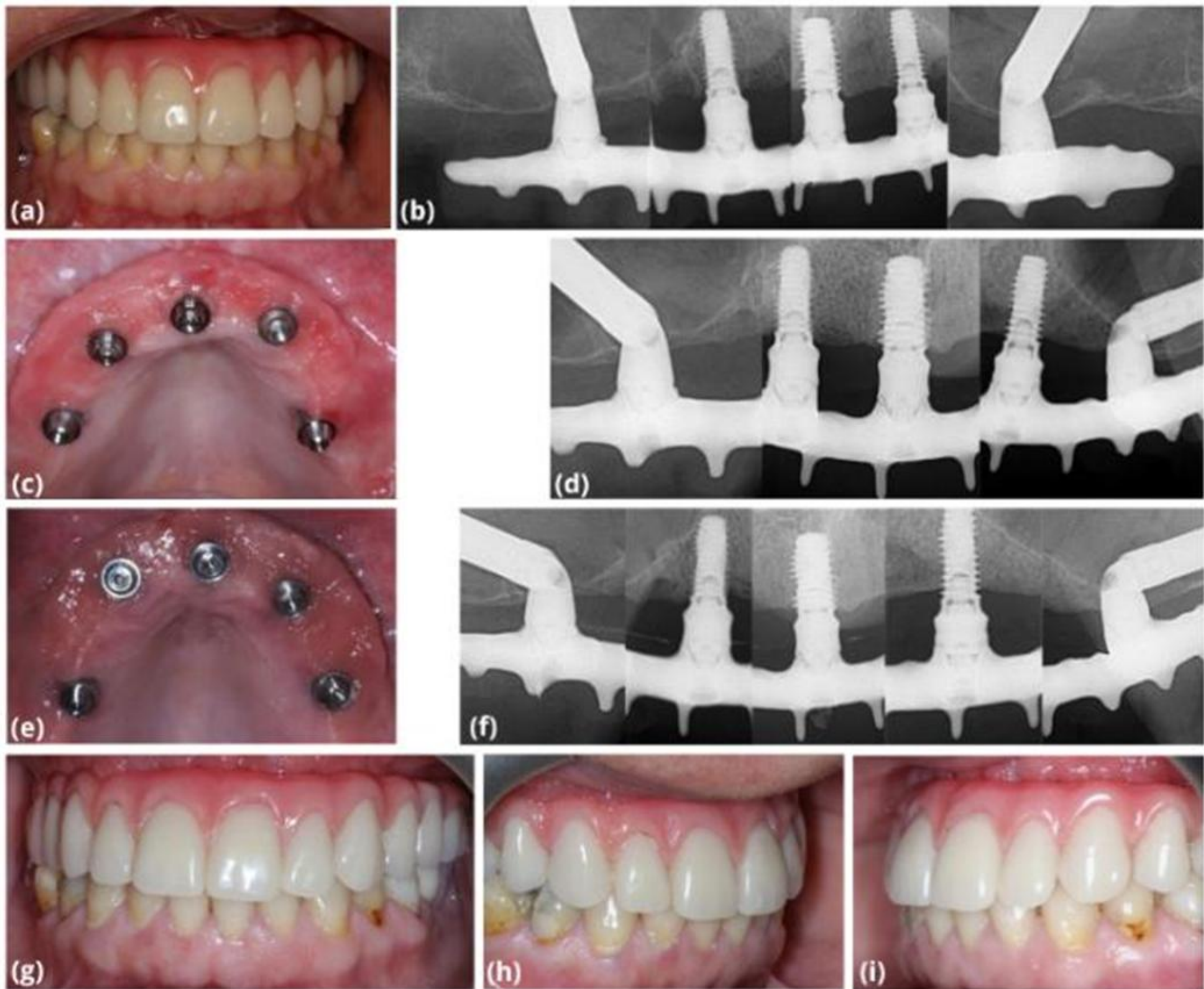


Figure 5 - Clinical and radiographic conditions: Final definitive prosthesis delivered at 48 hours postoperatively. (a–b); 1-year follow-up (c–d); 4-year follow-up (e–i).

Discussion

This case report describes the rehabilitation of atrophic maxilla using remote anchorage with zygomatic implants combined with short implants in the premaxilla. Immediate loading was performed. After a 4-year follow-up period, all implants remained stable and functional, with preservation of peri-implant bone levels. No mechanical or biological complications were observed during the mid-term follow-up. This case report describes the rehabilitation of atrophic maxilla using remote anchorage with zygomatic implants combined with short implants in the premaxilla. Immediate loading was performed. After a 4-year follow-up period, all implants remained stable and functional, with preservation of peri-implant bone levels. No mechanical or biological complications were observed during the mid-term follow-up.

Maxillary atrophy typically requires alternative rehabilitation strategies[20]. Conventional implant placement with sinus floor elevation or bone grafting is a standard approach[22]. However, from a patient perspective, this approach demonstrates increased morbidity and longer recovery time [23]. As a result, techniques that minimize or eliminate the need for bone grafting have gained relevance in the management of severe maxillary atrophy. In this context, alternative strategies such as remote anchorage using zygomatic implants have been proposed[8,24,25].

Remote anchorage provides a predictable treatment option for challenging maxillary defects, particularly in cases where severe bone resorption and extensive sinus pneumatization limit the feasibility of conventional implant placement[24]**.** This technique

consists of engaging distant cortical bone to enhance primary stability and optimize load distribution, particularly in severely atrophic jaws[26]. In addition to surgical advantages, remote anchorage also offers prosthetic benefits, including cantilever reduction and improved anterior–posterior distribution, which contribute to enhanced load transfer and long-term prosthetic stability[26]. These biomechanical characteristics may also support the feasibility of immediate loading protocols, as in addition to primary stability, implant distribution and cross-arch splinting are recognized as important factors for maintaining stability during the early healing phase.

The decision to use zygomatic anchorage in this clinical case was based on the presence of severe posterior maxillary atrophy and bilateral pneumatization of the maxillary sinus[8]. Zygomatic implants have demonstrated high survival rates, exceeding 95%[9,11-14]. In this case report, no implant loss occurred during the mid-term follow-up period. Postoperative sinusitis has been reported as the most common complication associated with zygomatic implants, while soft tissue dehiscence has also been identified as a potential adverse event[11,27,28]. No surgical or prosthetic complications were observed throughout the follow-up period.

Short implants are indicated in the anterior region when atrophic maxilla provides sufficient residual bone for stable placement[20,25]. In the present case, three straight short implants were placed in the premaxilla, including one positioned through a nasopalatine approach. The use of nasopalatine deflation associated with implant placement may be considered in cases of atrophic maxilla, as this anatomical structure may serve as an additional site for implant anchorage and enhance anterior implant support[29,30]. Careful anatomical assessment using CBCT is essential for proper treatment planning, since this region presents anatomical variation in size, morphology, and configuration across individuals and populations[31,32]. Because the nasopalatine canal contains neurovascular structures, implant placement in this region may result in neurosensory disturbances, including transient or permanent sensory alterations[33]. In full-arch rehabilitation, wide-platform implants are indicated in order to improve primary stability and allow immediate loading[34]. A retrospective study examined fifteen edentulous patients who were rehabilitated using zygomatic implants in conjunction with implants placed in the nasopalatine foramen. All patients underwent immediate loading and were followed for 8 years. In this case report, no implant failures or sensory disturbances in the nasopalatine region were observed during the follow-up period[29].

Several studies have demonstrated predictable outcomes when two zygomatic implants are combined with anterior maxillary implants, supporting this configuration as a reliable alternative for the rehabilitation of the atrophic maxilla[9,35,36]. Alternative full-arch rehabilitation protocols have also been proposed for the treatment of atrophic maxilla, such as the All-on-4 concept, which relies on two anterior implants and two posterior tilted. Both treatment approaches have shown favorable surgical and prosthetic outcomes[37]. However, other factors such as patient satisfaction and the incidence of biological complications may differ between treatment modalities [37]. Therefore, the choice between these approaches may depend on clinical experience and patient preference factors.

Zygomatic implant placement is considered technique-sensitive and requires thorough anatomical knowledge and surgical expertise, proper execution is essential to minimize complications and achieve predictable outcomes[38-40]. Similarly, short implants have also been proposed as a less invasive alternative in cases with limited bone height, as they avoid grafting procedures and are associated with fewer biological complications and reduced morbidity compared to standard-length implants placed with sinus floor elevation[2,17].

In this case report, the strategic use of posterior zygomatic implants with short implants in the premaxilla enhanced the anterior–posterior spread and reduced cantilever length, resulting in favorable load distribution and improved prosthetic stability. These findings are supported by literature, which found that higher cantilever/anterior–posterior spread (CL/AP) ratios were associated with an increased frequency of screw loosening and prosthetic complications[41,42].

Conclusion

This clinical case report demonstrates that treatment with remote anchorage using zygomatic implants in combination with short implants in premaxilla represents a strategic approach for the rehabilitation of atrophic maxilla. This protocol allows for a reduction in the number of surgical stages and ensures a mechanically stable prosthetic outcome. After a 4-year follow-up period, all implants demonstrated stability of peri-implant bone level and preservation of peri-implant mucosal health. As this report describes a single clinical case, the findings should be interpreted with caution and cannot be generalized. Further long-

term studies are needed to confirm the predictability of this approach for the rehabilitation of atrophic maxilla.

References

1. Thoma DS, Zeltner M, Hüsler J, Hämmerle CH, Jung RE. EAO Supplement Working Group 4 - EAO CC 2015 Short implants versus sinus lifting with longer implants to restore the posterior maxilla: a systematic review. Clin Oral Implants Res. 2015 Sep;26 Suppl 11:154-69. doi: 10.1111/clr.12615

2. Mester A, Onisor F, Di Stasio D, Piciu A, Cosma AM, Bran S. Short Implants versus Standard Implants and Sinus Floor Elevation in Atrophic Posterior Maxilla: A Systematic Review and Meta-Analysis of Randomized Clinical Trials with ≥5 Years' Follow-Up. J Pers Med. 2023 Jan 18;13(2):169. doi: 10.3390/jpm13020169

3. Esposito M, Grusovin MG, Rees J, Karasoulos D, Felice P, Alissa R. *et al.* Interventions for replacing missing teeth: augmentation procedures of the maxillary sinus. Cochrane Database Syst Rev. 2010 Mar 17;(3):CD008397. doi: 10.1002/14651858.CD008397. Update in: Cochrane Database Syst Rev. 2014 May 13;(5):CD008397. doi: 10.1002/14651858.CD008397.pub2

4. Lyu M, Xu D, Zhang X, Yuan Q. Maxillary sinus floor augmentation: a review of current evidence on anatomical factors and a decision tree. Int J Oral Sci. 2023 Sep 15;15(1):41. doi: 10.1038/s41368-023-00248-x

5. Venkatachalam V, Pandiarajan R, Meyappan A, Anbukkarasu H. Evaluation of Surgical Outcomes of Zygomatic Implant-Supported Rehabilitation of Atrophic Maxillary Arches - A Prospective Study. Ann Maxillofac Surg. 2024 Jan-Jun;14(1):27-32. doi: 10.4103/ams.ams_32_23

6. Ponnusamy S, Holtzclaw D, Gonzalez J. The Moderately Atrophic Maxilla: The PATZI Protocol (Pterygoid, Anterior, Tilted, Zygomatic Implants). Atlas Oral Maxillofac Surg Clin North Am. 2025 Sep;33(2):141-148. doi: 10.1016/j.cxom.2025.04.003

7. Malevez C, Daelemans P, Adriaenssens P, Durdu F. Use of zygomatic implants to deal with resorbed posterior maxillae. Periodontol 2000. 2003;33:82-9. doi: 10.1046/j.0906-6713.2002.03307.x

8. Aparicio C, Manresa C, Francisco K, Claros P, Alández J, González-Martín O. *et al.* Zygomatic implants: indications, techniques and outcomes, and the zygomatic success code. Periodontol 2000. 2014 Oct;66(1):41-58. doi: 10.1111/prd.12038

9. Migliorança RM, Irschlinger AL, Peñarrocha-Diago M, Fabris RR, Javier AV, Zotarelli Filho IJ. History of zygomatic implants: A systematicreview and meta-analysis. Dent Oral CraniofacRes. doi:10.15761/DOCR.1000289

10. Solà Pérez A, Pastorino D, Aparicio C, Pegueroles Neyra M, Khan RS, Wright S. *et al.* Success Rates of Zygomatic Implants for the Rehabilitation of Severely Atrophic Maxilla: A Systematic Review. Dent J (Basel). 2022 Aug 12;10(8):151. doi: 10.3390/dj10080151

11. Gracher AHP, de Moura MB, da Silva Peres P, Thomé G, Padovan LEM, Trojan LC. Full arch rehabilitation in patients with atrophic upper jaws with zygomatic implants: a systematic review. Int J Implant Dent. 2021 Feb 26;7(1):17. doi: 10.1186/s40729-021-00297-z.

12. Rebelo HL, Sales PH, Silva PG, Leão JC, Carvalho AD. Effectiveness of zygomatic implants using the externalized technique in the rehabilitation of atrophic maxillae. A systematic review with meta-analysis. Med Oral Patol Oral Cir Bucal. 2025 Oct 14:27117. doi: 10.4317/medoral.27117

13. Urgell JP, Gutiérrez VR, Escoda CG. Rehabilitation of atrophic maxilla with zygomatic implants: review of 101 zygomatic implants. Med Oral Patol Oral y Cir Bucal. 2008;13(6):E363–70

14. Dos Santos PL, Silva GH, Da Silva Pereira FR, da Silva RD, Campos ML, Mattos TB. *et al*. Zygomatic Implant Subjected to Immediate Loading for Atrophic Maxilla Rehabilitation. J Craniofac Surg. 2016. Nov;27(8):e734-e737. doi: 10.1097/SCS.0000000000003063

15. Annibali S, Cristalli MP, Dell'Aquila D, Bignozzi I, La Monaca G, Pilloni A. Short dental implants: a systematic review. J Dent Res. 2012 Jan;91(1):25-32. doi: 10.1177/0022034511425675

16. Arbildo-Vega HI, Cruzado-Oliva FH, Infantes-Ruíz ED, Luján-Valencia SA, Meza-Málaga JM, Marroquín-Soto C. *et al*. Clinical performance of short implants vs. standard implants in edentulous patients. An umbrella review. Front Oral Health. 2025 Sep 18;6:1670095. doi: 10.3389/froh.2025.1670095

17. Anitua E, Piñas L, Begoña L, Orive G. Long-term retrospective evaluation of short implants in the posterior areas: clinical results after 10-12 years. J Clin Periodontol. 2014 Apr;41(4):404-11. doi: 10.1111/jcpe.12222

18. Sivolella S, Giovannini S, Berberi J, Stocchero M, Brunello G. Clinical and radiographic outcomes of extra-short implants (≤ 6 mm) in the posterior atrophic jaws: a retrospective cohort study. Int J Implant Dent. 2025 Jan 20;11(1):4. doi: 10.1186/s40729-025-00592-z.

19. Alenezi AT, Alkandari M, Alkandari M, Alkhashan D, Albakheet F, Owayed. *et al*. Effectiveness of Short Implants Versus Long Implants With Sinus Floor Elevation in Patients With Atrophic Posterior Maxilla: A Systematic Review and Meta-Analysis. Cureus. 2025 Jul 31;17(7):e89103. doi: 10.7759/cureus.89103.

20. Caramês JA. Comprehensive Classification to Full Arch Implant Rehabilitation. Rev. Port. Estomatol. Med. Dent. Cir. Maxilofac. 2019, 60, 175–188

21. Bahaa A, Bahaa A, El-Bagoury N, Khaled N, El-Mohandes WA, Ibrahim AM. Immediate Loading Implant-Supported Fixed Full-Arch Rehabilitation Using a New Clinical Decision-Support System: A Case Series. Cureus. 2024 Aug 26;16(8):e67879. doi: 10.7759/cureus.67879

22. Valentini P, Stacchi C. Prevention and management of intra-operative complications in maxillary sinus augmentation: A review. Clin Implant Dent Relat Res. 2025 Feb;27(1):e13397. doi: 10.1111/cid.13397

23. Grandi T, Toti P, Paoleschi C, Giorgi M, Covani U, Menchini-Fabris GB. Psychosocial Impact of Maxilla-For-All® Treatment Using Standard and Long Implants (Pterygoid, Trans-Sinus and Zygomatic) on Patients with Severe Maxillary Atrophies: A 1-Year Prospective Study with PIDAQ-23 and OHIP-14. J Clin Med. 2025 May 19;14(10):3544. doi: 10.3390/jcm14103544

24. Parel SM, Brånemark PI, Ohrnell LO, Svensson B. Remote implant anchorage for the rehabilitation of maxillary defects. J Prosthet Dent. 2001 Oct;86(4):377-81. doi: 10.1067/mpr.2001.118874

25. Esposito M, Worthington HV. Interventions for replacing missing teeth: dental implants in zygomatic bone for the rehabilitation of the severely deficient edentulous maxilla. Cochrane Database Syst Rev. 2013 Sep 5;2013(9):CD004151. doi: 10.1002/14651858.CD004151.pub3

26. Malhotra D, Variyta, Kaur S. Remote Anchorage Solutions in Implantology: A Comprehensive Review. J. Maxillofac. Oral Surg. 2025. doi: 10.1007/s12663-025-02657-3

27.Vrielinck L, Moreno-Rabie C, Coucke W, Jacobs R, Politis C. Retrospective cohort assessment of survival and complications of zygomatic implants in atrophic maxillae. Clin Oral Implants Res. 2023 Feb;34(2):148-156. doi: 10.1111/clr.14027

28. Kämmerer PW, Fan S, Aparicio C, Bedrossian E, Davó R, Morton D. *et al.* Evaluation of surgical techniques in survival rate and complications of zygomatic implants for the rehabilitation of the atrophic edentulous maxilla: a systematic review. Int J Implant Dent. 2023 May 17;9(1):11. doi: 10.1186/s40729-023-00478-y

29. Leighton Y, de Souza RF, Borie E. Using the Nasopalatine Canal for Enhanced Distribution in Severely Atrophic Maxilla With Immediate Loading of Zygomatic Implants: An 8-Year Retrospective Cohort Study. J Craniofac Surg. 2025 Jun 1;36(4):e374-e376. doi: 10.1097/SCS.0000000000010866

30. Ewers R. The incisal foramen as a means of insertion for one of three ultra-short implants to support a prosthesis for a severely atrophic maxilla - A short-term report. Heliyon. 2018 Dec 27;4(12):e01034. doi: 10.1016/j.heliyon.2018.e01034

31. Yadav U, Shenoy N, Ahmed J, Sujir N, M A, Gupta A. Assessment of variations in the nasopalatine canal on CBCT: considerations from an anatomical point of view. J Periodontal Implant Sci. 2025 Feb;55(1):62-71. doi: 10.5051/jpis.2401300065.

32. Özarslantürk S, Ceylan Şen S, Saraç Atagün Ö. Retrospective Evaluation of Nasopalatine Canal Anatomy, Dimensions, and Variations with Alveolar Bone in Patients Scheduled for Maxillary Anterior Dental Implant Surgery Using Cone Beam Computed Tomography. Tomography. 2025 Oct 12;11(10):114. doi: 10.3390/tomography11100114.

33. de Mello JS, Faot F, Correa G, Chagas Júnior OL. Success rate and complications associated with dental implants in the incisive canal region: a systematic

review. Int J Oral Maxillofac Surg. 2017 Dec;46(12):1584-1591. doi: 10.1016/j.ijom.2017.05.002.

34. Gehrke SA, da Silva UT, Del Fabbro M. Does Implant Design Affect Implant Primary Stability? A Resonance Frequency Analysis-Based Randomized Split-Mouth Clinical Trial. J Oral Implantol. 2015 Dec;41(6):e281-6. doi: 10.1563/aaid-joi-D-13-00294.

35. Aghabeigi B, Bousdras VA. Rehabilitation of severe maxillary atrophy with zygomatic implants. Clinical report of four cases. Br Dent J. 2007 Jun 9;202(11):669-75. doi: 10.1038/bdj.2007.479

36. Faot F, Thomé G, Bielemann AM, Hermann C, Melo AC, Padovan LE, et al. Simplifying the Treatment of Bone Atrophy in the Posterior Regions: Combination of Zygomatic and Wide-Short Implants-A Case Report with 2 Years of Follow-Up. Case Rep Dent. 2016;2016:5328598. doi: 10.1155/2016/5328598

37. Fernández-Ruiz JA, Sánchez-Siles M, Guerrero-Sánchez Y, Pato-Mourelo J, Camacho-Alonso F. Evaluation of Quality of Life and Satisfaction in Patients with Fixed Prostheses on Zygomatic Implants Compared with the All-on-Four Concept: A Prospective Randomized Clinical Study. Int J Environ Res Public Health. 2021 Mar 25;18(7):3426. doi: 10.3390/ijerph18073426.

38. Filho HN, Amaral WS, Curra C, Cardoso CL, dos Santos PL. Zygomatic implant: Late complications in a period of 12 years of experience. Rev. Clin. Periodoncia Implantol. Rehabil. Oral. 2017; 10(3): 176-179. doi: 10.1016/j.piro.2016.03.007

39. Ramezanzade S, Yates J, Tuminelli FJ, Keyhan SO, Yousefi P, Lopez-Lopez J. Zygomatic implants placed in atrophic maxilla: an overview of current systematic reviews and meta-analysis. Maxillofac Plast Reconstr Surg. 2021 Jan 6;43(1):1. doi: 10.1186/s40902-020-00286-z

40. Fan S, Sáenz-Ravello G, Diaz L, Wu Y, Davó R, Wang F. *et al*. The Accuracy of Zygomatic Implant Placement Assisted by Dynamic Computer-Aided Surgery: A Systematic Review and Meta-Analysis. J. Clin. Med. 2023, 12, 5418. https://doi.org/10.3390/jcm12165418

41. Maló P, de Araújo Nobre M, Lopes A, Francischone C, Rigolizzo M. "All-on-4" immediate-function concept for completely edentulous maxillae: a clinical report on the medium (3 years) and long-term (5 years) outcomes. Clin Implant Dent Relat Res. 2012 May;14 Suppl 1:e139-50. doi: 10.1111/j.1708-8208.2011.00395.x

42. Younes IA, Able FB, De Moraes KC, Sartori IAM. Survival Rate of Implants and Mechanical Complications for 64 Implant-Supported Complete-Arch Prostheses in Maxillary Edentulous Patients with a Follow-up of up to 12 Years: A Cross-Sectional Analytical Study. Int J Oral Maxillofac Implants. 2024 Dec 11;39(6):823-828. doi: 10.11607/jomi.10809

Como citar este artigo: Thomé G, Cartelli CA, Rotta I, Rocha SB. Management of the atrophic maxilla using remote anchorage with zygomatic and short Implants: a 4-year follow-up case report. J Orofac Innov Sci. 2026;3(1):50-60.